Diário de Lisboa

Abril 1977
Terça-feira
19

ANO 57.º
N.º 19 331
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

FUNCHAL: CONFLITO SINDICAL NA ORIGEM DE INCIDENTES

Corpo de Intervenção não poupou turistas

À bastonada, as forças policiais carregaram sobre os manifestantes e os transeuntes, chegando a agredir turistas.

FUNCHAL, 19 — Forças de intervenção da Polícia de Segurança Pública fizeram ontem à tarde a sua primeira «saída em serviço», correndo à bastonada cerca de 300 trabalhadores da indústria hoteleira que pretendiam manifestar-se junto do Palácio do Governo Regional. A violência da intervenção policial não tem paralelo com qualquer outra aqui registada. Inúmeras pessoas sofreram a carga dos «agentes da autoridade»: foram agredidos trabalhadores, mulheres, crianças, funcionários públicos, e até turistas.

Os factos começaram ao princípio da tarde, quando a P. S. P. foi chamada a intervir para «despejar» o Sindicato da Indústria de Hotelaria, cujas instalações haviam sido ocupadas na última sexta-feira por um grupo de sócios e directores dissidentes. Na origem da ocupação, o facto de os responsáveis pelo Sindicato não darem satisfações à classe, procedendo às negociações do respectivo contrato colectivo de trabalho sem informar os trabalhadores. Estes acusam os dirigentes «que nem sócios do Sindicato eram antes de assumirem a direcção) de funcionarem sem um Conselho Fiscal, dispensando-se de apresentar contas. Aliás, e curiosamente, os mais altos responsáveis pelos destinos do Sindicato trabalham nos melhores hóteis (de cinco estrelas), sendo agora acusado de fazerem o «jogo» da entidade patronal.

Consumada a ocupação do Sindicato, com participação da iniciativa a «quem de direito» (e mudança de fechaduras), os novos dirigentes ficaram ali até ao meio-dia de ontem, quando forças da P. S. P. sob o comando do major Nunes, procederam à desocupação por meios violentos.

Ao tomarem conhecimento do facto, centenas de trabalhadores da hotelaria começaram a concentrar-se no centro da cidade, deixando piquetes de serviço nas respectivas unidades hoteleiras. Reunidos cerca de 300 manifestantes, estes decidiram dirigir-se ao palácio do Governo, para protestar contra a intervenção da Polícia na desocupação do Sindicato.

Quando os manifestantes se encontravam na Avenida Zarco, nas proximidades do Governo, surgiram dezenas de polícias de choque, com viseira, capacete e bastão, que imediatamente carregaram sobre os trabalhadores da hotelaria e, sem qualquer discriminação sobre todas as pessoas que se encontravam ocasionalmente no local. Alguns manifestantes procuraram refugiar-se dentro do edifício dos Correios, que se situa nas proximidades, tendo sido seguidos pelo próprio comandante das forças de intervenção, comissário Barbosa, à frente de elementos policiais, que distribuíram bastonadas por quem quer que se encontrasse dentro do edifício, agredindo violentamente turistas e os próprios funcionários dos C. T. T.

Na rua, um estrangeiro, ante a fúria policial, pôs as «mãos no ar», encostando-se a uma parede, o que deve ter parecido «uma provocação» aos homens do comissário Barbosa que não o pouparam à sua fúria.

Pelo menos quatro turistas agredidos apresentaram queixa à delegação de Turismo da Madeira.

Dezenas de pessoas receberam tratamento no hospital do Funchal. Entre os agredidos conta-se um deputado do Partido Socialista, funcionários da Junta Autónoma do Funchal, cujo edifício se situa nas proximidades e que saíam do seu emprego e, naturalmente, funcionários dos Correios, além de numerosos trabalhadores da hotelaria.

A agressão das forças policiais é comentada nesta cidade como verdadeiramente insólita, dado que foi a primeira vez que tais forças actuaram com tal violência. Testemunhas afirmam que «alguma coisa se passava com aqueles homens, pois tinham os olhos dilatados, e alguns estavam até irreconhecíveis».

Na memória dos madeirenses ficará esta primeira actuação do Corpo de Intervenção da P.S.P.: uma violência que a população nunca conheceu, nem em tempo de fascismo.

PARA VINGAR MULHER VIOLADA

Populares de Tábua invadiram tribunal e espancaram culpados

TÁBUA, 19 — Tudo leva a crer que a calma voltou às ruas desta vila depois dos incidentes que ontem a puseram em alvoroço e que culminaram com o espancamento de dois indivíduos, dos quais um se encontra hospitalizado em perigo de vida.

Na origem da mobilização popular, que teve o seu início por volta das 16 horas e que levaria o povo, duas horas mais tarde, a assaltar o tribunal da comarca e travar um combate violento e prolongado com as forças da GNR, está o assalto de que foi vítima, no passado dia 15, uma mulher de 72 anos de idade, Adelina Abreu Figueiredo, residente na Quinta dos Lameirinhos. Esta mulher, muito respeitada na vila, foi assaltada às três horas da madrugada desse dia por dois indivíduos que, depois de a terem violado, obrigado à prática de actos sexuais aberrantes e espancado, fugiram com vários objectos de ouro, deixando-a amarrada.

O caso provocou, como é natural, a indignação de todos, e essa indignação começou a revestir-se de características ameaçadoras quando constou que um dos assaltantes, um cadastrado recentemente saído da Penitenciária, onde cumprira uma pena de dois anos de prisão, fora preso em Coimbra. A prisão desse indivíduo, Rogério Rodrigues Cabral, teve efectivamente lugar horas depois deste e outro cúmplice ter assaltado a septuagenária, no decorrer de uma rusga de roti-

Continua na pág. 20

NA SEQUÊNCIA DOS DESPEDIMENTOS NA MARRIOT

GNR prendeu 14 trabalhadores

Na sequência de duas intervenções da G.N.R. ontem efectuadas na Marriot Portuguesa, a última das quais cerca das 23 e 20, foram detidos 14 trabalhadores daquela empresa. Segundo conseguimos apurar esta manhã, aquele grupo de trabalhadores encontrava-se detido junto do Tribunal de Polícia, aguardando que o comandante da força que os prendeu e o juiz chegassem a acordo sobre o local do julgamento.

A prisão destes trabalhadores deverá ter sido efectuada na altura da última intervenção, uma vez que a força da GNR que ali compareceu tinha o objectivo «prender os trabalhadores que não cumprirem as ordem do Governo».

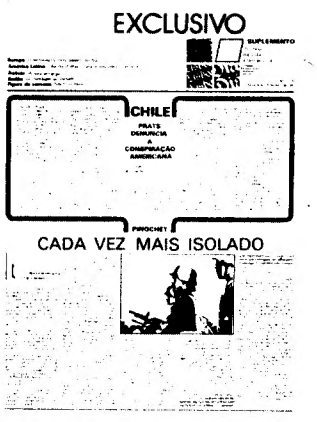
As ordens do Governo, neste caso um telex enviado pelo Ministério do Trabalho à administração da Marriot (multinacional americana que abastece de refeições a aviação comercial), em que se dizia que «nada há a opor à cessação dos contratos de trabalho em causa», originaram a resistência dos 46 atingidos pelo despedimento, que recusaram o abandono do local do trabalho.

Os despedimentos intentados pela administração da Marriot em Janeiro, com o argumento de graves e insuperáveis dificuldades financeiras, concretizam-se desta forma com o assentimento do Ministério do Trabalho e a intervenção da GNR, com um efectivo de duzentos homens.

A presença destas forças policiais seria, de acordo com informações prestadas pela administração à Comissão de Trabalhadores, da responsabilidade do Ministério do Trabalho, que as teria requisitado, com o objectivo de fazer afastar do local de trabalho os trabalhadores despedidos.

A intervenção das forças policiais durante a tarde não tinha originado incidentes, tendo por objectivo, apenas, retirar das instalações da Marriot os trabalhadores que faziam parte da lista de despedimentos mas que continuavam a laborar. Essa força acabaria por impedir a entrada de trabalhadores que também faziam parte da lista e que pretendiam

Continua na pág. 20



HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

Coincidindo com a passagem do 44.º aniversário da fundação do Partido Socialista do Chile, o Partido de Allende, o «Exclusivo» de hoje dedica particular atenção a problemas daquele país mártir da América Latina, nomeadamente um artigo sobre o «diário póstumo» do general Prats, assassinado no seu exílio da Argentina. O nosso suplemento inclui ainda artigos sobre feminismo na Europa do Sul, problemas dos países produtores de açúcar, etc.

Flávio Martins fala do leite que bebemos

(Centrais)

Política de A a Z

TRÊS ANOS DEPOIS

Decorridos três anos, nenhum triunfalismo nos é consentido. O povo unido que jamais seria vencido, é, hoje, um povo politicamente dividido, uma «esquerda» dividida, uma classe operária dividida. A cisão sindical caminha para a criação de centrais sindicais rivais. Podemos dizer que esta é uma vitória dos pertinazes adversários da unidade das classes trabalhadoras no plano sindical, unidade que pode, e deve, ser compatível com a livre opção política (e eleitoral), com o pluralismo das ideologias e das crenças.

O livre debate nos sindicatos, a vida democrática no plano da actividade sindical, garantem o trabalho político dos partidos, a doutrinação das várias correntes do pensamento político e social. O sindicato não deverá ser «uma correia de transmissão»; não deverá apresentar-se como apendicular de um «partido político». Mas as divisões sindicais processam-se, normalmente, no sentido de reforçar esse vício. Quando se proclama, entre nós, a necessidade de uma segunda central sindical, contesta-se uma influência política, mas pretende-se criar outra influência política. Não estamos perante um processo de neutralização (por via democrática), estamos perante um processo de substituição (por via da cisão sindical, da concorrência das centrais sindicais).

Este aspecto é grave. Não se criam as bases de uma vida sindical democrática e independente. Transportam-se para o plano sindical querelas que enfraquecem o campo democrático.

E o que se conseguiu no plano sindical, com gáudio exuberantemente expresso pela Imprensa que serve a «direita» e é a voz do patronato saudoso do «antigamente», tem tido um paralelo a que, incontestavelmente, urge pôr termo no plano militar. O processo disciplinar de Otelo Saraiva de Carvalho é significativo. Politicamente exemplar. E, politicamente, errado. Os inimigos irredutíveis do 25 de Abril não ficarão apaziguados apenas com as trinta e duas cabeças dos incriminados por acusações que na maioria dos casos não resistem à factual contestação dos acusados e à análise dos homens desapaixonados. Não lhes basta a cabeça de Otelo, a exautoração do COPCON. Eles pedem, que numa salva, lhes sejam servidas outras cabeças. Querem as empresas, as terras, os bancos, os lugares em São Bento e no Terreiro do Paço, a «ordem», o «regresso», a «desforra».

Três anos depois, nenhum triunfalismo nos é consentido. Porque as dificuldades são inúmeras; são graves. Mas, principalmente, porque de cedência em cedência, abrimos ao inimigo as portas da cidade. Porque já se confundem os discursos. Porque já encontrámos a «nova ordem» a justificar-se, perante a opinião nacional e perante a opinião internacional, usando os argumentos de «antigamente».

A falta de formação política e a precária consistência ideológica de alguns dos cidadãos promovidos às altas funções, a cabala por proporcionar-nos esse espectáculo triste.

Três anos depois...

BEM PREGA KALIDÁS

Na opinião de Kalidás Barreto, do Congresso dos Sindicatos, a todos os sindicatos abertos, o Movimento Sindical saiu reforçado. E, como é patente, é esse reforço que acaba por precipitar a diligência imprudente de acelerar a organização de uma segunda central sindical. Kalidás Barreto exprime uma conclusão elementar: 262 sindicatos não podem constituir uma força antidemocrática. E completa o seu pensamento: «É que, a ser assim, eu teria que descrer dos trabalhadores deste País porque elegeram esses dirigentes sindicais.»

Não se pode defender a ideia de que os votos da maioria dos trabalhadoress são válidos, esclarecidos e conscientes, quando expressos por ocasião de eleições políticas, e sao desprovidos de validade nas eleições sindicais; não se pode defender a ideia de que os trabalhadores sabem eleger os deputados (dos partidos) e não sabem eleger os dirigentes (dos seus sindicatos).

Esta reflexão dá um maior impacto às palavras claras de Kalidás Barreto: «É preciso que os trabalhadores portugueses, nesta hora grave para o Movimento Sindical, dêem as mãos e saibam de que lado está a razão. É preciso que os trabalhadores vejam claro, porque o nosso inimigo não está efectivamennte na esquerda; o nosso inimigo está na direita. Porque, contrariamente ao que muita gente diz, o nosso inimigo é efectivamente, e sempre, o capital. E o capital está junto das forças da direita.»

Uma voz socialista pregando a ouvidos duros, esta voz do sindicalista Kalidás Barreto. Mas uma voz que exprime, com paixão compreensível, a conclusão de uma longa experiência histórica.

BEM INTERROGA AMARO

Amaro da Costa, o atento e hábil vice-presidente do CDS, não gostou das contumélias aproximativas entre PS e PSD. Em nome de um CDS, partido do centro e da competência, decidiu lançar ao Governo, com alguma severidade, uma constitucional advertência.

Tomou essa advertência, como convinha a uma professoral formação política, a expressão inesperada de um «exame de frequência». São sessenta e cinco perguntas, de sebenta e de algibeira, a que o Governo de Mário Soares terá que dar resposta mal findas as festas. A técnica deste «golpe constitucional» nada tem de novo. Repete a ofensiva do parlamentar do PSD, mas empresta-lhe uma forma impertinente de interrogatório sistemático. São sessenta e cinco perguntas que acompanharão dia e noite os membros do Governo até que, o professor Diogo Freitas do Amaral lhes dê nota de passagem.

De admitir é que, mesmo sem convencer o CDS (e o «País real»), o Governo passe. De resto, o CDS aposta mais na exibição das perguntas, do que no resultado das respostas. E interrogando em São Bento, será, para um Ramalho Eanes preocupado, que Amaro da Costa recolherá respostas.

MÁRIOS SOARES NOS EUA

Encontro hoje em Nova Iorque com banqueiros e industriais

Uma audiência em Nova Iorque, às 10 horas locais (15 horas de Lisboa) a representantes de bancos e de outras empresas com interesses em Portugal, abre o programa de hoje da visita de três dias do dr. Mário Soares aos Estados Unidos, durante a qual o Primeiro-Ministro português terá conversações com o presidente Carter e com o secretário de Estado, Cyrus Vance.

Às 10 e 30 o dr. Mário Soares terá uma troca de impressões em privado com o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, e às 12 e 30 participa num almoço volante durante o qual falará para os redactores do semanário «Time» sobre a situação em Portugal.

Após o almoço Mário Soares regressa às instalações da ONU onde às 15 e 30 dá uma conferência de Imprensa para os correspondentes estrangeiros acreditados junta daquela organização. Às 17 e 30 receberá o galardão da Liga Internacional dos Direitos do Homem, seguindo-se um jantar a título privado.

Andrew Young, delegado-chefe dos EUA na ONU fará a apresentação formal em nome da Liga, um órgão privado.

O Primeiro-Ministro português, que viaja acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, pelo seu assessor diplomático, Francisco Knopfli e pelo secretário para as relações internacionais do P.S., Rui Mateus, devido a uma avaria no avião que o deveria transportar de Londres, só ontem ao fim da tarde chegou a Nova Iorque, o que obrigou a passar uma noite não prevista na capital britânica e a cancelar contactos particulares que tencionava manter durante o dia de ontem em Nova Iorque.

PORTUGAL NA C E E

O presidente da Comissão da Comunidade Europeia, Roy Jenkins, e o presidente norte-americano Jimmy Carter, examinaram ontem, as candidaturas de Portugal e da Grécia à CEE, durante o encontro de uma hora que tiveram em Washington.

Os dois políticos analisaram também a candidatura da Espanha, que deverá ser apresentada ainda este ano.

O encontro incidiu ainda sobre os preparativos da cimeira marcada para 7 e 8 de Maio em Londres. Foram igualmente abordados aspectos da situação geral da economia europeia e mundial, discutidas questões relacionadas com as negociações SALT e com o problema da não proliferação da energia nuclear e da sua utilização para fins pacíficos.

Comissão de Trabalhadores do "DL" foi recebida por Roque Lino

Uma delegação da Comissão de Trabalhadores da Renascença Gráfica/«Diário de Lisboa» foi recebida ontem em audiência na Secretaria de Estado da Comunicação Social, pelo respectivo titular, dr. Roque Lino.

Além da entrega de um memorandum, contendo todas as iniciativas e contactos dos representantes dos trabalhadores com o Governo — desde há um ano — no sentido de resolver a questão da definição jurídica da empresa, a CT do «DL» apresentou ao dr. Roque Lino um documento subscrito por 206 trabalhadores da RG/DL, (mais de 80 por cento do total), onde se solicita a aplicação das medidas já anunciadas, que salvaguardem a viabilidade actual da empresa.

Os trabalhadores da RG/DL sublinham ainda no citado documento, elaborado durante a vigência de Manuel Alegre, que «o equilíbrio financeiro conseguido nestes três últimos anos, à custa de enormes sacrifícios dos trabalhadores e da sua consciente intervenção na gestão da empresa, pode ser destruído», e acentuam «a função cultural e o espaço informativo político do «DL», atestado pelo crescente aumento dos seus leitores e a necessidade de garantir a sua independência».

O secretário de Estado, mostrando-se dialogante e aberto a uma solução que defenda um jornal respeitado e uma empresa economicamente viável, indicou ser possível até fins de Maio próximo a aplicação de medidas que salvaguardem o «DL» e a imprensa estatizada em geral.

ROQUE LINO VISITOU RDP

O secretário de Estado da Comunicação Social, dr. Roque Lino, visitou, ontem à tarde, as instalações da Radiodifusão Portuguesa — RDP.

Tal iniciativa enquadra-se na série de contactos que aquele membro do Governo tem vindo a desenvolver com os órgãos de Comunicação Social, tendo visitado já a RTP, e todos os jornais estatizados de Lisboa, «em ordem a ter uma percepção mais real dos problemas que se põem em relação à comunicação social», conforme declarou na ocasião.

O dr. Roque Lino revelou que se deslocará ao Porto, ainda esta semana, para uma visita de trabalho aos dois jornais estatizados daquela cidade e às delegações da RDP e RTP, tendo afirmado ainda que existem «problemas de extrema gravidade, muito complexos» nomeadamente no que diz respeito à imprensa estatizada, «problemas que, a curto prazo, agrestes até».

Roque Lino acrescentou ser preciso enfrentar esses problemas com realismo, com coragem e tentar resolve-los na perspectiva do interesse nacional, tendo em atenção, por um lado, os problemas de ordem económico-financeira, que são os mais urgentes, e por outro lado, os problemas de ordem social.

Para a salvaguarda dos postos de trabalho e para a resolução efectiva dos problemas o dr. Roque Lino apelou para a cooperação com o Governo, de todos os trabalhadores da informação, «para a procura das melhores soluções».

Neste sentido o secretário de Estado da Comunicação Social afirmou estar a tentar elaborar um projecto definitivo na base de um levantamento de todos os problemas que está a ser feito no momento, pelo que seria prematuro adiantar mais alguma coisa neste assunto.

Conselho da Revolução reúne-se amanhã

O Conselho da Revolução volta a reunir-se amanhã, a partir das 15 e 30. Como vem sendo habitual, na agenda de trabalhos um único tema: «Análise da situação política e militar».

Espera-se, segundo fonte militar, que as próximas comemorações do 25 de Abril ocupem uma importante parte dos trabalhos de amanhã, inteirando-se os conselheiros das diferentes realizações programadas e da forma como decorre a sua organização, no que esta tem a ver com o foro daquele Conselho.

Entretanto o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, visitará o Porto entre 23 e 26 de Abril. Segundo um comunicado do EMA, a visita traduz uma «homenagem da Marinha à cidade do Porto, terra natal do infante D. Henrique e de outras figuras ligadas à vida do mar».

Durante esta visita, o CEMA terá o seu distintivo içado no navio-escola «Sagres», que entre 21 e 27 de Abril escala Leixões, e presidirá no dia 26 a uma cerimónia militar que decorrerá junto ao monumento ao infante D. Henrique.

Noticiário breve

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

- Sob a presidência do general Ramalho Eanes, reúne amanhã a partir das 15 horas o Conselho da Revolução, que analisará a situação político-militar.

SOUTO CRUZ VAI AO PORTO

- O almirante Souto Cruz, chefe do Estado-Maior da Armada, visitará oficialmente o Porto, de 23 a 26 de Abril. Durante a sua visita, intitulada de «homenagem da Marinha» àquela cidade, o navio escola «Sagres» içará o distintivo daquele almirante, no Porto de Leixões.

MAIS PIDES EM LIBERDADE

- «O estranho é que só nos apareçem «pides» de fronteira. Até parece que a P. I. D. E. era apenas uma organização de fronteira», considerou o Promotor de Justiça do 5.º Tribunal Militar Territorial, durante o julgamento de mais dois ex-agentes que, obviamente (os autos diziam-nos fronteiriços saíram em liberdade. Tinham já cumprido alguns meses...

SEDES

- António José Saraiva, nova aquisição da Sedes, inaugura depois de amanhã o ciclo de sessões sobre as «grandes orientações da política económica internacional» promovido pela Sedes (Associação para o Desenvolvimento Económico Social) organização de inspiração social-democrata.

CONSTRUÇÕES ESCOLARES

- Foi ontem empossado o novo director-geral das Construções Escolares, eng. Macedo Gonçalves. Ao acto presidiu o ministro das Obras Públicas, coronel Almeida Pina.

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE TELHEIRAS

Faz-se público que o concurso em epígrafe, primitivamente marcado para as 15 horas do dia 27/4/977, foi adiado para o dia 10/5/977, pelas 15 horas, devendo a entrega das propostas ser feita até às 17 horas do dia 9/5/977.

Lisboa, 12 de Abril de 1977

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Eng.º Vogal da Comissão de Fiscalização

José Beja Neves

post-scriptum

«Barretes» ao domicílio

Que em Salvaterra se sirvam voluntariamente os célebres «barretes», de acordo, mas que em casa de cada um, após a refeição dos restos de ontem, sugerida por certa individualidade, nos seja oferecida pela televisão tão «picante» sobremesa, é o cúmulo.

Esperava mais um enjoado desenrolar policiesco psico-americano, quando vi surgir o momento político e me apercebi da presença de uma conhecida personagem; corri logo para o aparelho a aumentar-lhe o som, tão sumidas são as cordas vocais do tal senhor que só os surdos têm a felicidade de não serem atingidos pelas setas venenosas que meigamente nos envia.

Devo dizer que sou alentejano e como muitos senti o que é verdadeira exploração do homem pelo homem Quando miúdo, saía da escola sob um sol abrasador, sentindo nos pés o ferver do chão (sapatos só em sonhos), e andava grandes distâncias para ir junto de meu pai, um homem que de sol a sol ia regando a terra com as gotas da sua amargura. Levava-lhe na «esporta» aquilo que se pode arranjar e a que os pobres chamavam almoço. Desse naco de pão e chouriço tinha o meu quinhão, porque em casa restava o pote, onde as côdeas amoleciam para a açorda que à noite nos enganava as tripas. Durante anos vi o meu pai a ganhar 10,15 e por fim 20$00 por dia (e só tenho vinte e sete anos). Tão entendido que o tal senhor da televisão mostra ser em contas, facilmente deduzirá que ainda não há muitos anos milhares de homens eram brutalmente explorados por meia dúzia de pançudos, que hoje arrotam de prazer quando o vêem na Televisão a ameaçar levianamente em povo que sempre soube lutar pela liberdade, de, sem separatismos que, se hoje existem, não são fomentados pelos alentejanos, mas sim por aqueles que estão interessados no recúo da nossa jovem revolução.

Esse senhor das ameaças devia ir ao Alentejo, conviver francamente com os alentejanos e descobrir por si, que é essa a sua obrigação de quem tem responsabilidades iguais às suas, que povo eles são. Ofereça-lhes franqueza e terá honestidade, ofereça-lhes ódio e não terá perdão, porque de opressões e ódio ficou o povo alentejano e todo o País cheio até à raiz dos cabelos.

Tentar destruir o que de mais belo se fez no nosso País, após a madrugada de Abril, e que foi a Reforma Agrária já é imperdoável mas ainda mais perdão é entrar pela casa dos alentejanos dentro e ofendê-los naquilo que têm de mais sagrado e que a Constituição portuguesa hoje lhes permite legalmente: a sua ideologia política. O Alentejo sempre foi aquilo que o seu povo quis ser.

M..... **César Salvado**
— LISBOA

Falsear a Reforma Agrária

Está na forja uma lei oportunista de alteração à Reforma Agrária, para enquadrá-la nas conveniências dos latifundiários e outros exploradores dos trabalhadores da terra, embora os autores desta sofisticação proclamem intencionalmente que ela se destina a acertar a Reforma com a Constituição.

Se a reorganização que se vinha operando no sistema agrário tinha por objectivo o encaminhamento da lavoura para um **modus faciendi** abertamente socialista, e a Constituição preceitua que tudo neste país deverá ser preparado para a instauração do Socialismo, que estranha diferença haveria entre a reorganização que se praticava e o que pretende a Constituição?

Não nos deixemos cegar pela poeira que nos é lançada aos olhos pelos encapotados agentes do capitalismo que, a todo o custo, pelos mais subtis sofismas, ambiciona reconquistar os perdidos postos da sua antiga exploração.

Não se pretende acertar a Reforma Agrária com a Constituição, pois certa está ela, mas, antes pelo contrário, pretende-se desacertá-la, para mais tarde, a seu tempo, pôr certa a Constituição com o desacerto de agora.

Mas este jogo está habilidosamente encoberto e do êxito desta habilidade e de outros arranjos igualmente tenebrosos, depende a obtenção dos prometidos empréstimos e a entrada do nosso país no forum do capitalismo de certos países europeus, para retumbante glória dum chefe de Governo, e futura vassalagem de um povo que ficará por largo tempo penhorado a estranhos e novamente sob o pé dos que o exploravam cá dentro em antes do 25 de Abril, presentes de novo em satisfação do cativante convite que aquele fez há tempos no Brasil aos sabotadores da nossa economia.

Álvaro da Silva e Soura
PORTO

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

MÁRIO CABRAL FALOU AO "D.L."

"TODOS OS NOSSOS ESTUDANTES TRABALHAM"

ENTREVISTA DE DANIEL REIS

«Os incidentes com dois ou três professores cooperantes em Bissau não têm qualquer significado no contexto geral da cooperação entre Portugal e a Guiné, a nível do ensino. As pessoas que por um motivo ou outro foram dispensadas nem conseguiram reunir a solidariedade dos seus colegas portugueses o que mostra o isolamento a que as suas atitudes os limitaram» — declarou ao «DL» o comissário de Estado da Educação da Guiné-Bissau quando, há dias, passou por Lisboa.

Mário Cabral fez escala de dois dias na capital portuguesa, entre uma missão oficial ao Canadá e o regresso a Bissau, tendo aproveitado a circunstância para se encontrar com o ministro português da Educação, Mário Sottomayor Cardia. Nesse encontro, os dois ministros fizeram o balanço da cooperação que está a funcionar pelo terceiro ano consecutivo, havendo neste momento 57 professores portugueses a trabalhar no ensino secundário em Bissau. Também foram dados mais alguns passos para a preparação do acordo cultural que em breve será assinado pelos dois países.

«A cooperação com Portugal, no domínio do ensino, tem decorrido da melhor maneira», dir-nos-ia sobre esta questão o ministro guineense. «Há muitas deficiências a corrigir, mas isso é normal para quem começa. Não tínhamos experiência neste género de cooperação mas o tempo joga a nosso favor. Há cooperantes que estão ao nosso lado e gostam de trabalhar na Guiné, tendo voltado pelo segundo e terceiro anos consecutivos. Apoiada na sua experiência, a cooperação dará cada vez melhores resultados. «É natural que surjam alguns problemas mas temos de compreendê-los e procurar ultrapassá-los. Os professores que nos vão ajudar são de diferentes formações, prosseguem objectivos também diferentes e existem dificuldades concretas de adaptação ao sistema de ensino que vão encontrar, ao meio social e às nossas condições infra-estruturais, que são miseráveis. Alguns desses problemas devem-se à inexistência de uma selecção prévia e falta de informação sobre o meio ambiente que vão encontrar. Ainda este ano uma professora nos procurou, com toda a franqueza, para nos dizer que esperava encontrar uma cidade maior e melhor, com edifícios de muitos andares, lojas, comodidades que nós não temos, e como não havia nada disso pediu para voltar a Portugal. Não colocámos nenhuns obstáculos porque entendemos ser preferível assim, tratarmo-nos com franqueza, do que ficar a trabalhar contrariada. Também devemos reconhecer que nós não temos estruturas capazes para acompanhar os cooperantes e apoiá-los no dia-a-dia, como desejaríamos».

PREVISTA A TROCA DE INFORMAÇÕES ENTRE OS DOIS MINISTÉRIOS

Sabíamos que a Guiné-Bissau tinha pedido ao Governo português cerca de uma centena de professores para o corrente ano lectivo. Mas desses, seguiu apenas metade. Perguntámos ao ministro guineense as razões do que aconteceu. Antes de nos falar com um certo desenvolvimento da actualidade e das perspectivas futuras da Educação no seu país, Mário Cabral afirmou-nos:

. «Este ano foi mais difícil concretizar a ida dos cooperantes. Uma parte da culpa é nossa, da parte guineense; mas uma grande parte situa-se a nível dos organismos da cooperação. Parece-me, no entanto, que essas dificuldades já estão a ser ultrapassadas. O dr. Sottomayor Cardia mostrou a maior das boas vontades, recebendo-me, inclusive, no próprio dia em que lhe solicitei o encontro. Depois desta nossa conversa pensamos estabelecer, novamente, ligações directas entre o Comissariado da Educação e o Ministério português da Educação, que tinham sido interrompidas com as mudanças dos Governos provisórios. Julgamos, mesmo, ser possível e mutuamente vantajosa a troca de informações entre os dois ministérios, a ida e vinda de responsáveis da planificação e de programas, troca de materiais de ensino, apoio à formação de quadros, etc».

Mário Cabral

«Reconheço que neste momento, é uma troca desigual e em que a Guiné vai beneficiar mais; mas não se põe de lado a possibilidade de Portugal também vir a ganhar com a nossa experiência e os nossos esforços na procura de um ensino novo num país novo e em circunstâncias políticas e sociais diferentes.»

«ENTRÁMOS NA FASE DA MELHORIA QUALITATIVA»

Cem mil alunos nas escolas, dos quais 80.000 na primária, 10 000 no secundário e 10 000 adultos; esforço gigantesco para trazer à escola todas as crianças maiores de sete anos; 2300 professores e monitores a trabalhar na primária; e início das experiências do ensino integrado que no próximo ano já será aplicado à 5.ª classe, em todo o país, são os dados fundamentais da educação na Guiné-Bissau. Um quinto do orçamento do Estado é aplicado na educação, aliás o comissariado que consome maior volume das despesas públicas.

«Mesmo assim não nos é possível atingir as metas que pretendíamos e que nesta altura apontam para a escolarização de todas as crianças com mais de sete anos» — comenta Mário Cabral. «Mas tal não é possível. Não há escolas e professores suficientes e as tabancas estão muito separadas umas das outras, sendo algumas muito pequenas, e não justificando abrir-se lá uma escola. Acabámos com a pré-primária que era uma invenção dos colonialistas. As crianças passavam lá dois anos, em princípio para aprender português, mas na prática seguindo programas aproximados aos da primeira e segunda classes. Quando o P.A.I.G.C. iniciou o primeiro ano escolar, com o país totalmente libertado, havia apenas 40 mil alunos nas escolas primárias. Agora temos o dobro».

«Abrimos muitas escolas no interior, muitas instaladas em barracas; agora, a maior parte está a ser construída em edifícios mais duradoiros, quase sempre pelos professores e alunos, com ajuda da população de cada tabanca.»

Segundo informação que também nos foi prestada pelo comissário de Estado da Educação, não são previsíveis no próximo ano alargamentos substanciais da instrução primária. Além das razões apontadas, entrou-se já na fase de melhoria qualitativa desse ensino quer pela reciclagem dos antigos professores guerrilheiros — há duas escolas a funcionar exclusivamente para eles, com três anos de curso, em Có e Jabadá — quer pelos seminários regionais realizados, todos os fins-de-semana, com os responsáveis locais do ensino, de outro nível de formação. Uns 70 por cento dos professores primários actuais tem apenas a quarta classe e alguns menos que isso.

O plano de desenvolvimento do ensino na Guiné-Bissau aponta para as quatro primeiras classes, no próximo ano, um número de 87 300 alunos e, em 1981/82, sensivelmente o mesmo número. Simplesmente nessa altura já a instrução primária será ministrada em seis classes de ensino obrigatório com número previsto de 135 000 alunos.

NOVE CLASSES DE ENSINO INTEGRADO

Este plano de desenvolvimento entronca na aplicação do ensino integrado, para continuar os actuais quatro anos da primária, que passam a ser designados como Ciclo Elementar. Mário Cabral traçou, a nosso pedido, o quadro geral desse plano de ensino integrado.

«O plano desdobra-se por nove classes, a completar com o ensino médio politécnico, num curso de três anos.»

«Temos já a funcionar em seis escolas (duas em Bissau e Bolama, uma em Bula e Catio) a 5.ª classe que, juntamente com a 6.ª, completam o ciclo complementar. Neste ciclo faremos um aprofundamento das questões levantadas nos quatro primeiros anos, introduzindo cadeiras de Química, Física, Biologia (já de certo modo desenvolvida) e Trabalhos Oficinais. Estamos a tentar construir edifícios na sede das oito regiões onde será ministrado o ciclo complementar. Vem depois o ensino geral polivalente, correspondente às 7.ª, 8.ª e 9.ª classes. As matérias dadas anteriormente continuam a ser aprofundadas, com a introdução das línguas. No próximo ano, todos os estudantes jovens que completam o ciclo elementar e vão continuar os seus estudos já entrarão nessa quinta classe do ensino integrado.»

. «Tanto no ensino médio como, depois, no ensino universitário, teremos em vista a complementaridade da Guiné e Cabo Verde. Por exemplo: os pescadores serão, evidentemente, formados em Cabo Verde enquanto os técnicos agrícolas terão a sua escola na Guiné.»

. «O acesso ao ensino superior, nomeadamente a universidades estrangeiras, ficará reservado aos que mostrarem melhor aproveitamento teórico e melhor trabalho prático pois antes de continuarem os seus estudos deverão trabalhar um ou dois anos nas profissões em que se especializaram. Assim, na universidade, ser-lhes-á mais fácil assimilar conhecimentos sob um ponto de vista crítico, voltado para as nossas realidades e com mais profundo conhecimento prático.»

«Finalmente, teremos o ensino médio politécnico, de dois a três anos de duração. Aí serão formados os nossos quadros médios, que são fundamentais para o desenvolvimento económico. Trata-se de uma fase já de especialização profissional, por exemplo, como professores, enfermeiros, electricistas, mecânicos, técnicos agrícolas, etc.»

. «Está, igualmente, prevista a formação pré-escolar, de dois anos, em que as crianças ingressarão aos cinco anos de idade e que será progressivamente implantada, a partir das cidades. A par dos objectivos educativos possibilitaria a ocupação dos filhos das mulheres empregadas, mais numerosas na cidade do que no campo. Esta formação seria custeada pelos próprios tutores dos seus beneficiários.»

AS F.A.R.P. ALFABETIZADAS A 100 POR CENTO

A alfabetização é outra das preocupações dominantes dos responsáveis pela educação na Guiné-Bissau, como ressaltou da nossa conversa com Mário Cabral. Simplesmente o processo não avançou tanto como se desejaria, por razões importantes, algumas, mesmo, de estrutura e de orientação política e metodológica. Êxitos totais foram conseguidos no seio das F.A.R.P. (Forças Armadas Revolucionárias do Povo) onde havia uns 90 por cento de analfabetos. Hoje podem-se considerar totalmente alfabetizadas. Mas aí contou muito a disciplina e a consciência política adquiridas na luta pelos guerrilheiros.

No campo civil, tentaram-se algumas experiências nos bairros de Bissau mas os resultados não foram famosos. Concluiu-se que a animação cultural (mais do que alfabetização, no sentido restritivo) tem de estar sempre ligada à vivência diária, às condições de produção e ser factor de transformação social. É por isso que se está a avançar para o campo, em tabancas determinadas, onde a animação se faz tendo em vista não o indivíduo mas o grupo. Foram assim atingidas umas 2500 pessoas com resultados espectaculares. Esses resultados estão agora a ser analisados e a partir deles, sempre com base nas teorias de Freinet e no método Paulo Freire, devidamente adaptado, prepara-se uma grande campanha para as férias do Verão.

Inclusive, há ideia de propor o alargamento das férias em mais dois ou três meses, até Janeiro, de modo a que os estudantes, devidamente organizados, se espalhem por todo o país para deixarem a semente

Continua na pág. 4

PUB

Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com o art.º 34.º, para os fins consignados nas alíneas b) e c) do art.º 31.º e nos termos do art.º 32.º dos Estatutos, convoco os sócios do Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 29 de Abril de 1977, pelas 21.30 horas na sede do Sindicato, Largo de Santos, 13-3.º, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. — Discussão e Votação do Relatório e Contas da Direcção relativos ao Exercício de 1976.
2. — Apreciar e deliberar sobre o Orçamento proposto pela Direcção para o ano de 1977.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **Luís Filipe Correia da Costa**

NOTA: As contas do exercício estão já patentes aos sócios na sede do Sindicato. Os exemplares do Relatório e Contas estarão à disposição dos sócios a partir do dia 20 de Abril de 1977.

PUB

C. C. T.
SECTOR DE VINHOS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este C.C.T. para um plenário a efectuar no salão da Voz do Operário, no próximo dia 19 de Abril, pelas 21.30 horas, o qual terá a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações sobre o actual estado das negociações;
2. Análise de medidas a tomar.

Sindicato do Comércio de Lisboa
» da Construção Civil
» dos Electricistas
» dos Escritórios
» dos Metalúrgicos
» dos Rodoviários
» dos Cobradores
» dos Técnicos de Desenho
» dos Telefonistas
» dos Contínuos e Porteiros
» das Garagens

A. C. P. INFORMA:

Por motivo dos trabalhos de renovaçao da via, na linha do Sado entre Águas de Moura-Lousal, são suprimidas de segunda a sexta-feira as seguintes circulações:

— Automotora n.º 9121 com partida de Aguas de Moura, às 12.50 h. e chegada a Lousal, às 14.24 horas.
— Automotora n.º 9122 com partida de Lousal às 12.40 h. e chegada a Águas de Moura, às 14.11 horas.

O transporte dos Srs. Passageiros será assegurado por camionagem, devendo, para o efeito, informarem-se junto dos Chefes das estações.

Comissário da Guiné-Bissau analisa cooperação com Estado português

Continuação da pág. 3

da alfabetização que no futuro será feita, institucionalizadamente, a partir das regiões e com descentralização total.

TRABALHO PRODUTIVO DOS ESTUDANTES

O facto novo na prática da educação na Guiné-Bissau e o que mais profundamente marca o carácter e a orientação do comissariado é a ligação da escola à produção.

«De todos os nossos esforços no comissariado, de todo o nosso trabalho, é este que mais me sensibiliza e de que mais gosto de falar», garantiu-nos Mário Cabral. Depois contou-nos como está a ser feita essa ligação das escolas ao trabalho produtivo e as expectativas que é lícito esperar dela, concluindo assim este seu importante depoimento ao «Diário de Lisboa»:

«De início, estávamos preocupados com as reacções dos estudantes e dos pais à medida que ensaiávamos levar os alunos do liceu até ao campo, aos trabalhos agrícolas. Hoje, com toda a alegria, verificamos que a aceitação foi total e sentimo-nos encorajados a aprofundar cada vez mais esta ligação entre a escola e o trabalho produtivo, o ensino e a vida colectiva do nosso povo.»

«Neste momento, todos os nossos estudantes trabalham. O horário semanal foi preparado de modo a que um dia por semana, normalmente uma tarde ou uma manhã, os nossos estudantes vão produzir na agricultura e trabalhar noutros sectores em que se torne necessária a sua ajuda. Os trabalhos agrícolas efectuam-se, sobretudo, na Granja de Pessube nos arredores de Bissau e em Antula, uma granja exclusivamente cultivada pela J.A.A.C. (Juventude Africana Amílcar Cabral) onde se revezam as brigadas de estudantes. Nesta granja, ao mesmo tempo que11 decorrem os trabalhos agrícolas os estudantes estão a erguer um espaço gimnodesportivo.

Na sua passagem por Lisboa o comissário de Estado da Educação guineense esteve na Profabril para verificar os projectos do Liceu de Bissau e do Internato dos Bijagós que aquela firma de projectistas está a preparar. Na foto, o eng. Mário Cabral, acompanhado pelo embaixador Júlio Semedo e pelo responsável político do Comissariado, Carlos Dias, ouve as explicações do eng. Maurício, da Profabril.

Mas não é só na agricultura que os estudantes dão o seu contributo à reconstrução nacional. Plantam árvores, fazem limpeza do hospital, trabalham na contabilidade dos armazéns do povo e os alunos do 6.º e 7.º anos dão aulas do ciclo preparatório.»

Este trabalho produtivo é de grande importância na classificação do curso. A turma, colectivamente, decide a atribuição de uma classificação que terá de ser ratificada pelo professor responsável de cada unidade produtiva.»

«Tencionamos acentuar esta prática até ao ideal de tornar as escolas autogeridas e auto-suficientes e os estudantes profundamente enraizados na nossa realidade social e engajados na produção.»

Actividades no estrangeiro da Sociedade de Autores

De 23 a 25 de Março, reuniram-se em Paris os Conselhos de Administração da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores) e do BIEM (Bureau Internacional das Sociedades de Direitos de Gravação e Reprodução Mecânica), tendo-se feito representar a Sociedade Portuguesa de Autores em ambas as reuniões por Luís Francisco Rebello, que é aliás o vice-presidente do primeiro destes organismos internacionais.

Foram examinados diversos assuntos e tomadas importantes resoluções tendentes a uma protecção mais eficaz do direito de autor nos vários países cujas sociedades de autores são membros dos dois referidos organismos, sociedades que se elevam a uma centena com a recente admissão das sociedades ONDA, da Argélia, e UKAM, de Malta.

Para além de questões puramente administrativas, abordaram-se entre outros os seguintes problemas: dupla tributação em matéria de direito do autor, defesa dos direitos autoriais nos casos de obras executadas no âmbito de um contrato de trabalho e de utilização privada de bandas magnéticas, importações ilícitas de discos, participação da CISAC nos trabalhos de outras organizações internacionais relacionadas com a propriedade intelectual e modos de colaboração com esses organismos, incidência da TWA sobre os direitos de autor cobrados em França por conta das Sociedades estrangeiras, extensão da intervenção da CISAC à defesa dos direitos de autores de obras de artttes plásticas e gráficas.

O Conselho de Administração da CISAC regozijou-se com a evolução favorável do direito de autor no Chile e no Brasil, onde recentes tentativas de retirar aos autores o dirito de livre associação para a gerência dos seus direittos, ou cercear esse direito, foram contrariedades devido à pronta e enérgica intervenção da Confederação: assim, no primeiro dos citados países, foi extinto o departamento oficial a que se pretendeu cometer essa gerência e autorizada a criação de uma Sociedade autónoma de autores, enquanto no Brasil foi reconhecida às Sociedades que administram os direitos de execuçãomusical o direito de estarem representadas no organismo criado para a cobrança desses direitos.

O Conselho exprimiu ainda o voto de que a Sociedade Portuguesa de Autores participe na comissão que irá elaborar o projecto do novo Código de Direito de Autor, e pronunciou-se contra a suspensão das negociações em curso entre a mesma Sociedade e a Radiodifusão Portuguesa com vista à assinatura do novo contrato de avença, suspensão verificada após uma intervenção da Secretaria de Estado da Cultura junto da RDP, que o Conselho condenou por julgá-la atentória dos direitos dos autores, nacionais e estrangeiros, que a SPA representa.

Finalmente, ficou ainda decidido criar uma Comissão de Sociedade de autores radicados no continente europeu, para exame dos respectivos problemas específicos, cuja primeira reunião terá lugar, ainda este ano, em Lisboa, sob o patrocinio da Sociedade Portuguesa de Escritores.

A mesa que presidiu ao Encontro

Encontro não chegou ao fim

Zonas degradadas, moradores divididos

PORTO, 19 — Não chegou propriamente ao fim o encontro regional do Norte das Comissões e Associações das Zonas Degradadas, que decorreu no fim-de-semana na Escola de Belas-Artes. Algumas das coonclusões finais não hegaram a ser aprovadas, terminando a sessão de encerramento no meio de certa agitação. Motivo: discordancia por parte de alguns dos presentes de uma tese que defendia a limitação dos participantes nos futuros plenários de moradores aos membros de Comissões e Associações.

O debate ao longo do interrompido encontro centrou-se nos problemas da habitação, cultura, desporto e recreio, assistência social, actividades económicas, organização do movimento popular e relações com as autarquias. Foi aprovada uma moção a enviar ao primeiro-ministro, ao C. R. ao P. R. e à A. R., na qual se exige que sejam tomadas pelo Governo e Assembleia da República as medidas necessárias para que o mais breve possível seja elaborada a legislação necessária bem como a sua entrada em vigor.

Foi também salientado que as Comissões e Associações de Moradores não podem aceitar que a coberto da falta de legislação as autarquias assumam as responsabilidades que lhes cabem face às populações.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

GERALD GÖTTING (RDA) A JORNALISTAS

"Cremos que não há alternativa para a coexistência pacífica"

«Cremos na República Democrática Alemã que não há alternativa para a coexistência pacífica» __ disse ontem a jornalistas portugueses o vice-presidente do Conselho de Estado daquele país, Gerald Götting, durante um encontro de duas horas e meia no primeiro piso da sua embaixada.

O visitante, que se deslocou a Portugal na qualidade de presidente da Liga para a Amizade com os Povos da R. D. A. ocupa em Berlim-Leste o segundo posto no aparelho de Estado, logo a seguir a Erich Honnecker. A sua viagem reduziu-se quase só à participação na sessão inaugural da «Semana» levada a efeito desde anteontem em território continental português, não tendo havido os contactos políticos que noutra circunstância se imporiam. Daí, também, o carácter restrito e o tom bastante informal da conversa com os jornalistas, cinco apenas, representando um semanário, dois matutinos e dois vespertinos, «Diário de Lisboa» incluído. Foi anfitrião o embaixador Butzke.

Um tema dominou este contacto privilegiado com o n.º 2 da RDA, e ele próprio o adiantou: a paz. Sintetizaria Gerald Götting com a fórmula «Frieden, Frieden und nochmals Frieden» («A paz, a paz, ainda e sempre a paz»). Também presidente da União Democrática Cristã, um dos cinco partidos da Frente Nacional, não deixou de referir que as duas guerras mundiais, se fizeram, a partir da Alemanha, à custa e com a cobertura dos cristãos e da ideologia cristã: resta aos homens de confissão «buscar a paz» (palavras suas) e colaborar na «construção de um novo país e do socialismo» (idem). Acabou-se com o culto da superioridade rácica de um povo; raça, língua, povo, nação, eis o que menos importa na aproximação entre os humanos; «o mais importante é se as pessoas lutam pela paz». Na base desta luta comum, e respeitando todo o internacionalismo proletário, assim se entendem as cinco formações frentistas da R. D. A., de que a União Democrática Cristã, com 115 mil membros, é uma das mais pequenas.

DE HELSÍNQUIA A BELGRADO

Depois de uma palavra para a «Semana da R. D. A.»; cuja sessão inaugural em Coimbra o cativou e para as relações entre Portugal e o seu país, agora «vantajosas e estreitas» depois do 25 de Abril, mas apesar de tudo embrionárias, Gerald Götting, historiou mais pormenorizadamente o que tem sido desde 1945 o arranque da «outra Alemanha» para o lugar a que se sente com direito no concerto das nações. É uma terra de «construção permanente», pedindo tanto ao cidadão experimentado como ao jovem (jovem operário jovem quadro, jovem dirigente político). Ele mesmo, braço direito de Honnecker, não seria há trinta anos mais do que um adolescente.

O arranque da R. D. A. na visão de Gerald Götting, custou trabalho onde havia ruínas. Ruínas materiais __ e ideológicas (forjou-se por isso «uma nova mentalidade»). Recorramos ainda desta vez à síntese: diversas forças sociais, consubstanciadas nas cinco formações políticas que integram a Frente Nacional, deduziram que na terra alemã não poderia voltar a iniciar-se «um fascismo, uma guerra», e que o objectivo a prazo mais ou menos longo, bem poderia ser o socialismo. É uma citação, sua, também neste caso.

As perguntas dos jornalistas portugueses abriram em leque, indo desde o «caso Biermann», indo desde do cantor que cortou com a R. D. A. e se acolheu à R. F. A. (já não é caso e não passou nunca de um caso menor __ cortou Götting), até ao «Muro», que o vice-presidente do Conselho de Estado conotou com os ataques reiterados à independência do seu país, e concretamente com uma situação de agressão iminente quando da construção, para afirmar:

. «O muro permanecerá enquanto pensarmos que ele é útil para assegurar a paz na Europa» (mas já se notariam traços positivos nas novas relações com o lado ocidental, ou pelo menos o suficiente para se pensar que as pessoas poderão «dormir em paz»).

Helsínquia foi, neste contexto, uma referência constante da parte de Gerald Götting. A acta final, disse, «pôs termo à guerra fria», criando do mesmo passo condições para se incrementar a cooperação entre os povos; mas Helsínquia não é um «termo, um fim», antes uma plataforma a partir da qual se há-de chegar ao desanuviamento militar.

«Mas a próxima conferência de Belgrado» __ perguntou um jornalista __ «não irá dar lugar à confrontação, mais uma, entre dois modos diversos de estar no mundo?»

. Categórico, responderia o nosso visitante:

. «É um erro fazer da Conferência de Belgrado um «forum» de acusações mútuas. Todos os países signatários da acta final de Helsínquia deviam, isso sim, fazer um balanço dos passos positivos dados desde então.»

COMUNICADO CONJUNTO PCP-PCF

Completa independência na definição das respectivas políticas

. «Agindo em condições diferentes, os comunistas de França e de Portugal levam a cabo políticas definidas com completa independência, em função dos interesses da classe operária, do campesinato, de todas as camadas sociais interessadas no desenvolvimento democrático» __ lê-se no comunicado conjunto assinado pelo P.C.P. e P.C.F. no final da visita que uma delegação do primeiro efectuou a Paris entre 12 e 15 do corrente mês. E o comunicado adianta ainda: «Hoje o combate dos dois partidos prossegue em condições novas: as forças democráticas portuguesas lutam pela consolidação das conquistas da sua revolução, o povo francês actua para transformações democráticas profundas abrindo uma saída para a crise da sociedade».

O comunicado, aprovado no final de conversações entre delegações dos dois partidos dirigidos pelos respectivos secretários-gerais, Álvaro Cunhal e George Marchais, assinala ainda que «a visita a França da delegação do Partido Comunista Português inscreve-se no quadro das relações tradicionais de amizade e cooperação existentes entre os dois partidos» e alude à situação de luta, nas condições «próprias de cada um dos países».

«Nas condições próprias de cada um dos países, a política do grande capital procura fazer suportar o fardo das dificuldades económicas e financeiras pelas massas trabalhadoras. Por isso se desenvolvem lutas contra o aumento dos preços, a diminuição dos salários reais, o aumento do desemprego, as limitações das liberdades públicas e o agravamento de tendências autoritárias. Estas lutas apoiam-se nas aspirações populares ao progresso social, à garantia e extensão das liberdades, à democratização dos diversos aspectos da vida nacional, ao socialismo».

A reijeição das «pressões e ingerências» externas na vida dos respectivos países inserida da «defesa da soberania nacional» e como condição para a «mais larga cooperação internacional sem discriminação e na base do interesse mútuo», é igualmente expressa no comunicado final P.C.P./P.C.F. ao destacar que «nem o progresso democrático, nem a independência nacional são compatíveis com pressões e ingerências de organismos políticos, económicos ou militares supranacionais, que ponham em causa livre decisão de cada povo, o seu direito a decidir ele próprio dos seus problemas».

«O P.C.F. e o P.C.P.» __ diz ainda o comunicado __ «sublinham a importância que conferem à união de todas as grandes forças anti-imperialistas da época contemporânea: partidos comunistas de todo o mundo, movimentos de libertação nacional, partidos democráticos e progressistas, povos que conduzem um mesmo combate por uma via mais justa e mais livre, pelo progresso e pelo socialismo».

A finalizar, o comunicado conjunto, depois de reafirmar a vontade dos dois partidos de «contribuir para a acção comum de todas as forças progressistas da Europa capitalista», expressa a sua solidariedade com a luta do povo espanhol pela instauração da democracia e saúda os povos de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe.

P.C.P. EM BERLIM

Depois de representar o P.C.P. no V Congresso do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste, regressou ontem a Lisboa Aurélio Santos, do C.C. do P.C.P.

O Congresso do P.S.U.B.O., realizado entre 15 e 17 deste mês, fez uma análise profunda da situação económica e social em Berlim Oeste e dos problemas que se colocam à cidade na presente conjuntura internacional.

Participaram no Congresso, como convidados, delegações de partidos comunistas e operários de 16 países.

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR: Augusto Boal
elenco: «A Barraca»
Dias úteis: 21H15
Folga: 2.ª feira
MATINEÉS:
SAB: 16H00
DOM: 18H00

Carlos Portas regressou dos Açores

Regressou ontem a Lisboa o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, Carlos Portas, que nos Açores tratou de assuntos ligados ao seu departamento.

Os contactos daquele membro do Governo com as autoridades açorianas versaram problemas criados com a transferência de serviços periféricos para aquela região autónoma, dependentes da elaboração da lei orgânica da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas e ainda com a concessão de crédito agrícola a explorações que actuam nos Açores.

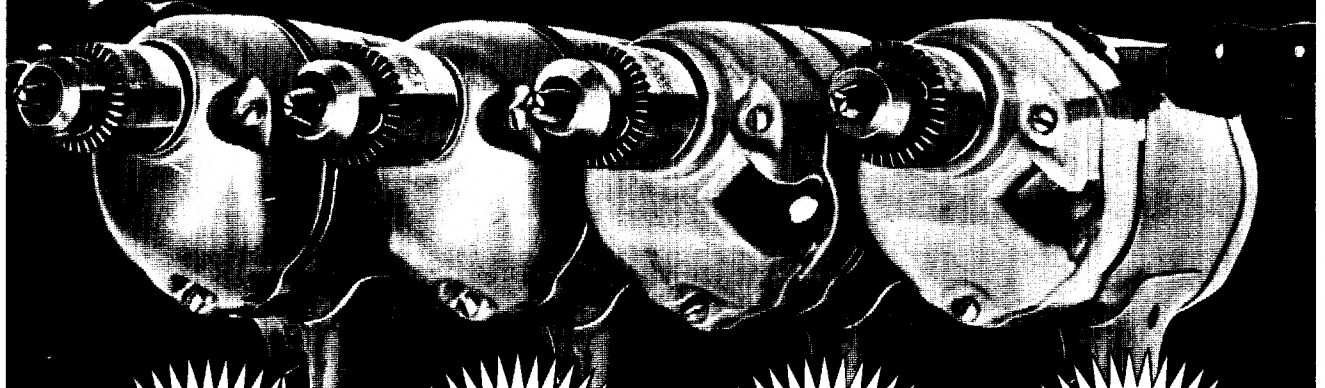
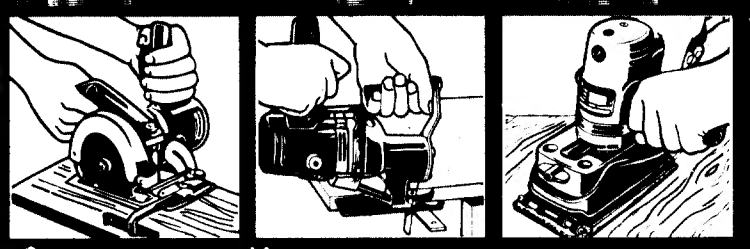
Entretanto uma missão francesa ligada ao sector das pescas deslocou-se também ao arquipélago dos Açores, para discutir um acordo sobre as facilidades a conceder à frota pesqueira francesa no porto de Ponta Delgada.

Foi analisada, durante as conversações com o dr. Germano Domingos, a possibilidade de se desenvolver, nos próximos meses de Junho e Julho, uma experiência piloto, segundo a qual parte da frota francesa na região poderia abastecer-se de víveres, combustível e gelo no porto de Ponta Delgada, aí fazendo também a troca de tripulações e transferência de peixe para um barco transportador. As cláusulas do acordo incluem ainda a utilização de pescadores açorianos nessa frota, o apoio às traineiras portuguesas que queiram acompanhar a frota francesa na zona de pescas e ainda o desembarque de uma certa quantidade de pescado para ser tratado na indústria local.

«TELEX» NOS AÇORES

A partir de hoje os Açores passam a estar ligados a Portugal através dum serviço de «telex», instalado pelos CTT, com capacidade para 100 assinantes

PAPEL DE PAREDE
Os melhores padrões, milhares de rolos para entrega imediata
Desde **130$00** por rolo
Barros e Barros Lda.
R. José Duro 22-E Lisboa - 5 ALVALADE

UM Black & Decker PARA TODA A GENTE!

DNJ50 599.
DNJ70 999.
DNJ52 1299.
DNJ64 1499.
BERBEQUINS ELÉCTRICOS ADAPTÁVEIS A TODA A LINHA DE DISPOSITIVOS

PREÇOS ESPECIAIS ATÉ 30 DE ABRIL DE 1977
"FAÇA VOCÊ MESMO"... HOJE AINDA MAIS IMPORTANTE
CONSULTE JÁ O SEU REVENDEDOR Black & Decker

Previsão de Estocolmo

Virão este ano a Portugal entre 50 e 60 mil suecos

Calcula-se entre 55 mil a 60 mil o número de turistas suecos que deverão visitar Portugal este ano, segundo foi referido por um elemento do Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo, no decorrer duma conferência de Imprensa efectuada ontem num hotel de Lisboa e que serviu para dar a conhecer os planos para Portugal da Vingressor/Club 33, o maior operador turístico da Suécia.

No decorrer da conferência, Jan Carlsson, administrador da Vingressor, revelou que este operador turístico escandinavo pretende duplicar o seu trafego para Portugal em 1978, ou seja uma subida de 7.500 turistas este ano para 15.000 no próximo ano, o que representará para Portugal uma entrada de divisas da ordem dos 170.000.000 escudos.

Acrescentou que o Algarve volta a ser incluído no programa de Verão da ingressor, e afirmou que o interesse de incrementar o turismo sueco para Portugal se deve ao facto do seu bom serviço hoteleiro e da amabilidade das suas gentes, considerando aquele serviço melhor que o espanhol e o grego, nomeadamente.

«Está nos planos daquele operador turístico — acrescentou — fazer «charters» para Portugal, com estadia dos turistas suecos de uma semana **na zona de Lisboa e outra semana no Algarve, uma possibilidade que poucos países turísticos oferecem»**.

Jan Carlsson acentuou, no entanto, que «até 1974 Portugal só oferecia um turismo de luxo, situação já em parte modificada, embora os portugueses tenham que continuar a reforçar as suas estruturas hoteleiras no que se refere a uma maior capacidade de servir o turismo médio», acrescentando que «a Suécia tem um interesse especial por um turismo popular e destinado à classe média».

Em 1976 a Suécia situou-se na sexta posição entre os dez principais países fornecedores de turistas que visitaram Portugal, com um total de 46,1 milhares, ou seja uma subida de 81 por cento relativamente a 1975, ano em que visitaram Portugal 25,5 milhares de suecos.

Acordos já concluídos em Lisboa

COOPERAÇÃO COM CHECOSLOVÁQUIA E IRAQUE

Está reunida a partir de hoje em Lisboa, encerrando os trabapos amanhã, a segunda comissão mista bilateral Luso-Checoslovaca. Em analise a cooperação industrial entre os dois países e particularmente a exportação de bens de equipamentos portugueses e o intercâmbio de tecnologia.

Preside à delegação checa o vice-ministro federal do Comércio Externo, Jaroslav Jakubec, que ontem chegou a Lisboa, e à delegação lusa o secretário de Estado do Comércio Externo, António Celeste.

O protocolo final das conversações será assinado depois de amanhã, pelas 17 e 30, no Palácio das Necessidades.

ACORDO LUSO-IRAQUIANO

É assinado hoje, pelas 19 e 30, no Palácio das Necessidades, o acordo de cooperação económica, científica, tecnológica e de comércio entre Portugal e o Iraque.

Uma delegação iraquiana, chefiada pelo ministro do Comércio, Hassan Hali, negociou nos últimos dias, em Lisboa, as bases deste acordo, tendo-se avistado com os responsáveis governamentais portugueses pelos sectores em causa.

Hoje ainda antes da assinatura do acordo, a delegação iraquiana avistar-se-á com o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ministro de Estado, Henrique de Barros, e presidente da Comissão Constitucional, major Melo Antunes.

RELAÇÕES COMERCIAIS COM A POLÓNIA

«A indústria de construção naval é o sector em que Portugal tem mais possibilidades de intensificar as suas relações comerciais com a Polónia com vista ao equilíbrio da balança comercial entre os dois países», afirmou o adido comercial da Embaixada portuguesa em Varsóvia, Ernesto Martins, em entrevista ontem publicada pelo diário polaco «Sçowo Poszechne».

Ernesto Martins anunciou ainda que já se encontra elaborada uma lista de projectos de construção em que os dois países podem cooperar e que nesse sentido irá efectuar-se uma reunião de grupos de trabalho de ambas as partes. E sublinhou: «Penso que Portugal e a Polónia têm boas possibilidades de cooperação em relação a outros mercados. A Polónia tem os seus mercados tradicionais nos países árabes e no Médio Oriente, onde constrói instalações industriais completas. Nós temos também os nossos mercados: os países africanos.»

Criado gabinete para pesquisa de petróleo

. Foi criado no Ministério da Indústria e Tecnologia, na dependência directa da Secretaria de Estado da Energia e Minas o Gabinete para a Pesquisa e Exploração de Petróleo com as atribuições de «proceder ao estudo da legislação relacionada com a prospecção, pesquisa e desenvolvimento e exploração dos recursos petrolíferos, acompanhando a acitividade internacional paralela», segundo estabelece o Decreto-Lei n.º 156/77 publicado no «Diário da República».

Brinquedos, sector em foco

Industriais encaram hipótese de exportação

A possibilidade de melhorar as relações entre produtores e distribuidores, e de uma forma geral a racionalização de todos os canais da comercialização nacional, foram encaradas numa reunião de industriais de brinquedos e utilidades para crianças efectuada no Porto. Os participantes consideraram e discutiram os problemas com que o sector se debate, tratando também de aspectos relacionados com o desenvolvimento da indústria nacional, contactos e apoios, bem como da coordenação de actividades com o sector de comercialização.

Reconheceu a assembleia que, com excepção dos brinquedos mais sofisticados, nomeadamente os de corda, eléctricos e mecânicos em geral, «não existe, efectivamente, uma carência básica da indústria nacional, que se encontra devidamente equipada para satisfazer a população juvenil do País em brinquedos recreativos, educativos e didácticos. Pelo contrário» — assinala o comunicado que dá conta do resultado dos trabalhos — «foi opinião dos presentes que, na base da produção alargada que é actualmente possível, se poderiam baixar os custos a ponto de admitir o início de uma substancial exportação no sector».

A reunião permitiu ainda confirmar que, além de uma produção já ampliada (aumento avaliado em cerca de 400 mil contos), seria possível, na base da capacidade instalada, «duplicar essa produção, o que corresponde» — afirma-se no mesmo texto — «a um normal abastecimento do mercado interno».

Turismo em Coimbra tem planos de arranque

. COIMBRA, 19 — A Região de Turismo de Coimbra, que abrangerá, além do distrito homónimo, também os concelhos de Anadia e da Mealhada, no distrito de Aveiro, e ainda o concelho de Santa Comba Dão, no distrito de Viseu, vai ser uma realidade. Pelo menos é o que se conclui do plano de actividades que a Comissão Municipal de Turismo acaba de divulgar e que define o futuro turístico da região, estabelecendo para ela planos a curto, médio e longo prazo.

Proceder-se-á, a curto prazo, à remodelação dos Serviços de Turismo, que passarão a ter um quadro definitivo de pessoal reclassificado e regulamentado. O parque de campismo da cidade, por outro lado, vai ser imediatamente melhorado e passará a ser apoiado por uma infra-estrutura turística que integrará a rede das piscinas municipais e um novo restaurante. Dos planos previstos fazem ainda parte um apoio mais completo aos Cursos de Férias da universidade, a realização de actividades folclóricas e desportivas e a realização anual das Festas da Rainha Santa.

Prevê-se, a médio prazo, o aproveitamento mais correcto do Choupal, para onde deverá ser transferido o parque de campismo, a instalação de um minizoo para aves no Parque de Santa Cruz; a promoção de actividades desportivas; e a iluminação de vários monumentos nacionais.

De notável em todo este plano, que parece ter sido bem estudado, é a construção, a longo prazo, de um bloco residencial para estudantes fixos durante o período de aulas e que possa ser usado para turismo social e outras actividades durante o resto do ano.

Vale a pena referir ainda que está prevista a construção duma «concha acústica» destinada à realização de concertos e espectáculos teatrais.

SENAL — sociedade nacional de promoção de empresas, sarl

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCÍCIO DE 1976

Senhores Accionistas

De harmonia com as Leis e os Estatutos temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório e as Contas do Exercício de 1976.

Como é do conhecimento de todos o mercado de títulos manteve-se ainda encerrado durante todo o ano de 1976, o que originou a ausência de qualquer actividade de realce por parte da nossa sociedade. Assim continuaram os actuais Corpos Gerentes a prestar graciosamente a sua assistência à SENAL de molde a que a Sociedade não fosse obrigada a dissolver-se.

As despesas, realizadas com a maior parcimónia, que se destinaram à manutenção da nossa Sede, originaram um défice de 300 256$50, que acumulado com as amortizações do valor de 176 842$40, deram um prejuízo total de 477 098$90, que propomos transite para o exercício seguinte.

A falta de liquidez da Sociedade levou-nos à elaboração duma proposta que será apresentada na próxima Assembleia Geral e para a qual pedimos a melhor compreensão de todos os Senhores Accionistas.

Confiados no espírito de sacrifício de todos e na próxima abertura da Bolsa de Lisboa esperamos que a curto prazo seja possível dinamizar a actividade da SENAL.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1977

O Conselho de Administração

José Fráguas Lucas — Presidente
Dr. José Luís de Sousa Reis
José Manuel Ressurreição de Oliveira
Pedro Floriano de Lima Brito Dargent
Fausto Luís Rodrigues Roxo

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

ACTIVO

DISPONÍVEL		
Caixa	19 602$90	
Bancos	128 639$20	148 242$10
REALIZÁVEL		
Letras a Receber	60 000$00	
Devedores Gerais	2 426 661$10	
Títulos em Carteira	63 705 305$00	66 191 966$10
IMOBILIZADO		
Despesas de Constituição:		
Custo	380 670$10	
Amortização	380 670$10	—$—
Instalações:		
Custo	358 068$80	
Amortização	126 144$30	231 924$50
Móveis e Utensílios:		
Custo	402 239$70	
Amortização	166 095$70	236 144$00
Depósitos e Adiantamentos		7 000$00
CONTAS DE ORDEM		
Valores recebidos em caução		250 000$00
		67 065 276$70

PASSIVO

EXIGÍVEL		
Credores Gerais	349 171$20	
Letras a Pagar	28 500 000$00	28 849 171$20
DE REGULARIZAÇÃO		
Provisões diversas		1 112 192$10
CAPITAL PRÓPRIO		
Capital Social	50 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal	500 000$00	50 500 000$00
RESULTADOS		
De Exercícios Anteriores	—13 168 987$70	
Do Exercício	— 477 098$90	—13 646 086$60
CONTAS DE ORDEM		
Credores p. Valores em Caução		250 000$00
		67 065 276$70

DESENVOLVIMENTO DA CONTA LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

DÉBITO			CRÉDITO	
Despesas Gerais	303 616$40		Rendimentos Diversos	3 359$90
Amortizações	176 842$40	480 458$80	Saldo	477 098$90
		480 458$80		480 458$80

O TÉCNICO DE CONTAS
Fernando Martins Videira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
José Fráguas Lucas (Presidente)
Dr. José Luís de Sousa Reis
José Manuel Ressurreição de Oliveira
Pedro Floriano de Lima Brito Dargent
Fausto Luís Rodrigues Roxo

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

DESIGNAÇÃO	Quant.	Valor Nominal	Preço médio compra	Cotação em Bolsa	VALOR DE BALANÇO Unitário	VALOR DE BALANÇO TOTAL	Valor total de aquisição
Acções SENAL	137 510	100$00	100$00	—$—	100$00	13 751 000$00	13 751 000$00
Acções INTERBAN	49 580	100$00	100$00	—$—	100$00	4 958 000$00	4 958 000$00
Acções IMAVIZ	4 719	1 000$00	968$40	—$—	968$40	4 569 905$00	4 569 905$00
Acções AÇOREANA	220		120$00	—$—	120$00	26 400$00	26 400$00
Acções SECIL	135		3 000$00	—$—	3 000$00	405 000$00	405 000$00
Acções CHROMOLIT	39 995	1 000$00	1 000$00	—$—	1 000$00	39 995 000$00	39 995 000$00
	232 159					63 705 305$00	63 705 305$00

RELATÓRIO DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas

Nos termos da Lei e dos Estatutos, tem este Conselho o prazer de apresentar o seu Parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração relativos ao exercício de 1976.

Apesar do insignificante movimento, verificado no decorrer do exercício em análise, não deixou o Conselho Fiscal de verificar a observância dos Estatutos e da Lei e, bem assim, a regularidade da contabilidade e dos documentos e livros em que a mesma se apoia, bem como os critérios valorimétricos utilizados.

Assim, propomos:

1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976.

2.º — Que ao resultado negativo do exercício, seja dado o destino proposto pelo Conselho de Administração.

3.º — Que sejam testemunhados os agradecimentos ao Conselho de Administração, pela sua colaboração graciosa dispensada à Sociedade e a todos os colaboradores pela dedicação dispensada.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1977

O Conselho Fiscal

Eng. João Carlos Ferreira — Presidente
Onofre da Silva Gomes
António Augusto Martins

"Diário de Lisboa"

Referiram-se ao 56.º aniversário do «Diário de Lisboa», em termos que nos cumpre agradecer, os nossos prezados colegas «Diário de Notícias», «Diário Popular», «A Capital», «A Luta», «Jornal de Notícias» e «Comércio do Porto».

Por outro lado, muitas individualidades e entidades tiveram a gentileza de apresentar cumprimentos ao nosso jornal pelo aacontecimento. Registamos os nomes do eng.º Humberto Augusto Lopes, Queiroz Nazareth, chefe das Relações Públicas da Caixa Geral de Depósitos; Morbey Rodrigues, administrador-delegado da Philips Portuguesa; Rolo Duarte; Gentil Marques; Silva Costa, assessor de Imprensa do Presidente da República; Armando Pereira da Silva; António Marques da Costa; Américo Ramalho, chefe das Relações Públicas da CP; Relações Públicas da TAP; Direcção dos Inválidos do Comércio; Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa; Casa da Comarca da Sertã; Grupo Onomástico «Antónios de Portugal»; Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) e D. Ana Maria Nande, que teve também a gentileza de nos enviar um ramo de flores.

TERCEIRO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA

Câmara Municipal de Lisboa promove "25 de Abril" infantil

. A Câmara Municipal de Lisboa vai participar nas comemorações do 25 de Abril, tendo divulgado ontem uma série de iniciativas que, segundo anuncia em nota à Imprensa, «visam muito especialmente animar, divertir e instruir as crianças da capital».

Assim, com esse objectivo, no domingo, dia 24, realizar-se-ão espectáculos em três locais de Lisboa. Na Praça do Comércio poderão apreciar Teatro Infantil, das 12 às 14 horas, Circo, das 16 às 17 horas, um concerto pela banda da Força Aérea, das 17 às 18 horas, e, finalmente, um espectáculo de folclore, das 18 às 20 horas. Na Alameda D. Afonso Henriques haverá Circo das 14 às 15 horas. Teatro Infantil das 15 às 17, concerto pela banda da P.S.P., das 17 às 18 horas, e um espectáculo de folclore, das 18 às 20 horas. Às crianças serão ainda oferecidos pequenos passeios de camelo e pónei. Na Praça do Império terá lugar das 15 às 16 horas Teatro Infantil, das 16 às 17 circo, das 17 às 18 horas concerto pela banda da P.S.P. e das 18 às 20 horas um espectáculo de folclore.

Grupos de «Zés Pereiras», gigantes e cabeçudos concentrar-se-ão no Parque Eduardo VII (zona Sul) pelas 14 horas, descendo pela Avenida da Liberdade até à Praça do Comércio. Depois de actuarem aí, deslocar-se-ão à Praça do Império, onde voltarão a actuar, para, finalmente se dirigirem para a Alameda D. Afonso Henriques, local da sua última actuação.

Igualmente destinados a crianças realizar-se-ão dois passeios fluviais, o primeiro às 14.30 horas e o segundo às 16.30 horas. A bordo irá uma banda, para tocar durante o passeio, devendo o embarque efectuar-se na Praça do Comércio.

Está previsto efectuarem-se, para crianças, visitas guiadas aos museus dos Coches, Marinha, Militar e da Fundação Gulbenkian, assim como bailes populares, ao som de Cavalinhos, nos Bairros do Castelo, Alfama, Madragoa, Graça e Bairro Alto, das 21 às 24 horas.

Outro motivo de animação será dado pelos concertos das bandas. No Jardim da Estrela tocará, às 15.30 horas, a banda do Clube Ferroviários de Portugal e às 17, a banda da Sociedade Comércio e Indústria da Amadora; na Praça José Fontana tocará às 15.30 horas a banda da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro e, às 17 horas, uma banda a indicar. Em Campo de Ourique, no Jardim Maria da Fonte, actuará às 15.30 horas, a banda da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo e, às 17 horas, a banda da Sociedade Filarmónica Verdi. Está igualmente prevista a actuação de uma banda, que num eléctrico engalanado à século XIX percorrerá várias artérias da cidade.

Na noite de 24 para 25 de Abril, pelas 24 horas, será queimado fogo de artifício, com motivos alusivos ao 25 de Abril, nos altos do parque Eduardo VII, da Serafina (Restaurante) e do Restelo (Ermida).

Um documento de 25 de Abril de 1974

OUTRAS INICIATIVAS

Outras iniciativas decorrerão entretanto, por decisão de organizações populares.

Assim, no dia 25 de Abril, diversos actos comemorativos serão promovidos pela Organização Popular de Moscavide, (com apoio da FEPU), pela Comissão Coordenadora Concelhia e pela Junta de Freguesia do Seixal, pela Casa da Cultura da Juventude de Faro, pela Comissão de Moradores de Alhos Vedros, e pela Assembleia de Freguesia de Odivelas (integrada na Comissão Organizadora (Nacional).

. Nos Açores, em Ponta Delgada, haverá uma sessão especial da Assembleia Regional do arquipélago e em Angra do Heroísmo, o F.A.O.J. promoverá um concurso de poesia subordinado ao tema «Portugal: Abril do seu Povo».

Novo director no acto de posse

"Deve pedir-se à PJ o respeito pelas liberdades fundamentais"

. «Deve pedir-se à Polícia Judiciária que guie a sua actuação com respeito pelos direitos e liberdades fundamentais da pessoa humana e, em especial, dos arguidos» — afirmou o dr. Antônio Gomes Lourenço Martins ao ser empossado, ontem, como director da P. J. pelo ministro da Justiça, dr. Almeida Santos. Como directores-adjuntos foram empossados os drs. José Garcia Marques e Mário Gomes Dias. À cerimónia assistiram também os ministros da Defesa, tenente-coronel Firmino Miguel e da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás.

«Mas não se peça à Polícia Judiciária» — prosseguiu o novo director da P. J. — «aquilo que a transcende e, portanto, não pode dar. A sua actividade reporta-se, em linha directa, às normas em vigor, limitando-se a apurar quem as violou e em que circunstâncias. Intervém, pois, numa acção prévia à dos tribunais e se a estes cabe «assegurar a defesa dos direitos e dos interesses legalmente protegidos dos cidadãos» e «reprimir a violação da legalidade democrática» também o escopo da Polícia Judiciária não pode ser diferente».

«Aos órgãos de soberania, em especial à Assembleia da República, compete elaborar as normas novas ou reformular as antigas de modo a captar da realidade social os ditames que a maioria dos portugueses querem ver erigidos em Lei, porventura deixando de classificar como criminosas certas condutas que a generalidade da população não sente como reprováveis ou que, tradicionalmente, por este ou aquele motivo escapam à punição». Salientou ainda que se deve pedir à Polícia Judiciária que «seja eficiente, isto é, assuma a sua quota parte da responsabilidade na manutenção da segurança do edifício da Comunidade Social, investigando de forma imparcial e séria, as infracções penais».

«OPTÁMOS PELA LIBERDADE»

Também o ministro da Justiça, no seu discurso, se referiu ao papel da P. J. na nova sociedade, isto é, «uma Polícia da qual se exige muito mais do que se exigia à sua antecessora, ao passo que se lhe cerceiam, não sem motivo, prerrogativas de que aquela dispunha». «Não se pode ter tudo ao mesmo tempo — acrescentou Almeida Santos — E entre um pouco mais de criminalidade, a título que cremos transitório e o regresso ao arbítrio policial, com a violação da correspondência e das consciências, não há hesitação possível. Optámos pela liberdade e pela dignidade, com elas viveremos as horas boas e más do futuro que nos espera».

Foi anunciada para breve a criação de uma Direcção Central de Organização Administrativa e Informática, de um Arquivo Central, democratização da composição do Conselho Superior da Polícia e o reajustamento do vencimento da maioria do pessoal foram algumas das medidas anunciadas pelo ministro da Justiça.

Comemorações do PS são autónomas

. Uma concentração de militantes, uma sessão de variedades e uma alocução de Mário Soares — são o programa que o P.S. anuncia para as suas comemorações partidárias, em Lisboa, na passagem do terceiro aniversário do «25 de Abril». Dirigentes socialistas da FAUL deram ontem uma conferência de Imprensa para tornar pública a iniciativa que deverá designar-se — disseram — «Festa de Fraternidade Socialista». Com ela o partido pretende assinalar não apenas a efeméride da data em que o regime fascista foi derrubado pelos militares, mas também uma ««luta sem trégua» que o partido travou sobretudo em 1975 para, no dizer insistente dos seus dirigentes, «salvar a Revolução de Abril».

Na reunião de ontem com a imprensa, um dirigente da Federação da Área Urbana de Lisboa evocou os acontecimentos mais significativos dos últimos três anos onde o PS esteve envolvido, e salientou a «obra patriótica que o Governo PS está a realizar, solucionando a crise económica e salvando a Revolução».

As «festas» do PS são no dia 24. A concentração é no Campo Grande, cerca das 16 da tarde. Os militantes seguirão depois para o Campo Pequeno, onde haverá a sessão de variedades. Depois, a alocução de Mário Soares. À noite, os militantes socialistas deverão juntar-se nas comemorações promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa, assistindo à sessão de fogo de artifício no Terreiro do Paço.

Os dirigentes da FAUL fizeram questão de sublinhar que as comemorações decorrerão «num clima de unidade em torno do partido e do Governo». Para o PS, no dizer dos dirigentes da FAUL, a passagem do 25 de Abril deve ser assinalada «em paz e alegria».

Parece deste modo estarem goradas algumas hipóteses que chegou a haver de o PS e o P. C. P. se associarem nesta oportunidade para a jalização de comemorações conjuntas.

Portugal na União Interparlamentar

. Rudolfo Crespo, deputado do Partido Socialista, regressou ontem a Lisboa, depois de participar em amberra, na Austrália, em representação da Assembleia da República numa reunião do Conselho da União Interparlamentar. Portugal foi um dos 63 países representados.

No seu regresso, Rudolfo Crespo declarou terem sido apontados vários temas para a próxima reunião da Assembleia da União Interparlamentar (marcada para Sófia no próximo Outono). Destes salientam-se a problemática das transferências da tecnologia entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o desenvolvimento dos países mais pobres, os problemas do desarmamento, dos direitos humanos e da cooperação.

CONSELHO DE MINISTROS

Regime legal de despejos deverá ser revisto

. Sob a presidência do ministro de Estado, prof. Henrique de Barros, está reunido em S. Bento o Conselho de Ministros.

Entre os temas que serão debatidos conta-se a conclusão da discussão iniciada a semana passada em torno do projecto de decreto-lei que introduz alterações ao regime das acções de despejo. Para além deste, está igualmente inscrita na agenda de trabalhos a apreciação de vários diplomas dos Ministérios da Administração Interna, do Trabalho, do MEIC e do MAP, prevendo-se que seja entretanto publicado um diploma dando cobertura legal à criação do gabinete de Macau junto da presidência do Conselho de Ministros.

MUSEU DA REPÚBLICA

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, delegou no seu adjunto para os Assuntos Políticos, Manuel Alegre, os poderes que a lei lhe confere para a nomeação do director e demais órgãos do Museu da República e da Resistência, criado por decreto de 4 de Outubro do ano passado.

Incumbe ao Museu, que terá sede em Lisboa nas instalações do antigo presídio de Peniche, inventariar, recolher, conservar e expor documentos e objectos com interesse para o conhecimento da luta dos precursores e da acção governativa da I República, bem como da luta antifascista contra as subsequentes ditaduras e do Movimento Revolucionário do 25 de Abril.

Casas prefabricadas para famílias do Porto

. PORTO, 19 — Dezasseis habitações pré-fabricadas fazem parte de um esquema programa de contrução de 252 fogos que estão presentemente a ser implantadas nas traseiras do Bairro do Viso, junto à Estrada da Circunvalação. Aquelas habitações, que em princípio se destinavam apenas a retornados, destinam-se agora também a outros agregados familiares carecidos de habitação. Para isso haverá um concurso e os fogos serão atribuídos indistintamente.

Do programa esquema faz ainda parte a implantação de casas daquele tipo no Ameal (160), em Contumil (29) e no Freixo(47).

Entretanto encontra-se aberta ao público no Palácio de Cristal a IV Exposição Internacional de Materiais de Construção-Habitação, onde se fizeram representar 150 expositores de 14 países. A iniciativa (da A.I.P.) visa simultaneamente fins comerciais directos e a promoção da indústria portuguesa.

Telex serviço com os Açores

As 0 horas do dia 19 do corrente iniciaram-se as comunicações telex com os Açores, por intermédio de instalações provisórias de comutação manual.

Nesta primeira fase, os assinantes para estabelecerem comunicações para os Açores, deverão marcar o número do posto pretendido seguido do sinal ⊕, obtendo desta forma acesso ao operador que completará a ligação.

CTT

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

Acordo luso-cubano em preparação: 50 milhões de dólares

HAVANA, 19 — Sou-se aqui de origem não oficial que Cuba e Portugal estão a discutir um acordo comercial que poderá elevar-se a 50 milhões de dólares.

Pensa-se que terá sido este o motivo de recente entrevista do embaixador português em Havana, José Fernandes Fafe, com o presidente da Comissão Estatal de Colaboração Económica, Hector Rodriguez Lo mpart, que tem a seu cargo a coordenação dos tratados comerciais entre Cuba e terceiros países.

A cifra indicada supera largamente a do actual comércio corrente entre ambos os países.

Está já assente que o convénio em discussão aplicar-se-á fundamentalmente aos ramos farmacêuticos e de construção naval, por parte de Portugal e agrícola por parte de Cuba.

Açores contra custo de vida

Na sequência de outros movimentos semelhantes, a Assembleia de Freguesia da Ribeira Quente (Açores) enviou ao presidente da A. R. um telegrama pedindo que os representantes do povo do arquipélago votem «contra as medidas antipopulares do Governo de alta do custo de vida». A apelo acrescenw que na freguesia «deixou de se vender carne e as pessoas, aflitas, não sabem como viver num presente duro e num futuro que se vislumbra pior».

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 28 de Abril de 1977, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão para venda de jornais, artigos de tabacaria, frutas, bebidas, café, bolos e sanduiches, na estação de Almourol.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 4 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C.P. a quantia de 700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Almourol
— Abrantes
— Entroncamento
— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugeses, estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Almourol».

COFRE ROUBADO

Aos assaltantes que, na madrugada de sábado, dia 16, levaram um cofre pesado do escritório do armazém de ferro de Natário, Duarte & Machado, Lda., na Rua Infante D. Pedro, Lote 5-B a Entre-Campos, pede-se o favor de restituirem ou indicarem onde se encontram os livros e documentos da contabilidade que fazem falta incalculável ao técnico de contas. Gratificamos.

Supremo Tribunal Administrativo anula despacho de Magalhães Mota

. O dr. Magalhães Mota, quando era ministro do Comércio Interno, não passava um dia em que não pensasse suspender um funcionário. E houve mesmo uma vez que ameaçou de suspensão mais cem funcionários que queriam fazer uma reunião. Direcções-Gerais e responsáveis das Juntas tiveram a mesma sorte.

Enquanto aconselhava os trabalhadores a «apertar o cinto» e importava umas vacas que não gozavam lá de grande saúde, o dr. Magalhães Mota ia encontrando tempo para mais uma «suspensãozita» ou um processo disciplinar. Chamam-lhes saneamento.

Mas nem sempre o dr. Magalhães Mota, agora secretário-geral do P.S.D./P.P.D. e deputado à Assembleia da República, levou a melhor.

É o caso do processo disciplinar à vice-presidência da Junta Nacional dos Vinhos de que faziam parte os drs. Albino José Fernandes Correia, José António da Conceição Neto, José Arlindo Fernandes Borges. Estávamos, então, em Maio de 1976. Agora, passado mais de um ano, o Supremo Tribunal Administrativo concedeu provimento ao recurso dos recorrentes e anulou o despacho de Magalhães Mota.

Para além da fundamentação de que o despacho «está ferido de vício de forma por ter punido os ora recorrentes por factos não constantes da acusação», acrescenta que «a punição por factos não constantes da acusação envolvendo a falta de audiência do arguido e, com ela, a impossibilidade de o mesmo apresentar a conveniente defesa a respeito desses factos, integra a «nulidade insuprível» a que se refere o Estatuto Disciplinar dos Funcionários Públicos».

O PORQUÊ DO «DESPACHO»

Vale a pena contar um pouco da história que levou a que Magalhães Mota resolvesse instaurar um processo disciplinar à vice-presidência da Junta Nacional dos Vinhos. Pelo menos, o motivo aparente.

Aqueles responsáveis terão adquirido 14 grupos electrobombas. Mas isso irritou o dr. Magalhães Mota que entendia que devia ser consultado para esta compra (pensava que era só dois, quando afinal foram 14). Mas se foi o próprio dr. Magalhães Mota, segundo se lê na defesa do dr. José António Neto, que em reunião efectuada em 21 de Agosto de 1975, na sala do Conselho Superior de Economia instruiu as direcções dos organismos de coordenação económica no sentido «de desenvolverem a sua actividade sem perda do tempo com obstáculos ou formalidade burocráticas, cuja remoção ou preenchimento estivesse no âmbito da própria competência ministerial»?

. Ao contrário do que afirma a nota de culpa, «a aquisição sem prévia autorização ministerial», um dos arguidos salienta que «tal aquisição, além de expressamente autorizada, foi reconhecida por aquele ministro como sendo da maior urgência, não se podendo a sua efectivação compadecer com quaisquer retardamentos».

OS PREJUÍZOS

Quanto à necessidade imperiosa da compra daquele aparelho recorda o dr. Neto que havia sido feito um compromisso do ministro da Agricultura e Pescas e do secretário de Estado do Abastecimento e Preços para com os representantes da produção, de que o volume a retirar seria de dois milhões e quatrocentos hectolitros.

Ora, o material então existente na Junta Nacional dos Vinhos, era predominantemente de reduzido débito e grande parte dele encontrava-se em más condições de utilização, o que já tinha obrigado ao emprego de bombas emprestadas por algumas cooperativas, as quais, forçosamente, teriam de ser devolvidas antes das vindimas.

Se os 14 grupos electrobombas não tivessem sido adquiridos poderiam ter causado dezenas de milhares de contos de prejuízos ao País.

Um pormenor curioso: um dos arguidos, exactamente o dr. José António Neto, foi secretário de Estado de Abastecimento e Preços desde 4 de Abril de 1975 até 20 de Agosto do mesmo ano. No dia 2 de Setembro de 75, o novo secretário de Estado do Abastecimento, dr. António Correia de Campos despachou os assuntos mais prementes da Junta Nacional dos Vinhos entre os quais a «compra de vinte grupos electrobomba de alto rendimento».

EM.

No âmbito das comemorações da greve académica de 17 de Abril de 1969 em Coimbra a actual direcção da Associação Académica convidou para a mesa do colóquio (na foto) que sobre a crise decorreu no Teatro Gil Vicente, os dirigentes académicos de 1962, 64 e 69. e «professores da Universidade que sempre estiveram ao lado dos estudantes contra a repressão e opressão fascistas», professores como Luís Albuquerque Teixeira Ribeiro, Paulo Quintela, Graciano de Oliveira, Fernandes Martins, Orlando de Carvalho (estes dois últimos não estiveram presentes). Na qualidade de reitor interino da Universidade participou, também, no colóquio, a convite da DG-AAC, o professor Ferrer Correia. Alberto Martins, Fernanda Bernarda, Celso Cruzeiro e Osvaldo de Castro, todos da direcção da AAC, em 1969, e Décio de Sousa, vesidente da Mesa da Assembleia Magna, Soveral Martins e Jorge Strecht estudantes que participaram activamente na crise, Carlos Candal da DG-AAC, em 1961, e José Afonso integraram igualmente a mesa do Colóquio

Rocha Vieira em Paris com comandante da E.P.C.

. Encontra-se desde ontem em Paris o general Rocha Vieira, chefe do Estado-Maior do Exército. Foi a convite do seu homólogo francês, e deve permanecer naquela capital em contactos com os meios militares, até ao fim desta semana.

Falando aos jornalistas à partida, no aeroporto da Portela. Rocha Vieira disse que o objectivo desta visita se integra no quadro das boas relações existentes entre os Exércitos dos dois países. E anunciou que, além de participar em várias reuniões onde serão analisados os problemas ligados à vida do Exército Francês, deverá visitar várias unidades militares para observar equipamento.

O CEME participará ainda em cerimónias de homenagem aos mortos do Arco do Triunfo e no cemitério militar português, na Flandres.

Com Rocha Vieira encontram-se em Paris o coronel Alves Ribeiro, comandante da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, e os capitães Valeuça Pinto e Ramalho, este ajudante de campo do CEME.

Tribunais Militares

. Um decreto-lei do Conselho da Revolução ontem publicado estabelece a possibilidade de os actuais juízes e promotores de Justiça dos Tribunais Militares continuarem a exercer os respectivos cargos independentemente das disposições do novo Código de Justiça Militar.

Assim, poderão ocupar os cargos de juízes e promotores de Justiça oficiais oriundos de qualquer ramo das F.A. com o curso da Academia Militar ou de quaisquer das escolas suas antecessoras com a patente de capitão-mar-e-guerra ou de coronel, e o cargo de defensor oficioso oficiais com a patente de primeiro-tenente ou capitão. Esta medida é justificada pela inconveniência de, estando em pleno funcionamento, alterar radicalmente a composição dos Tribunais Militares, de acordo com as disposições constantes do novo código.

SOLIDARIEDADE COM BRASIL

Semana encerra hoje com comício no Pavilhão

. Encerra esta noite com um comício no Pavilhão dos Desportos em Lisboa a Semana de Solidariedade com o Povo Brasileiro, iniciativa do Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil. Na sessão desta noite participam antifascistas brasileiros que se encontram presentemente em Portugal (alguns vieram propositadamente para o efeito) e antifascistas portugueses, que deram a sua adesão a esta iniciativa.

No decurso duma conferência de Imprensa dada esta manhã para balanço das realizações havidas e anúncio da sessão de encerramento, os antifascistas brasileiros José Ibraim, Rolando Fratti e Luis Cardoso salientaram a importância da Semana e o seu peso na luta da Oposição e do povo à ditadura militar actualmente detentora do poder no Brasil.

Semanas de solidariedade como a que hoje encerra em Lisboa já se tinham realizado noutros países estrangeiros. A Semana em Portugal, no entanto — no dizer dos conferentes — reveste-se de um significado particular: Portugal — saliência neste ponto — é um daqueles países com os quais o actual regime brasileiro faz questão em ter boas relações. A propósito, foram assinaladas algumas dificuldades com que a iniciativa da Semana se defrontou: Rolando Fratti pôs relevo no ponto da actual situação política portuguesa, pouco favorável em codições a realizações empenhando as principais forças políticas.

Todavia, acrescente-se, as inúmeras adesões que a Semana registou em Lisboa representa um leque muito amplo de tendências democráticas: da UDP ao PPD, por exemplo. Os aderentes que colaboraram nas diversas sessões fizeram-no no entanto a título particular, e isso ainda nos casos do Secretariado da Inter, de que três membros têm o nome na comissão organizadora da Semana. Presentes dois deles na conferência de Imprensa esta manhã, Manuel Ferreira Lopes e Kalidás Barreto, este teve oportunidade de justificar a não adesão da CGTP enquanto organização: a Semana não implicava a participação de organizações de trabalhadores, mas os trabalhadores, eles mesmos. No entanto, lembrou, ainda no passado dia 2 do corrente, a Inter aprovou em plenário uma moção de apoio e solidariedade à luta antifascista no Brasil.

Da comissão organizadora da Semana fazem parte, entre outros, Sophia de Mello Breyner Andresen, Kalidás Barreto, Olívio França, José Luis Gaspar, Salgado de Matos, Rui Luis Gomes, Alberto Arons de Carvalho, João Cravinho, Fernando Piteira Santos, José Leitão, António Reis, Frei Bento Domingos, Luis Moita, Mário Ruivo e César de Oliveira.

Num comunicado emitido de ontem para hoje, a comissão salienta a importância da realização da Semana — «no momento em que a conjuntura brasileira apresenta sinais de evidentes crises, o que — diz — levou com que Geisel accionasse mais uma vez inúmeros instrumentos de excepção para encerrar pelo prazo de 15 dias o Congresso Brasileiro».

As realizações da Semana, em retrospectiva: foram apresentados três filmes de longa-metragem («Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos, «António das Mortes», de Glauber Rocha, e «O Caso dos Irmãos Naves», de Luis Sérgio Pessoa), três curtas metragens; houve quatro apresentações do conjunto brasileiro «Caldo de Cana»; e colóquios. Nestes versaram-se aspectos diversos da actual realidade brasileira: a sociedade, a economia, a cultura, a Igreja, o movimento operário, o campesinato, etc.

Num balanço, e no dizer de um dos conferentes, esta manhã, atingiu-se o fundamental objectivo: a denúncia pública dos crimes da ditadura no Brasil e a divulgação de diversos aspectos culturais do povo irmão do português.

SEGUNDO O GPAG

Antecipação de eleições significa demissão

A demissão dos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa a meio do seu mandato «é fruto da pressão de todos os trabalhadores que, ao longo de meses, se foram vendo atraiçoados no respeito pelos seus direitos de sócios e na defesa das suas regalias e conquistas», segundo afirmaram ontem num encontro com a Imprensa elementos do grupo promotor da assembleia geral extraordinária (GPAG) daquele sindicato, requerida para analisar a actuação dos respectivos corpos gerentes e por estes recusada.

O GPAG anunciou a convocação de uma reunião geral de sócios para o próximo dia 21, na qual fará o relatório da sua actividade, propondo a sua dissolução devido à decisão da direcção de antecipar as eleições para os corpos gerentes. Nesta reunião devem ainda ser discutidas as medidas a tomar relativamente à próxima campanha eleitoral.

Os dirigentes do Sindicato do Comércio decidiram recentemente antecipar as eleições para o próximo mês de Junho, devido à impossibilidade de gerir o sindicato depois da rejeição pela classe do orçamento para este ano e do relatório e contas do último exercício. Esta atitude é considerada pelo GPAG como uma «demissão na prática» por parte de dirigentes que têm desenvolvido «uma actuação contrária às promessas e ao programa».

Três objectivos merecem a atenção do GPAG na actual conjuntura do seu sindicato: desenvolvimento de acções e de massas, análise dos problemas concretos e reforço da unidade, com vista à mobilização da classe para o próximo acto eleitoral. Segundo foi salientado pelos seus elementos, a futura direcção terá um importante trabalho a realizar, com destaque para as negociações do contrato colectivo de trabalho retalhista e para questões como o horário de trabalho e a semana-inglesa.

DESINTERVENÇÕES

Sindicato da Construção Civil denuncia consequências das devoluções

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil manifestou a sua discordância pela forma incorrecta como o Governo está a desintervencionar as empresas do sector com intervenção estatal, numa conferência de Imprensa efectuada esta manhã naquelas instalações sindicais.

Aquela Direcção sindical assume publicamente esta posição, depois de o terem já feito o Secretariado das empresas intervencionadas e a Confederação-Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional. Dos 60 mil trabalhadores das empresas intervencionadas, cerca de 20 mil pertenciam à Construção Civil, sector em que, das empresas até agora desintervencionadas apenas uma considerada tecnicamente falida — foi devolvida aos trabalhadores. Das três soluções consideradas possíveis para concretizar a desintervenção, o Governo tem optado pela devolução ao patronato sabotador. Uma das contradições do Governo apontadas pela Direcção do Sindicato da Construção Civil neste processo, é a devolução das empresas recuperadas pelo esforço dos trabalhadores aos antigos patrões cuja gestão fraudulenta comprovada por inquéritos elaborados pelo Ministério das Finanças e Ministérios da tutela, as deixou pelo menos tecnicamente falidas.

Foi também salientado na conferência desta manhã que, simultaneamente, um Governo constituído por membros de um partido de trabalhadores, recusa entretanto a passagem de credenciais e empréstimos a empresas geridas por trabalhadores. Entretanto, o mesmo Governo concede empréstimos a empresas privadas, que têm como administradores homens da CIP ou ligados a membros do Governo. A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil apontou como exemplo de empresas nesta situação priveligiada, a «pró-Constrói» que tem como administrador um homem da Cip (eng.º Lacerda), à qual foi atribuído um empréstimo de 35 000 contos e a «Amadeu Gaudêncio, cujo accionista principal «é um amigo do ministro da Habitação, Construção e Urbanismo», como denunciou a direcção sindical. Esta firma recebeu um empréstimo na ordem dos 29 600 contos.

Ainda relativamente a empresas desintervencionadas, e devolvidas ao patronato, salientou-se os casos em que os patrões exigem indemnizações e empréstimos chorudos, como na Sanimar (o patrão pede 63 000 contos de indemnização e um empréstimo de 100 mil contos) e na Intento, cujo patrão pede uma indemnização de cerca de 100 mil contos.

A completar a situação «extremamente difícil do sector», a direcção da Construção Civil apontou aquelas empresas privadas cuja situação se está a degradar por culpa do Governo, visto que o Estado, como seu principal ou único cliente, não satisfaz pagamentos. Nessas empresas, os trabalhadores não recebem vencimentos há meses, nem subsídios.

Ainda outra forma assume o comportamento do Governo em relação às empresas intervencionadas, como o caso da J. Pimenta, cuja comissão administrativa se demitiu sem que outra tivesse sido nomeada, encontrando-se apenas cerca de 20 por cento da firma a laborar por falta de matéria-prima e outras carências. Sobre um projecto de reconversão apresentado pelos trabalhadores há ano e meio, não houve até agora qualquer resposta.

Os trabalhadores têm esperança de que o próximo Conselho de Ministros se debruce sobre este caso, bem como o caso da Mampril dos Santos Batalha, devolvida ao patronato, pondo os trabalhadores como condição para o regresso do patrão, a única possibilidade legal de o afastar da garência da empresa ou seja, a alteração do Pacto Social da empresa.

Em comunicado distribuído aos órgãos da Comunicação Social presentes, a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil propõe-se apoiar todas as lutas dos trabalhadores destas empresas no sentido da continuidade da intervenção estatal nas empresas, pela não devolução ao patronato, pela ausência de despedimentos e pela continuação da existência de condições que permitam aos trabalhadores o livre exercício da sua actividade sindical.

CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Material eléctrico denuncia política de "concertação" do MT

A Comissão Negociadora Sindical do Contrato Colectivo Vertical do sector de material eléctrico denuncia, em comunicado ontem divulgado, que «apesar da tão anunciada política de «concertação» e de «audição prévia dos trabalhadores» não conseguiu a C.N.S. ser recebida pelo responsável do Governo pela contratação (secretário de Estado do Trabalho) que invariavelmente dizia «estar muito ocupado».

Porém, como agravante, aponta a C.N.S. do material eléctrico que, «mais descaradamente, o Governo ao aceitar plenamente a proposta do patronato sobre a evolução do contrato e ao colaborar em manobras de atraso da contratação aparece neste processo claramente conivente com o patronato em toda a estratégia de recuperação capitalista à custa dos direitos e conquistas dos trabalhadores».

Estes considerandos levaram um plenário de delegados a defender, em moção aprovada em reunião do passado dia 14, que «qualquer que seja a evolução do processo há sempre que defender as reivindicações dos trabalhaodres e para isso, a C.N.S. conta com a mobilização activa dos delegados e outros trabalhadores em cada momento, para lançar as formas de luta que sejam (e são) fundamentais, para que os trabalhadores alcancem aquilo a que têm direito».

No comunicado que vimos referindo, a C.N.S. assinala que esta luta se enquadra naquela outra «mais geral de todos os trabalhadores quanto à recuperação capitalista e agrária, tendo em vista a transformação da sociedade portuguesa rumo ao socialismo».

BARRO VERMELHO

A Federação dos Sindicatos de Cerâmica analisa hoje, em plenário, a actual fase das negociações de uma Portaria de Regulamentação de Trabalho para o sector de barro vermelho.

De acordo com informacões obtidas por elementos do sindicato respectivo, numa deslocação ao Ministério do Trabalho efectuada na sexta-feira, já foi entregue na Secretaria de Estado do Trabalho o relatório final elaborado pela Comissão Técnica encarregada do estudo daquele sector.

A publicação da portaria deverá, portanto, ser feita em breve, provavelmente durante a semana corrente.

ARMAZENISTAS DE MERCEARIA

Os armazenistas de mercearia que hoje concluem a fase de conciliação das negociações do C.C.T.V. respectivo, deverão reunir-se logo após na sede do Sindicato do Comércio de Lisboa com o objectivo de prepararem a sua actuação futura.

Embora os termos desta reunião estejam condicionados pela outra a efectuar no MT., é de admitir que não será encontrado acordo nas negociações do C.C.T., uma vez que, chegados à fase final da conciliação, o patronato se mantém irredutível quanto à sua proposta de aumentos salariais, que reduz a 10 por cento.

Pedreiros, na qual estiveram presentes além de António Macedo, presidente do P.S., o governador civil daquele distrito, Cal Brandão.

Disse Maldonado Gonelha sobre contratação, referindo a evolução neste campo durante os últimos anos: «Apenas 850 mil trabalhadores beneficiaram enquanto os mais pobres continuam praticamente na mesma».

Depois especificou: «Enquanto uns trabalhadores têm subsídios de almoço que vão de 40 a 120 escudos e subsídios disto e daquilo de tal maneira que se recebia mais por remunerações suplementares na ordem dos 100 e 200 por cento do vencimento base, outros havia que tinham o mínimo indispensável para comer um bocado de pão todos os dias. Isto não é demagogia Apenas um terço dos velhos deste país tem subsídio de reforma e dos 500 mil desempregados apenas uma parte recebe os 2500 escudos de subsídio. Isto é imoral e injusto.»

Afirmando, em seguida, que o Governo actua com o objectivo de consolidar a democracia recuperando a economia, o ministro falou do papel dos trabalhadores, dizendo que «neste país criou-se uma imagem errada de trabalhadores que só eram os que trabalhavam com as mãos e aqueles cujo sindicato berrava mais».

E acrescentou: «Não houve uma preocupação de encarar os trabalhadores como classe social que efectivamente é».

SITUAÇÃO GRAVE

Risco de fome e desemprego em seis empresas têxteis do Norte

«Não fomos culpados da intervenção, nem da desintervenção. Fomos vítimas dos patrões que abandonaram as emvesas e continuamos a ser vítimas deles que reclamam as empresas só para lançarem a divisão e a confusão», afirmou ontem um dos delegados das comissões sindicais e de trabalhadores das empresas têxteis e de confecções «Nando», «Antar», «Fertex», «Schimming», «Seantex» e «Polifix», em conferência de Imprensa realizada nas instalações da Cooptextil no Porto.

A reunião teve por objectivo denunciar a gravíssima situação em que se encontram aquelas firmas, desintervencionadas em 31 de Março sem que tenha sido definida até aqui a sua situação legal.

Conforme foi referido, pesa sobre os 1500 trabalhadores daquelas empresas risco do desemprego, estando a maior parte deles sem receber qualquer salário ou subsídio há vários meses. A situação é de tal ordem que parte dos trabalhadores nem dinheiro para transportes têm, para se deslocarem às fábricas.

«É urgente que o Governo decida: os trabalhadores não podem esperar mais» — salientou um dos trabalhadores, frisando a situação de desespero em que muitos se encontram. E acrescentou: «Alguns assinaram papéis para o regresso do patrão não porque o quisessem para alguma coisa, mas com receio de só deste modo garantirem os seus postos de trabalho. Agora reparam que as empresas são desintervencionadas mas vão para o desemprego, para a fome».

Foi referido que a maioria das empresas estava já falida tecnicamente antes do 25 de Abril, tendo sido os trabalhadores que através de inúmeros sacrifícios conseguiram a sua sobrevivência.

Afirmou-se também que existem boas carteiras de encomendas naquelas empresas, estando, assim, em risco um volume de negócios que se eleva a várias centenas de milhares de contos. Por outro lado, foi salientado o bom equipamento técnico de algumas das firmas. Entretanto, encontra-se em Lisboa uma delegação de trabalhadores com vista a estabelecer contactos com o Ministério da Indústria e Tecnologia, Presidência do Conselho e comissão interministerial para o sector têxtil.

Restabelecida a normalidade na Grão-Pará

Regressaram à normalidade os serviços administrativos da sede do grupo de empresas da Grão-Pará, depois de suspensa a ocupação que um grupo de trabalhadores afecto à antiga administração manteve durante cinco dias, até à tomada de posse dos novos gestores da empresa.

Os dois gestores empossados a título provisório assumiram ontem as suas funções, tendo recebido os directores de serviço, uma comissão representativa do grupo ocupante, e a comissão de trabalhadores da sede do grupo, devendo ainda hoje reunir com os delegados sindicais das empresas da zona de Lisboa. Entretanto, foi restabelecida a cadeia hierárquica dos serviços, que se encontram a funcionar normalmente.

CONTRATAÇÃO, UMA DAS FRENTES DE LUTA

Sindicatos e comissão organizadora por um 1.º de Maio em liberdade

«Na actual situação, em que a ofensiva do Governo se situa em várias frentes, a grande jornada de luta do 1.º de Maio, Dia Mundial do Trabalhador, deverá assumir a mais ampla participação» — consideram, em documento aprovado na sua última reunião, os delegados sindicais do sector dos Fabricantes de Material Eléctrico, os quais voltam a denunciar o facto de o Ministério do Trabalho continuar a não os receber enquanto, a nível do Governo, se continua a falar na «concertação» e na «audiência prévia dos trabalhadores».

A moção aprovada pelos delegados sindicais do sector dos Fabricantes de Material Eléctrico envolve uma flagrante coincidência com o «manifesto» divulgado pela Comissão Organizadora das Comemorações do 1.º de Maio nos distritos de Setúbal e Lisboa, as quais — segundo o «manifesto» — se destinam fundamentalmente «a mostrar a nossa combatividade e firme determinação de lutar unida e organizadamente (...)

As comemorações têm início no próximo dia 26, e está previsto, de um modo geral, um conjunto de acções nas fábricas, empresas, bairros, freguesias e concelhos, desde plenários e sessões de esclarecimento, a actividades culturais e manifestações desportivas.

No dia 1.º de Maio, as comemorações centralizar-se-ão em Lisboa. O programa é, em síntese, o seguinte: de manhã, alvorada com morteiros e bandas de música, seguida de provas desportivas na rua e no «Estádio 1.º de Maio» (as últimas sujeitas a inscrição prévia); de tarde, concentração na Alameda Afonso Henriques, a partir das 13.30 horas seguida de desfile até ao Estádio, onde terá lugar uma manifestação-comício: pela quarta vez em liberdade.

Dentro do recinto desportivo, funcionarão «stands» organizados por sindicatos, CT's, Unidades Colectivas de Produção (Reforma Agrária), empresas em autogestão, cooperativas e sectores nacionalizados da economia.

O LEITE QUE BEBEMOS — FLÁVIO MARTINS DEN

Sistema de esbanja injustiça e corrupçã

«O esbanjamento do sr. Magalhães Mota, que continua com os brutais dispêndios do 1.º e 2.º escalões agora encobertos sob a forma de subsídio de 4$25, chegava e sobrava para montar as concentrações leiteiras que faltam ao País e dava para importar 5000 vacas e entregá-las de graça aos pequenos agricultores» — afirmou ao «D. L.» o eng.º Flávio Martins, membro da Comissão Liquidatária da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro e Minho, numa extensa e oportuna entrevista que nos foi concedida sobre o problema do leite.

Flávio Martins, longos anos dedicados aos problemas agro-pecuários do Norte, fala-nos dos vários factores ligados ao custo do leite e sucedâneos, denunciando a injustiça de determinados subsídios que destroem o cooperativismo e apontando propostas de solução para a correcção de desvios e deteriorações existentes. Hoje publicamos a primeira parte da entrevista.

A abordagem do tema começou pela última portaria sobre o leite, nº 110/A/77 de 2 de Março, que estipula novos preços para aquele produto e que tem originado grande celeuma no sector leiteiro.

«Essa portaria — diz-nos o eng.º Flávio Martins — trouxe à superfície problemas gravíssimos que existem no sector leiteiro para os quais temos vindo continuadamente a chamar a atenção das Secretarias de Estado do MAP e da Junta Nacional dos Produtos Pecuários sem lograr obter o mínimo de audição, embora as questões postas digam respeito a muitas importantes verbas de esbanjamento, desvios e agressões ao produtor e consumidor. Vieram à tona da água a protecção ao compadrio, à ignorância e irresponsabilidade, e foi posta a nu uma ausência de autoridade, propositada ou inconsciente, cujas consequências são preocupantes e sê-lo-ão muito mais a continuar-se nesta senda».

Mas qual a origem desta situação?

«Para não ir mais longe — a história do leite no nosso país é atribulada — tudo começou, nesta última fase, com o dr. Magalhães Mota, ao tempo do VI Governo Provisório. Antes das eleições para a AR reuniram-se em Lisboa as Uniões Cooperativas Leiteiras, a Cooperativa de Oliveira de Azeméis e Central Leiteira de Portalegre, tendo exigido ao Governo não só o aumento do preço do leite como o aumento dos subsídios para o primeiro e segundo escalões. O leite subiu 1$10 e o primeiro escalão subiu de $80 para 1$30, enquanto o segundo subiu de 1$20 para 2$00. A o fim, em nota, define-se o que são os escalões no circuito do leite. No 1.º escalão houve um acréscimo de $50 e no 2.º de $80. No total, portanto, um aumento de 1$30 para o leite pasteurizado de consumo público. Consideramos que o aumento de 1$10 no preço do leite reverte a favor do produtor. Foi justo, tendo em conta o aumento do custo dos factores de produção e uma política de incitamento de produção. O mesmo se não dá quanto à justiça no que se refere aos aumentos do 1.º e 2.º escalão.

Efectivamente, sendo de 380 a 400 milhões de litros a produção nacional do leite, o aumento do 1.º escalão cifrou-se em mais de 200 mil contos. No 2.º escalão, atendendo a que o leite tratado para consumo público (pasteurizado) deve andar pelos 150 milhões-ano, o aumento de $80 traduziu-se no montante de 120 mil contos-ano. Considerando os aumentos para os outros tipos de leite, esterilizado, ultrapasteurizado, etc., os aumentos referidos totalizaram, em números redondos, cerca de 370 mil contos».

SUBSÍDIOS QUE FAZEM LUCROS

Situando melhor a medida ministerial, acentuou:

«Estávamos em período pré-eleitoral e, demagogicamente, acedeu-se sem vacilar aos aumentos formulados pelas Uniões de Cooperativas. Se tivesse havido o mínimo cuidado na pesquisa correcta de informações ter-se-ia verificado, por exemplo, que a União das Cooperativas de Vila do Conde havia ganho no ano de 75, com as taxas de $80 e 1$20, cerca de mil contos; que a Cooperativa de Oliveira de Azeméis havia feito um brilhante resultado com aquelas mesmas taxas e que a Federação no Porto havia ganho no 2.º escalão 2300 contos e tido um défice no 1.º de 16 mil contos para uma recolha de 18 milhões e uma pasteurização de 36 milhões de litros.

«É certo que havia que ajustar salários, uma vez que os custos dos transportes tinham aumentado. O plástico, idem, tadavia, a decisão tomada, leviana, oportunista e eleiçoeira trazia as mais funestas consequências, porque crescia-lhe no ventre a inversão completa do princípio fundamental do cooperativismo de serviços, transformando este numa actividade lucrativa, anti-social (em vez de social), agredindo o produtor e o consumidor, desenvolvendo uma corrente inflacionista e desencadeando toda uma onda de tensões entre cooperativas e suas uniões e entre cooperativas do 1.º grau. Por outro lado, o subsídio de 1$30 para o 1.º escalão só pode entender-se como regional ou nacional e não para ser considerado a funcionar para esta ou aquela área de recolha».

Salientando mais o papel do cooperativismo, afirmou o eng.º Flávio Martins:

«O cooperativismo de serviços, no caso vertente, a recolha, transporte e concentração do leite (1.º escalão) e o seu tratamento, isto é, pasteurização, embalagem e distribuição (2.º escalão), são serviços sociais, não podendo em caso algum transformar-se em fonte de lucros, lucros estes que são pagos pelo Estado. Os aumentos salariais e outros custos no 1.º escalão e no 2.º escalão do circuito do leite deviam satisfazer-se com o máximo de 70 a 80 mil contos à escala nacional, e os aumentos concedidos da ordem dos 35 a 37 mil contos ultrapassam as necessidades em mais de 270 mil contos.

O cooperativismo de serviços não se fez para ganhar dinheiro, mas vincadamente para evitar a agressão económica ao consumidor/produtor, combatendo o intermediário».

COOPERATIVAS POBRES BATEM-SE COM SÉRIOS PROBLEMAS

Abordando depois o esbanjamento e a flagrante injustiça que envolve os subsídios o nosso entrevistado começou por citar o exemplo da Cooperativa de Oliveira de Azeméis que deve recolher actualmente cerca de 90 mil litros diários, de leite, num raio de acção que não ultrapassa, no maior peso da recolha, 30 km:

. «Uma vez que está bem equipada em grande parte da produção, com salas de ordenha e tanques de frio, o custo de recolha do leite para a Cooperativa de Oliveira de Azeméis não deve ultrapassar ainda hoje os $50/litro. No centro de tratamento, o custo não deve ultrapassar os 1$40/litro. Assim, realiza um benefício no 1.º escalão de $80/litro e no 2.º de $60. Nos serviços de recolha faz a módica quantia de 70 contos diários de benefício, faltando-me elementos para emitir opinião acerca dos lucros do 2.º escalão.

Corre, no entanto, à boca cheia, que os seus lucros diários andam pelos 120 a 150 contos, isto é, o total de 40/50 mil contos anuais. Generoso, o dr. Magalhães Mota ter-lhe-á concedido ainda um empréstimo de 22 mil contos (?) a prazo largo e à taxa de 3 por cento/ano para fomento pecuário.

«Também a Lacticoop deverá estar fazendo lucros relevantes e a União de Entre-Douro e Minho deve saldar este ano com o lucro (?) de 30 a 40 mil contos ou mais.

«Enquanto isto, cooperativas pobres ou incipientes, em zonas de recolha de baixa densidade por km, e muitas cooperativas de comercialização recentemente formadas a partir de grémios e outras, batem-se com sérios problemas de faltas de fundos para pagar ao pessoal. Vai argumentar-se que esses lucros vão para os produtores sob a forma de bónus. Sim, alguns. Todavia as tensões que se desenvolvem entre as cooperativas base e suas uniões rebentará com o cooperativismo leiteiro de 2.º grau, ou colocá-lo-á numa situação de brutal privilégio que esmagará, não deixando o mesmo grau de liberdade às cooperativas de 1.º grau, apropriando-se de quase toda a margem do 1.º escalão.

«Os agricultores vizinhos de uma cooperativa rica tendem a deixar a sua para entrar nesta com todas as consequências de fricções e rivalidades. A realidade existe. Mas as consequências são ainda: a) desenvolvimento de um corpo tecnocrata-burocrata que aparentemente defendendo a produção (lavoura é o termo usado) quer defender-se a si próprio; b) desigualdades acentuadas no sector quanto a salários, tendendo as ricas a ultrapassar os CC de modo a proporcionar unidade e protecção às direcções tecnocratas; c) marginalização e não fomento das zonas pobres, onde os custos mais elevados diminuem a rentabilidade global. Portanto, uma situação de antifomento.

«O sistema é de evidente esbanjamento, de injustiça, de corrupção e manipulação. Não defende o produtor, nem o Estado, nem o consumidor».

COOPERATIVISMO DE SERVIÇOS NÃO É PARA GANHAR DINHEIRO

Perante esta situação de gritante injustiça e desaproveitamento dos dinheiros públicos quais as vias de saída e solução? — perguntámos ao eng.º Flávio Martins. A resposta é clara:

«A única solução correcta e justa é assentar no princípio de que não podem fazer-se lucros à custa dos dinheiros públicos, nem provocar pólos ricos e arcas pobres, marginalizando exactamente aqueles produtores que mais precisam de ser auxiliados.

«O único princípio correcto é de considerar que o cooperativismo de serviços não é para ganhar dinheiro, mas para prestar um serviço social. Em consequência, a decisão acertada é de não atribuir qualquer subsídio fixo ao 1.º e 2.º escalões e mediante a apresentação de contas o Estado cobrir os custos desses serviços. Era assim que funcionava e devia continuar a funcionar.

«As contas apresentadas mensalmente seriam eficientemente verificadas, após o que o Estado cobriria o défice. Assim se acabava com as desigualdades e se moralizavam os serviços.

«É evidente que as empresas cooperativas que recolham o leite têm de fazer os seus investimentos, as suas reintegrações. Tudo isso tem de ser considerado. Há que inverter imediatamente a marcha, sem o que corre-se o risco de criar um cooperativismo de fachada, demagógico e «pregadista» que nada tem a ver com os produtores e consumidores. Os exemplos são patentes. Se o Governo proceder como se indica pode ir buscar já quatro a cinco tostões mais para o produtor, sem agravamento de encargos e em distribuição nacional equitativa».

A GORDURA E O RESTO

Outro aspecto quase sempre imperceptível à maior parte do público é a interferência da gordura no valor do leite, da manteiga e do queijo que subiram acentuadamente de preço. Que estipula a recente portaria sobre isso? O nosso entrevistado explica em pormenor o assunto:

«Os preços do leite A e B ao produtor pela última portaria são de 7$80 e 6$50, tendo subido de $30. Os preços do leite à produção nos últimos tempos sofreram as seguintes evoluções:

16/3/74 — A, 4$00; B, 3$60; C, 2$00; 1/6/75 — A, 6$40; B, 5$20; 1/3/76 — A, 7$50; B, 6$30; 8/3/77 — A, 7$80; B, 6$50.

«Há, assim, um aumento de valor entre o leite A de quase 100 por cento. E isto foi um forte acto positivo do 25 de Abril.

«Os preços de venda ao público são inferiores aos preços pagos à produção, o que significa que todos os custos desde o produtor até ao consumidor são, de uma maneira ou outra, cobertos pelo Estado.

«O leite A é pago ao produtor a 7$80 na base de 3,4 por cento de gordura. A recente portaria fez baixar o teor de gordura do leite/consumo pasteurizado de 3 por cento para 2,5 por cento. Isto resulta em detrimento da dieta das classes mais desfavorecidas, que consumindo-a, posteiormente, sob a forma de manteiga ou queijo, a irão pagar muito mais cara. A medida permite aumentar a produção de manteiga e queijo, reduzindo as importações. Todavia há aqui alguma coisa que está mal. Na verdade um décimo de gordura vale, segundo a portaria, quatro centavos, o que equivale a dizer que, contendo 1 quilo de manteiga 832 gramas de gordura, e sendo o preço desta, à saída da fábrica, de 81$50 e ao público de 100$00, adquiriu na passagem deste circuito os valores de dez e de doze centavos. Assim o seu preço multiplicou por 2,5 e 3 respectivamente. A matéria gorda paga ao produtor, representativa de 1 quilo de manteiga custa somente 33$00. Deve acrescentar-se que quando se vende manteiga, vende-se papel embrulhante ao preço da manteiga, e quanto mais pequena é a porção mais papel se vende».

ÚNICO NO MUNDO: PREÇO (DO QUEIJO) FUNÇÃO DA FORMA

Quanto ao queijo este factor torna-se ainda mais grave como o demonstra o eng.º Flávio Martins, que para além do aumento de preços sublinha a seguir os aspectos ridículos da portaria:

. «Antes da saída desta última portaria, o chamado queijo bola, dito Flamengo, tinha o preço de 62$50 na fábrica e de 75$00 ao público. Com a actual portaria, os preços passaram para 109$00 e 135$00. Antes, entre o armazém e o público havia o diferencial de 12$50. Agora o diferencial é de 26$00. Um aumento de mais de 100 por cento.

«A recente portaria estabeleceu o preço de 109$00 para o queijo com 40 por cento de gordura. Quando se diz que um queijo tem 40 por cento de gordura, esta percentagem não se refere ao peso total do queijo, mas à percentagem relativamente à matéria seca. Normalmente um queijo que se apresenta com 40 por cento de gordura tem mais ou menos em relação à matéria seca 25 por cento de gordura. Esta é a gordura efectiva. Então, aqui o va-

Tudo começou nesta última fase com o dr. Magalhães Mota ao tempo do VI Governo Provisório — lembra Flávio Martins na primeira parte da entrevista que nos concedeu. Em qualquer caso a história do leite, diz ele, é «atribulada».

IUNCIA

mento,

o

lor do grama de gordura ainda é influenciado por factor multiplicativo maior que na manteiga, aproximando-se, ao deduzir o valor da caseína, de 22 centavos à porta da fábrica e «40 no preço ao público. As diferenças do preço da gordura na manteiga e no queijo não vão permitir que se faça manteiga. A tendência do industrial será de incorporar a gordura no queijo, metendo, assim, maior valorização.

«Os números demonstram que se o produtor receber pela gordura, em vez de $04 por décima, $06, para 3,2 por cento, vai buscar para leite de 3,8 por cento mais $36. O Estado não despende mais: vai buscar-se à taxa excessiva dos industriais. Por outro lado, afigura-se sensato fixar em 3,2 por cento a gordura e atribuir $06 por décima acima daquele valor, e $80 por décima abaixo. Assim se evitaria bastante incorporação de água. Mas isto de queijo no nosso país é muito mais complicado e tem foros de ridículo. Provavelmente deve ser o únic país do mundo onde se tabela o preço pela forma. Ora o queijo pode ter a forma que se quiser: bola, barra, prato, supositório, etc.

«O artigo 25.º da última portaria diz «no território nacional. o fabrico do queijo tipo flamengo tem de obedecer às características tradicionais, apresentando a forma esférica.

«Ora o que na verdade define o preço de qualquer queijo é a natureza do leite-vaca, ovelha e cabra. Este é factor fundamental de preço. Tudo o resto são quebras maiores ou menores, curvas diferentes, pouco ou relativamente pouco incidindo no preço. O queijo flamengo ou holandês tem a forma esférica porque antigamente, na Holanda, permitia melhor carregamento nos barcos deslizando por caleiras para os porões dos navios. Como a forma esférica estava tabelada, fácil foi aos industriais furtarem-se a ela e inventarem uma outra designada por «prato» — tipo serra. Desde há três anos tem estado a fabricar o queijo flamengo, mas em vez de vende-lo a 62$50 vendiam-no a 105$00, porque esse tipo prato não era tabelado. Iam mais longe.

Com um cheirinho de essência de leite de ovelha passava por serra. Alguns até têm no rótulo tipo «serra».

«É sabido que com 10 litros de leite a 2,5 por cento de gordura se faz 1 quilo de queijo com 40 por cento. Antes desta portaria recebia o leite subsídios pelo Estado a cerca de 5$00/litro. 50$00 de leite para vender queijo a 105$00. Foi um autêntico regabofe e vai continuar. De acordo com a última portaria vão agora receber o leite com 3,4 por cento de gordura-leite B a 7$80. O Estado deixou de subsidiar. Deduzindo 0,9 de gordura a quatro centavos, isto é, $36 o preço efectivo do leite contido no queijo é 7$44, o que dá para 10 litros 74$40 para venderem a 109$00. Mas os soros e as caseínas também valem. E vale a incorporação de leite em pó que lhes tem sido fornecido a bom preço.

«A portaria, continuando a definir o queijo flamengo como tendo forma esférica e tabelando esta, e só esta, vai permitir que a fraude continue e não tarda que o queijo prato da mesma massa daquele não esteja a 140 ou 150$00. Ninguém se convença do contrário. Só há um caminho: o queijo tem de ter inscrito no rótulo a origem do leite vaca, ovelha, cabra. Aí está a explicação porque o queijo bola, raro, aparecia no mercado».

POSTOS DE CONCENTRAÇÃO DO LEITE SOB CONTROLO DO ESTADO

É sabido que a produção do leite não chega para o consumo e abastecimento da indústria de lacticínios. Entretanto, segundo a legislação em vigor, é prioritário o abastecimento público com leite em condições de pasteurizar. Que acontece?

«Acontece que em largas zonas do País a recolha do leite, embora caiba juridicamente às cooperativas ou ex-federações, é feita por camionetas pertencentes a industriais que levam o leite para as suas fábricas onde o concentram. Daí, em princípio, vem o leite. A necessário ao abastecimento público. Mas, com as margens de lucro que desfruta, torna-se evidente que o industrial tudo faz por reter a maior quantidade faltando com ele ao abastecimento. Ainda mais: dentro da lógica do sistema interessa-lhe ficar com o leite mais barato, o leite B, o que, em consequência, o leva a não ter o mínimo cuidado com a recolha. E o Estado até agora pagava a maior parte deste leite como A. O leite tem uma densidade normal de 1029-1030; quando desce isso significa adição de água. E são muitos milhares de contos que o Estado paga. Se ao menos a água fosse boa!

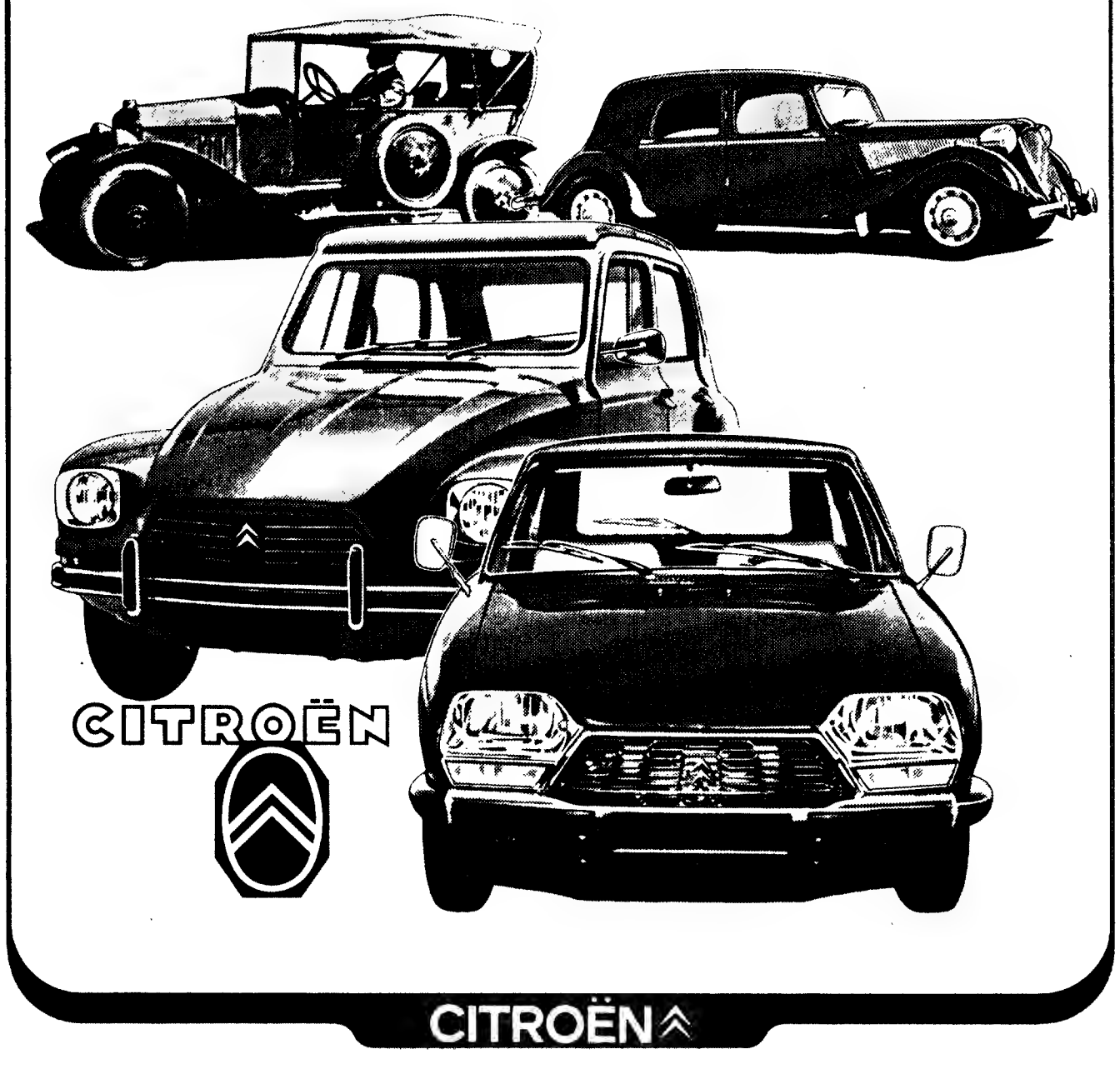
«Enquanto os postos de concentração do leite estiverem nas mãos dos industriais (nem todos claro, com a mesma falta de escrúpulos), a anarquia e os desmandos são de toda a ordem. Não há leite bom, nem as realidades são incontroláveis, enquanto em cada região leiteira não se programarem os postos de concentração, postos que têm de estar sobre o controlo de organismo estatal. O esbanjamento do dr. Magalhães Mota e que continua, com os brutais dispêndios do 1.º e 2.º escalão agora encobertos sob a forma de um subsídio global de 4$25, chegava e sobrava para montar as concentrações leiteiras que faltam ao País e davam para importar 5 mil vacas e entregá-las de graça aos pequenos agricultores. É tempo de acertar o passo. É tempo de planificar e estruturar».

circular é viver

CITROËN

Há meio século em Portugal

1927-1977



CITROËN

DAVID OWEN FORMAL

Inglaterra respeita independência de Angola

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, conferenciando domingo de manhã com o presidente de Angola, Agostinho Neto, pouco depois da sua chegada a Luanda, vindo de Salisbúria, afirmou que a Inglaterra respeita «a independência da RPA, a sua integridade territorial, o seu desejo de não-alinhamento e de manutenção das relações com os países ocidentais e socialistas».

Sobre o problema rodesiano disse Owen que se sentia «céptico» quanto à sinceridade de Ian Smith quando este afirma querer abandonar o poder e ceder o lugar à maioria.

Ainda acerca da Rodésia, David Owen indicou que não se podia pensar em pedir à «Frente Patriótica» que abandone a luta armada antes de haver a certeza de que a regra da maioria seja respeitada.

O ministério britânico afirmou também que ele não poderá suprimir o Governo de Salisbúria, mas que tentava «reunir todas as partes interessadas neste problema». Salientou que os países da «primeira Lusaka» tinham indicado que continuarão a apoiar a luta armada sem acharem que isso seja incompatível com a busca de uma solução pacífica.

A propósito das sanções económicas contra a África do Sul, indicou que «cortarão» aquele país do mundo ocidental e poderão ter como resultado o reforço do «Apartheid». É preciso que a África do Sul mude. Mas não é possível mudá-la de um dia para o outro. Levará anos ou então a mudança será feita com uma violência terrível» — salientou.

Quanto ao Zaire, Owen indicou ser difícil saber o que se passa actualmente naquele país, afirmando que o respeito da integridade territorial é um factor para a estabilidade em África.

«Mesmo quando existem diferenças de opinião entre Governos acerca das políticas internas».

COM DELEGAÇÃO DE BISSAU

Lucette Cabral visita China Popular

Uma delegação da Guiné-Bissau, chefiada por Lucette Andrade, directora da ANG (Agência Noticiosa da Guiné) e esposa do presidente Luís Cabral, partiu para uma visita de três semanas à China Popular e à República Popular e Democrática da Coreia.

Esta visita, realizada a convite dos governos chinês e norte-coreano, contribuirá de certo para repor o nível de relações anteriormente existentes entre a Guiné-Bissau e a China, particularmente afectadas pela posição chinesa em relação à segunda guerra de libertação em Angola e em relação ao MPLA. Lucette Andrade Cabral assistirá em Pequim aos festejos do Primeiro de Maio e no seu regresso a Bissau fará escala em Lisboa.

A China deu um forte apoio ao PAIGC na primeira meia dúzia de anos de guerrilha, contribuíndo com armamento ligeiro e formando os primeiros quadros combatentes (entre eles Nino, Chico Té — actual primeiro-ministro — e outros chefes tradicionais da guerrilha) mas na parte final da guerra retraiu-se um tanto, nomeadamente depois da última Tricontinental em Argel. O seu apoio à FNLA mereceu-lhe vivas críticas do PAIGC, o que os chineses compreenderam perfeitamente reforçando a sua ajuda ao jovem país independente da África Ocidental. Já depois da libertação de Angola uma equipa de 24 médicos chineses foi enviada para a Guiné, fixando-se no hospital e na região de Cantchungo onde os seus métodos de acumpuctura atraem um número inusitado de doentes de todo o país.

A China concedeu também, um empréstimo de 400 mil contos à Guiné, empréstimo a longo prazo e sem juros, ao mesmo tempo que tem mantido em Bissau equipas de técnicos de orizicultura.

Uma delegação chefiada pelo ministro do Comércio e integrando também ministros da Agricultura e da Saúde esteve, entretanto, na pátria de Mao-Tse Tung. Actualmente a China Popular tem em Bissau um embaixador residente.

Lucette Cabral, acompanhada de Agostinho Neto, quando da visita do presidente da RPA a Bissau.

Zaire: "napalm" em Shaba

Mobutu quer mais auxílio

O ministro dos Negócios Estrangeiros da República do Zaire, Karl-I-Bond, deve solicitar amanhã aos chefes de Estado das antigas colónias francesas na África que auxiliem o seu governo a dominar a situação na Província de Shaba — informa a ANOP/AP.

O pedido será formulado durante uma reunião internacional em Dacar, no Senegal, reunião essa a que assiste o Presidente da República francesa Valery Giscard D'Estaing.

Entretanto, as tropas do Zaire lançaram uma «ofensiva decisiva», contra uns dois mil rebeldes que actuam na Província de Shaba, segundo círculos diplomáticos e governamentais de Kinshasa. As tropas do Zaire teriam avançado a partir da aldeia de Kanzenze, uns quarenta quilómetros a noroeste do centro mineiro de Kolwezi. Um informador oficial disse que as tropas leais a Mobutu apreenderam quarenta caixas de armas e de material e meio milhão de dólares em notas falsas do Zaire, bem como dinheiro falsificado norte-americano.

Além da presença dos soldados de Marrocos (e Hassan II tenciona mandar mais um contigente de dois mil para que se juntem aos mil e quinhentos já presentes no Zaire), mais dois países africanos o Sudão e Marrocos, declararam-se já prontos a auxiliar Mobutu na sua luta contra a Frente Nacional de Libertação do Congo (FNLC).

Por sua vez, os Estados Unidos contribuiram com 13 milhões de dólares para a concretização da mesma finalidade. E a França, com a descontentamento da esquerda, concedeu apoio logístico, pondo à disposição de Kinshasa aviões para transporte dos soldados marroquinos.

Finalmente, tropas egipcías teriam chegado já ao Zaire, de acordo com informações da TASS e a China, foi também acusada pela mesma agência de ter enviado «armas e abastecimentos militares para aquele país africano».

«NAPALM» HELSÍNQUIA E BREJNEV

O «napalm» já começou a cair sobre certas aldeias de Shaba, desmantelando culturas, fazendo mortos e fazendo com que os rebeldes recuem, afirmam fontes de Kinshasa.

Guerra, pois. Assim, em Helsínquia, a intervenção «premeditada» da França, dos Estados Unidos e de outros países no Zaire foi severamente condenada pelo «Movimento para a Paz». Também o presidente malgache da República Árabe Sariana Democrática, Mohamed Lamine Uld Ahmed, condenou a ingerência e afirmou que o conflito do Shaba «é um assunto interno do Zaire».

Em Moscovo Leonid Brejnev acentuou que «os países que se imiscuem nos assuntos do Zaire devem medir as consequências que tal tipo de acção pode acarretar. Se uma nova e perigosa fonte de tensão emergir do centro de África, toda a responsabilidade recairá sobre aqueles que violam abertamente um dos princípios básicos das relações entre Estados: o princípio de não interferência nos assuntos internos». Brejnev acrescentou um novo dado «Israel está também a ajudar as Forças Armadas do Zaire com o objectivo de arrastar também os países árabes para o conflito».

Diz Gabriel García Márquez

"Angola enfrenta os perigos da Cuba dos primeiros tempos"

«Angola está hoje confrontada com todos os perigos que ameaçaram os princípios da história revolucionária de Cuba» — estas são palavras do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, presentemente em Havana depois de ter visitado a RPA.

O autor de «Cem anos de solidão» está a preparar a publicação de uma reportagem sobre a viagem que precisamente fez àquele Estado africano de expressão portuguesa.

Por outro lado, num artigo intitulado «Operação Carlot» publicado em Janeiro passado, García Márquez já tinha descrito os detalhes da intervenção cubana em Angola.

Nesse artigo o escritor colombiano sustentava que Cuba tinha tomado essa decisão sozinha, e que tinha informado a URSS após o facto consumado. Márquez, respondendo àqueles que duvidam da sua afirmação, afirma que «viu e leu a mensagem pela qual Cuba anunciava a Moscovo a sua decisão de enviar tropas para Angola, em resposta à solicitação do Governo de Agostinho Neto».

Márquez também indica que as viagens simultâneas à África do chefe do Estado Soviético, Podgorny e do seu homólogo cubano Fidel Castro «eram apenas pura coincidência».

Evocando a situação no Zaire, Márquez declara que se trata de «uma operação do imperialismo» já que «o Zaire sozinho não poderia ter resistido a um simples golpe de Estado levado a cabo por alguns catangueses».

SENAL — sociedade nacional de promoção de empresas, sarl

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCÍCIO DE 1975

Senhores Accionistas

De harmonia com as Leis e os Estatutos, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório e as Contas do Exercício de 1975.

I. Através das últimas Assembleias Gerais foi dado conta das dificuldades que se têm deparado à nossa Sociedade, em face do contexto político-económico em que estamos inseridos.

Delas podemos destacar nomeadamente:

— o pedido de rescisão da anterior Administração a partir do momento em que deixou de haver liquidez na Sociedade para pagamento dos vencimentos;
— tentativa de análise às actividades da Senal através duma Comissão de Inquérito, o que não se conguiu concretizar;
— situação de impasse, dado que nenhum grupo de accionistas se quis propor para os corpos gerentes.

II. Após várias diligências os accionistas que actualmente ocupam os lugares de corpos gerentes, prontificaram-se a fazê-lo sob condições expressas em acta, e de que destacamos:

— prestação de serviço em tempo livre, de acordo com as disponibilidades das suas ocupações profissionais;
— o serviço ser prestado graciosamente, até se criarem as condições para restabelecimento da vida normal da Senal;
— o seu consentimento foi dado só para obviar ao iminente fecho da Sociedade.

III. Por essa missão nos responsabilizamos e por ela damos conta aos Senhores Accionistas:

1. A actividade da Administração foi portanto reduzida ao mínimo que se pretendia, ou seja manter a Sociedade com o mínimo de despesas possível. No entanto temo-nos vindo a inteirar dos maiores problemas que afligem a Senal, esperando que possa voltar a funcionar e que lhe possamos ser úteis.
2. A conta de Lucros e Perdas mostra além das verbas de Provisões e de Amortizações a dispendida com os gastos normais da Senal em actividade, até Julho, não tendo no entanto havido contrapartida de receita em face dessa actividade.
   O prejuizo do exercício cifra-se pois em 1 630 778$40, que propomos transite para o exercício seguinte.
3. Do total das despesas constantes do balancete da conta Despesas Gerais, (1 295 102$10) somente 114 782$70 foram dispendidos no período da responsabilidade da actual Administração e mesmo dessa importância só 60 125$00, foram relativos a encargos criados neste mesmo período, o que aliás está de acordo com a nossa previsão de gastos.
4. Em relação à nossa Carteira de Títulos gostaríamos de frisar dois pontos, só uma parte mínima pertence a empresas nacionalizadas (Secil e Açoreana) e a satisfação de que empresas que são fundamentais para a valorização da nossa carteira, como a Chromolit e a Imaviz continuam com uma actividade perfeitamente normal e com hipóteses de rentabilidade.

IV. Mantemos agora a expectativa esperando que a actividade do mercado de títulos seja esclarecida, pois só em função desse esclarecimento pode ser definida a continuação da Senal.

LISBOA, 25 de Março de 1976

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
José Fráguas Lucas — Presidente
Dr. José Luís de Sousa Reis
José Manuel Ressurreição de Oliveira
Pedro Floriano de Lima Brito Dargent
Fausto Luís Rodrigues Rexo

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ACTIVO

DISPONIVEL		
Caixa	111 867$30	
Bancos	441 755$20	553 622$50
REALIZÁVEL		
Letras a Receber	60 000$00	
Devedores Gerais	2 426 661$10	
Títulos em Carteira	63 705 305$00	66 191 966$10
IMOBILIZADO		
Despesas de Constituição:		
Custo	380 670$10	
Amortizações	288 293$10	92 377$00
Instalações:		
Custo	358 068$80	
Amortizações	90 337$40	267 731$40
Móveis e Utensílios:		
Custo	402 239$70	
Amortizações	117 437$20	284 802$50
Depósitos e Adiantamentos		7 000$00
CONTAS DE ORDEM		
Valores recebidos em caução		450 000$00
		67 847 499$50

PASSIVO

EXIGÍVEL		
Credores Gerais	269 194$10	
Letras a Pagar	28 500 000$00	28 769 194$10
DE REGULARIZAÇÃO		
Provisões diversas		1 297 293$10
CAPITAL PRÓPRIO		
Capital Social	50 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal	500 000$00	50 500 000$00
RESULTADOS		
De Exercícios Anteriores	−11 538 209$30	
Do Exercício	− 1 630 778$40	−13 168 987$70
CONTAS DE ORDEM		
Credores p. Valores em Caução		450 000$00
		67 847 499$50

DESENVOLVIMENTO DA CONTA LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

DÉBITO

Remunerações aos Corpos Sociais	319 020$00	
Despesas com o Pessoal	695 630$70	
Despesas Gerais	280 451$40	
Provisões	353 522$60	
Amortizações	211 355$10	1 859 979$80
		1 859 979$80

CRÉDITO

Anulação Serviços Prestados em 1974	6 533$40	
Outras Receitas	222 668$00	229 201$40
Saldo		1 630 778$40
		1 859 979$80

O TÉCNICO DE CONTAS
Fernando Martins Videira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
José Fráguas Lucas (Presidente)
Dr. José Luís de Sousa Reis
José Manuel Ressurreição de Oliveira
Pedro Floriano de Lima Brito Dargent
Fausto Luís Rodrigues Rexo

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

DESIGNAÇÃO	Quant.	Valor Nominal	Preço médio compra	Cotação em Bolsa	VALOR DE BALANÇO Unitário	VALOR DE BALANÇO TOTAL	Valor total de aquisição
Acções SENAL	137 510	100$00	100$00	—$—	100$00	13 751 000$00	13 751 000$00
Acções INTERBAN	49 580	100$00	100$00	—$—	100$00	4 958 000$00	4 958 000$00
Acções IMAVIZ	4 719	1 000$00	968$40	—$—	968$40	4 569 905$00	4 569 905$00
Acções AÇOREANA	220		120$00	—$—	120$00	26 400$00	26 400$00
Acções SECIL	135		3 000$00	—$—	3 000$00	405 000$00	405 000$00
Acções CHROMOLIT	39 995	1 000$00	1 000$00	—$—	1 000$00	39 995 000$00	39 995 000$00
	232 159					63 705 305$00	63 705 305$00

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas

Nos termos da Lei e dos Estatutos, tem este Conselho o prazer de apresentar a V. Ex.as o seu Relatório e Parecer acerca do relatório, balanço, contas e proposta do Conselho de Administração relativos ao exercício de 1975.

Informamos que este Conselho, eleito no fim de 1975, examinou como lhe competia a contabilidade, os documentos e livros em que a mesma se apoia, encontrando tudo na na melhor ordem e de acordo com a legislação em vigor, incluindo os critérios valorimétricos utilizados.

Em face do exposto propomos:

1. Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1975;
2. Que sejam testemunhados os agradecimentos de todos os colaboradores desta Sociedade pela dedicação dispensada,
3. Que ao resultado do exercício seja dada a aplicação proposta pelo Conselho de Administração.

LISBOA, 26 de Março de 1976

O CONSELHO FISCAL
Dr. Abílio Farinha Tavares — Presidente
Ouseire da Silva Gomes
António Augusto Martins

PAQUISTÃO

Oposição não quer negociar com Bhutto

O primeiro-ministro Zulficar Ali Bhtutto sofreu ontem vários reveses na sua luta para fazer regressar a calma ao Paquistão e conservar o seu lugar. A oposição que conquista cada dia mais influência, indiciou que se recusa a dialogar com ele enquanto não se demitir.

Maulana, Madoodi, um dos chefes religiosos com mais prestigíio no Paquistão, fundador do partido Jammat I-Islami, alinhou na com os pontos de vista da oposição: «A nação já não tem confiança no primeiro-ministro» afirmou numa conferência de Imprensa.

Maulana Madoodi era considerado ainda há poucos dias um dos raros intermediários possíveis entre Bhutto e a oposição, e o primeiro-ministro até o tinha visitado, há dias, para ter a sua opinião sobre a situação.

Entretanto, três deputados da maioria (em 180) demitiram-se responsabilizando Bhutto pela situação do país.

Com as manifestações de protesto contra o Governo as acusações de falsificação nas eleições e a exigência de demissão de Ali Bhutto a alastrarem-se por todo o país. em ELyallpur, no centro doo Punjab, morreram três pessoas numa manifestação, anunciou o partido da oposição «Aliança Nacional Pasquitanesa» que acrescentou terem sido feridos a tiro em Hyderabade, no Sind, vinte e quatro militantes contrários ao governo de Bhutto.

A ANP organizou na maioria das cidades do Paquistão manifestações que decorrram sem incidentes.

Também os partidários do primeiro-ministro organizaram em Caraxi, Ravalpindi e no centro do país manifestações que decorreram calmamente.

Finalmente talvez para conseguir bases de apoio o ministro das Finanças, Abdul Hafez Pirzada, anunciou um aumento dos vencimentos da função pública e das forças armadas, que beneficiara mais de um milhão de funcionários.

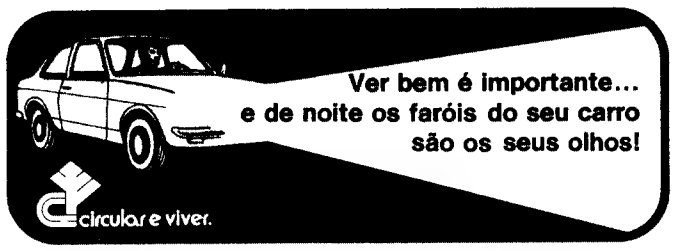
Ontem o Paquistão viveu o seu primeiro dia «seco» em virtude do primeiro-ministro haver decidido o encerramento de todos os bares e proibir a venda de bebidas alcoólicas.

Conferência de Genebra ainda este ano

A Conferência de Genebra sobre o problema do Médio Oriente reunir-se-á provavelmente antes do fim do ano, declarou ontem em Paris numa conferência de Imprensa, o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Yigall Allon.

Igual opinião é dada pelo ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, que, em entrevista hoje publicada pelo jornal cairota «Al Ahram», se declara convicto de que a Conferência será reatada na segunda metade deste ano.

Enquanto isto, o presidente sírio Hafez Assad, prossegue as suas conversações em Moscovo com os dirigentes soviéticos. Num discurso ontem proferido, Assad acusou a intransigência israelita de ser responsável pela «crise grave» que actualmente se vive no Médio Oriente. Falando sobre a situação no Líbano, Assad declarou-se partidário da integridade daquele país e sintetizou a acção das suas tropas ali, dizendo que assim se conseguiu evitar a partilha do Líbano e preservar o movimento palestiniano. Por sua vez. Leonid Brejnev, secretário-geral do PCUS, discursando num banquete em homenagem a Assad, advertiu as «forças imperialistas e seus lacaios» de que a interferência no Zaire pode tornar aquela área perigosa.



FILHO DE INDIRA PERDE PASSAPORTE

OEntretanto na Índia o governo confiscou o passaporte a Sanjay Gandhi, filho de Indira Gandhi, anunciou hoje um porta-voz do ministério indiano dos negócios Estrangeiros.

A medida impede-o de abandonar o país, num momento mem que enfrenta investigações sobre corrupção transacções financeiras e acusações de abuso de influência durante a vigência do governo de sua mãe.

Segundo a Imprensa indiana, foi tomada uma iniciativa semelhante contra Bansi Lal ministro da defesa do Governo de Indira Gandhi, embora o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros tenha apenas confirmado a confiscação do passaporte de Sanjay.

Por seu lado, a rádio governamental anunciou que a medida foi também aplicada a Dhirendra Brahmachari, «guru» indiano que foi conselheiro de ioga da sr.ª Gandhi.

PS DO CHILE

44 anos de luta pelo socialismo

A 19 de Abril de 1933, a reunião de várias organizações tendo à frente o coronel Marmaduque Grove, dava origem a um partido operário, popular, nacional, anti-imperialista e revolucionário, o Partido Socialista do Chile. A acção militar de 4 de Junho de 1932, que proclamou a «Primeira República Socialista da América», uma determinação que se tornou oficial por decreto-lei, constituíu o antecedente imediato da fundação do PS chileno, que se transformou rapidamente numa das forças essenciais para congregar e organizar as massas trabalhadoras.

No seu primeiro Congresso, o Partido Socialista do Chile declarou-se marxista, reconheceu a luta de classes e a ditadura do proletariado, definiu o carácter do Estado e preconizou a unidade política e económica dos povos da América Latina através da criação da Federação das Repúblicas Socialistas do Continente. Na sua Conferência de Programa de 1947, assinalou que somente a deslocação do poder de uma minoria capitalista para a classe trabalhadora facultaria a reforma agrária, a industrialização e a libertação nacional. Em 1957, a elaboração da política da Frente de Trabalhadores unidade de acção do proletariado, camponeses, faixas pauperizadas da população, sob a direcção dos primeiros, reforça a coesão partidária, a unidade dos partidos operários PS e PC e da Central Única dos Trabalhadores a C.U.T., alterando o quadro político do país e gerando um centro polarizador de grande amplitude revolucionária, ao mesmo tempo que introduziu nas consciências a ideia de uma alternativa própria e nova.

A formação do FRAP e a candidatura de Salvador Allende à Presidência da República, em 1958 e 1964, assim como o reforço da C.U.T., demonstraram os progressos desta orientação e prepararam as condições da gigantesca ascensão do movimento de massas no período pré-revolucionário dos anos 1967-1973.

A natureza de classe do PPS chileno, a sua definição de partido leninista dos trabalhadores e, sobretudo, a sua ligação com as conquistas ideológicas, programáticas e organizativas mais elevadas da Revolução Chilena, transforçaram-no num dos alvos preferidos da repressão desde a primeira hora do golpe de Pinochet.

Nas primeiras semanas foram assassinados, além do presidente Salvador Allende e da sua heróica guarda pessoal, no próprio dia 13 de Setembro, mais cinco membros do C.C. ao mesmo tempo em que eram detidos outros 14. Entre os secretários regionais do P.S., a ditadura assassinou nove e prendeu mais 11. Finalmente, milhares de militantes pagaram com as suas vidas, com o campo de concentração e com o exílio a tentativa de transformar o Chile num país socialista.

Ainda hoje, data do 44.º aniversário do Partido Socialista do Chile, não se sabe quantos dos seus adeptos morreram, permanecem na clandestinidade, desapareceram ou permanecem em campos de concentração e centros de torturas. Entretanto, hoje, no Chile, existe um P.S. activo, em reorganização, disposto a derrubar Pinochet, o fascismo, e criar as bases para chegar à libertação e ao socialismo custe o que custar.

Partidos italianos discutem entrada do PCI no Governo

A entrada eventual de comunistas no governo está hoje no centro das discussões bilaterais que recomeçaram entre os principais partidos políticos italianos. Esta é a segunda fase das consultas iniciadas na semana passada, com vista à constituição dum governo de emergência com base num programa comum de recuperação económica.

Estas consultas recomeçam depois das eleições locais em 20 autarquias terem confirmado a progressão do PCI e dos democratas-cristãos, que emergem cada vez mais claramente como as duas forças em que se polariza o eleitorado italiano. Por outro lado, foi ontem aprovado o empréstimo de 500 milhões de dólares que a CEE vai conceder à Itália.

Enquanto isto, na Inglaterra, o governo de Callaghan vê-se a braços com as greves que persistem nos transportes aéreos e terrestres, no porto de Talbot, e no sector gráfico do «Daily Telegraph». Mais grave que isso: a oposição veemente de Jack Jones, dirigente do maior sindicato britânico, à renovação do «pacto social» de que aquele sindicalista foi o principal obreiro há três anos.

Ao mesmo tempo, o governo britânico está hoje de novo no «banco dos réus» no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem em Estrasburgo, onde prossegue o exame da queixa da Irlanda contra a tortura praticada pelas autoridades londrinas nos prisioneiros republicanos do Ulster. A Irlanda pode apresentar mais de 200 casos de tortura selvagem sobre os presos e que até 1972 iam desde a «tortura do sono» à «estátua».

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

LIVROS

"Nova" de novo um ano depois

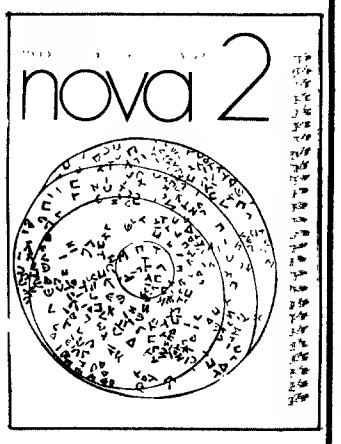
. Começou a ser distribuído pelas livrarias o número 2 do «Magazine de poesia e desenho» — «Nova». O primeiro número saira há cerca de um ano e vinha com a promessa de uma assiduidade (trimestral) que entretanto não se cumpriu. Veremos adiante porquê.

Nada menos do que cinquenta nomes vêm no índice de colaboradores deste número, pelo que passá-los para aqui a todos seria uma tarefa muito paciente e talvez em vão. Para falarmos somente de coisas escritas (que «Nova» traz também desenhos assinados por nomes das primeiras referências da arte portuguesa nossa contemporânea), informe-se desde já e com sentido de urgência o leitor de que entre os poetas (em maior número) avultam os nomes de Vicente Aleixandre, Juan Ramon Jiménez (dois dos maiores poetas espanhóis — pelo menos — do século XX) e Teixeira de Pascoaes — de quem aqui se publicam inéditos. Não será o facto de tratar-se de inéditos que mais conta, mas o facto de os inéditos serem de quem são. Dos demais poetas que nesta «Nova» colaboram, a atenção para os espanhóis Carlos Bouson e Francisco Brines, os argentinos Santiago Kovadlof, Laura Kwatkowski e César .Fernandez Moreno, os brasileiros Mário Quintana e Ferreira Gullar, os portugueses Egito Gonçalves, Armando Silva Carvalho, Gastão Cruz, Fernando Assis Pacheco, José Bento, Pedro Tamen, Raul de Carvalho, e Carlos de Oliveira (este com poemas que já sairam no segundo volume do «Trabalho Poético»; a «Nova» atrasou-se). Estes entre outros.

De par com as novidades que são os inéditos de Juan Ramon Jiménez (e Teixeira de Pascoaes), importa assinalar a presença interessante de escritores chilenos na revista do «Jornal do Fundão»: Fernando Alegria e Jaime Concha. Os dois escrevem sobre Pablo Neruda.

«Magazine de poesia e desenho», como logo na capa se declara, «Nova» insere, além destes dois estudos sobre o poeta de «Canto Geral», uma nota do espanhol António Sanchez Romeraldo introduzindo brevemente o leitor a um livro de inéditos de Juan Ramon Jiménez (dois deles os que aqui vêm, um **fac-similado**), a primeira parte de um trabalho de Eduardo Lourenço chamado «Dialéctica Mítica da Poesia Moderna Portuguesa» (primeira parte essa versando Antero), uma análise de Maria Alzira Seixo ao livro «Ciclo do Cavalo», de António Ramos Rosa. Etc.

Não deve ficar esta breve



recensão sem um reparo. E ao parece que desleixo com que se faz, no final, a bibliografia dos autores que colaboram neste número. Na generalidade dos casos é muitíssimo omissa e sobretudo desactualizada. Isto tem a sua importância, porquanto a revista vai correr mundo e poderá eventualmente servir de recurso de referenciação a leitores menos informados acerca de escritores portugueses dos dias que passam.

«Nova-2» traz data do Outono de 76. «Nova-1» trazia a data do Inverno 75-76. Entre os dois primeiros números passou cerca de um ano, para nossa impàciência e a frustrar a expectativa de um grande entusiasmo que logo o primeiro número levantou. Dificuldades várias estão atrás do atraso com que este segundo número saiu. Para esclarecer um pouco, António Paulouro escreve uma nota introdutória e deixa suspensa a dúvida sobre se «Nova», depois destes dois números, voltará a sair.

«A dúvida — diz o director do «Jornal do Fundão», responsável (com António Sena e Herberto Helder) pela sua revista —, a dúvida provém de em tal África como esta é, à escassez de meios próprios se juntar a indiferença dos departamentos oficiais, de certo empenhados na difusão da cultura portuguesa por outros meios que não a Poesia e o Desenho». A primeira alusão é explícita — meios, falta deles — e compreende-se sem custo. A segunda alusão é semidirecta mas, saiba-se, vai para certas chancelarias. Que chancelarias? — Ponha-se cada um — é fácil — a imaginar quais são.

L. M. R.

Win Winders vem a Lisboa

. O realizador alemão Win Winders participará num colóquio sobre a moderna cinematografia alemã que se realiza em Lisboa na próxima quinta-feira.

Win Winders vem a Portugal a convite do Instituto Alemão, onde está a decorrer um ciclo dedicado às suas obras de curta e longa-metragem.

No dia do colóquio será projectado «o Movimento Errado», que se baseia num romance de Goethe e é considerado uma das suas melhores obras.

Win Winders, que nasceu em 1945, frequentou a Escola Superior de Arte Cinematográfica de Munique. Depois de ter realizado vários documentários em 16 mm, dedicou-se a partir de 1971, à longa-metragem.

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

«Para nos desligarmos do mundo não há como a arte, e não há como a arte para a ele nos ligarmos.»

Goethe

«É a vida em comum que nos cria a necessidade de ler: ler os outros, ler a nossa disposição para os outros, ler o texto comum que nós e os outros escrevemos de todos para todos.»

M.ª Alzira Seixo (Introdução a «O Homem na Linguagem» de Benveniste)

«...a emoção intensa não cabe na palavra: tem que baixar ao grito ou subir ao canto.»

Álvaro de Campos

A Música como argumento político

Não posso criticar «de fora» algo que eu próprio assumo: refiro-me ao concerto da Orquestra Sinfónica Popular, há dias realizado no Teatro de S. Luiz, por iniciativa da Célula dos Músicos de Lisboa, do Partido Comunista Português. Mas assumo também o direito de falar acerca dele nesta base de honestidade.

Que se passou? Artistas que se definem (enquanto homens politicamente motivados) militantes ou simpatizantes de um partido, decidiram reunir-se para (enquanto artistas) politicamente se manifestarem. Em que consiste a sua arte? Em criar e produzir sons, em exprimir-se numa linguagem baseada em sinais sonoros, que surgiu e se desenvolveu acompanhando a evolução histórica das sociedades humanas.

Há sons e sons. Há os sons da natureza. Há os sons das palavras que o homem profere na sua conversação. Há o som da enxada a cavar a terra. Há o som das maquinarias das fábricas. Há o som do trânsito na cidade. Há um som para falar de amor, outro para discursar num comício, um som para pedir, outro para protestar, um som para perguntar, outro para responder, um som de festa e um som de zaragata. Sons de um estado de paz, sons de um estado de guerra. Sons-gritos, sons-suspiros, sons-choro, sons-risos, sons-vida, sons-morte.

Que é pois, a sociedade, o quotidiano, senão um discurso sonoro? E se nós nos habituámos todos a compreender esse discurso, a analisá-lo nos seus múltiplos significantes, quase sem darmos por isso, será de estranhar que, desde tempos imemoriais, o homem tenha sentido a necessidade da criação estética através dos sons, tal como a sentiu através da palavra escrita, da cor e das formas plásticas, etc.? E será de estranhar que a criação estética através dos sons, isto é, a música, historicamente se transforme, tal como se transforma a vida social, a realidade, o quotidiano?

Mas criar música é acrescentar alguma coisa ao discurso sonoro já conhecido, é transformá-lo e, ao transformá-lo, contribuir para a transformação de uma realidade mais vasta. Porque será que aos sons da natureza vieram sobrepor-se os sons das palavras articuladas, ao som da enxada o do tractor, ao da caleche o dos automóveis, ao das reuniões palacianas o das grandes manifestações de massas, ao do ambiente campestre de um domínio feudal o de um grande burgo comercial, e assim por diante? Certamente, porque houve transformações socioeconómicas, políticas, tecnológicas. E, certamente, porque, em todas as grandes confrontações históricas acabou por vencer o princípio do progresso sobre o da estagnação ou do retrocesso. Mas trazer algo de novo ao discurso sonoro da realidade é, insisto, agir sobre a realidade e transformá-la: quem nega que a *Marselhesa* e a *Internacional* ajudaram a transformar o mundo? E quem nega que a música de um Bach, de um Mozart, de um Beethoven, por exemplo, reflexos que foram das condições históricas do seu tempo, foram também instrumento e superior expressão de uma vontade colectiva de transformação, de avanço para o futuro, de abertura de novos horizontes para a vida do homem? É isto: a música nova representou sempre, em cada estádio histórico, o discurso sonoro do progresso. Por isso a música de um Mozart e de um Vivaldi subsiste hoje: no seu tempo apontavam para o nosso tempo e para o tempo que há-de vir. Por isso, a Célula dos Músicos Comunistas organizou um concerto em que, ao lado de Lopes-Graça e de Peixinho, se tocou também Mozart e Vivaldi.

Expressão artística sonora duma vontade colectiva de transformação, foi, pois, este concerto. Foi-o através de Jorge Peixinho, que tocou duas obras da sua autoria, aliás, admiráveis, para piano (por sinal, no tal piano de 900 contos que há meses lhe foi negado, e por sinal ambas de estrutura dialéctica: o *Estudo I*, confrontando um princípio lírico com um princípio dramático, a continuidade com a descontinuidade; o *Estudo III*, confrontando o princípio serial com o princípio tonal, desse confronto fazendo emergir sucessivamente, no registo agudo, uma série de doze notas, isto é, a afirmação de modernidade).

Foi-o, através de Lopes-Graça, de quem se ouviu, pela primeira vez, em Lisboa, a versão de concerto, para conjunto instrumental de câmara, de «A Menina do Mar», sobre poema de Sophia de Mello Breyner Andersen, peça musical escrita a pensar nas crianças, cheia de humor e de colorido. Foi-o através de Aníbal Lima (violino) e de Anabela Chaves (viola) pelo amor com que tocaram, na perfeição, a *Sinfonia Concertante* de Mozart. Foi-o através de Jaime Guerreiro (trompa), que revelou uma altíssima craveira de solista no concerto para trompa K. 412 (nº 1) de Mozart. Foi-o através de Francisco e Jorge Taneco (trompetes), músicos não menos excelentes, pela correcção e pela alegria com que tocaram o concerto em dó maior de Vivaldi. Foi-o através da Orquestra Sinfónica Popular, pela homogeneidade dos naipes, pela sonoridade e pela coesão alcançadas, não obstante ser constituída por músicos de várias orquestras. Foi-o através do maestro Álvaro Salazar, pela sua direcção bem fundada na análise e no estudo, segura e transmitindo segurança, eficaz e apropriada aos diferentes estilos. Foi através da comunicação entusiástica estabelecida entre a música, os músicos e o público, que a todos soube premiar com caloroso acolhimento.

É destes sons que precisamos como argumento político: destes sons dirigidos à inteligência e à sensibilidade dos homens; destes sons feitos de amor e de fraternidade; destes sons que são testemunho do passado e do presente voltados para o futuro. É com estes sons que se transforma o mundo, num sentido mais humano.

Ao discurso sonoro da violência reaccionária (som das bombas que rebentam, matam à traição) respondemos com a música.

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
Os Comediantes
APRESENTAM
«Matinée Mágica»
com
Antonino Solmer
Marília Gama
Sérgio Godinho
Teresa Madruga
Últimas representações
Maiores de 18 anos
Todos os dias às 21.30 h. 2.ª-feira, dia de descanso
Pub patrocinada pela S.E.C.

TEATRO ABC Tel. 366745
ABC
Não acons. a menores de 18 anos
Hoje, 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas
Descanso às 4.ªs feiras
SÉRGIO AZEVEDO apresenta
A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA
EM ÁGUAS DE BACALHAU
com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Breyner
FLORBELA
NICOLAU BREYNER
OCTÁVIO DE MATOS
(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)
SIMONE DE OLIVEIRA
VICTOR MENDES
ABC DANCER'S
Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.
A Gerência

NO MERCADO COMUM DO RISO
A MAIS BARATA DAS GARGALHADAS
A PATOTA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
«MATINÉES» AOS DOMINGOS: às 16 horas
ANABELA ● ERMELINDA ● HENRIQUE VIANA ● MAGDA ● NICHOLSON

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
CONCURSO DE OBRAS DE ARTE
Abre-se concurso entre todos os artistas portugueses, individualmente ou constituídos em equipas, para a realização de projectos de valorização estética, destinados ao Salão Nobre deste Teatro.
Aos concorrentes serão facultadas plantas e alçados do Salão Nobre bem como visitas ao mesmo, todos os dias, de Segunda a Sexta-feira, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas.
Aos projectos distinguidos pelo júri serão atribuídos um primeiro prémio de 100 000$00 e dois segundos prémios de 40 000$00. O júri poderá ainda propor a eventual aquisição de projectos não premiados pela importância fixa de 15 000$00.
O regulamento deste concurso está à disposição dos interessados na Biblioteca do Teatro Nacional D. Maria II até ao dia 10 de Maio de 1977.
Os projectos deverão ser entregues no Teatro Nacional D. Maria II, até ao dia 13 de Junho do corrente ano.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

FORA A COSCUVILHICE!

O prejuízo das legendas veio ontem à superfície mais talvez do que em qualquer outra ocasião. Por um lado, a peça de Marguerite Duras constituia-se de diálogos curtos, incisivos na sua poética sinuosidade, o que exigia do telespectador uma atenção absorvente. As preciosidades da realização correm assim o perigo de passar despercebidas o que é lamentável. O problema da dobragem continua sem solução. Como continua sem solução o problema da produção nacional do Teleteatro. Artur Ramos saneado por motivos políticos (desculpem!, já me esquecia que neste País ninguém pode ser molestado por motivos políticos) depois da saída de Artur Ramos, saneado por ter os olhos azuis, a produção teatral anda sem rei nem roque. Para tapar o buraco, para encher chouriços, para respeitar o respeito convencional das segundas-feiras, a RTP recorre a peças de origem estrangeira — talvez para acompanhar o ritmo da «austeridade» a que marcha o País.

PARA BEM COMPREENDER

A Amante Inglesa, de Marguerite Duras transporta-nos ao mundo estranho da solidão, da frustração.

Não é um relatório fácil pois lhe falta aquilo que *se espera* de todas as histórias: uma *história*. Certamente, um inquérito, qualquer que seja a sua natureza, desperta a curiosidade. Tem uma natureza teatral. Sei lá mesmo se o inquérito não será o traço comum de todas as artes...

Falta-lhe uma história, ou seja: falta-lhe o fim da história. A necessidade do fim, ou o vício do fim alimentado pela literatura tradicional e convencional, é tanto que não é raro ver-se leitores começar os livros pelas últimas páginas.

Ontem quantos telespectadores não terão esperado pelo fim do teatro para saberem onde Claire enterrara a cabeça de Maria Therèse? Quantos não se sentirão roubados, pelo menos lesados, com esta omissão.

Claire, num interrogatório impressionante, mostra o seu desespero quando percebe o que querem dela: que diga onde enterrou a cabeça do cadáver... Supunha que o interesse era por ela, pela sua vida, pelas razões do seu sofrimento.

Os telespectadores viciados nas coscuvilhices da história ficaram assim desmascarados. O principal, porém, estava feito: tinham acompanhado a trajectória de Claire. Como esta, não sabiam as razões do seu crime, não sabiam as razões imediatas. Tinham de dar um mergulho mais fundo em busca doutras razões, doutras forças. Tinham de encontrar a vida sem missão, os horizontes fechados, os dias sem claridade, as mãos inúteis na tela solitária da loucura.

As direcções aparentes são muitas. Reuni-las num vector comum, eis a tarefa que Marguerite Duras deixou à inteligência dos telespectadores.

É CONTIGO QUE ESTOU A FALAR

A propósito da coscuvilhice referida, importa lembrar que ela se transfere com frequência para a realidade vivida.

Quantas vezes nos preocupamos com aquilo que Fulano ou Sicrano disseram ou fizeram? Quantas vezes somos apanhados na superfície das imagens, quando deixamos passar a corrente subterrânea? Quantas vezes discutimos os pobres barcos e ignoramos o vento que os impele?

. Não se pode jogar futebol com bolas de sabão. Em política, valem pouco as posições pessoais quando não passam disso mesmo: de posições pessoais. Em política, há que traduzir palavras e acções em termos de forças sociais influentes no processo. Quem não fizer isto, nunca influenciará o processo eficazmente.

Percebido ou quê?

A SÍFILIS DELES

Nos tempos que já lá vão organizaram-se em grémios. Em todo lo mandavam.

Depois aconteceu o 25 de Abril. O corporativismo foi-se à viola e vai então os senhores da agricultura organizaram-se na ALA.

Mas o leme da História deu mais uma volta. Veio o 28 de Setembro falhado, veio o 11 de Março derrotado e pumba!, a ALA já não servia. Foi então que, depois do Grémio ter gerado a ALA, a ALA gerou a CAP...

Temos pois a CAP a fazer por aí comícios e movimentações. Agora foi em Viseu. Solícita, a RTP mandou reportagem. Claro!

. O sr. Michel Colland, presidente da CAP europeia, botou faladura e parte dela foi levada ao conhecimento de todo o País. A RTP, como apóstolo que se preza, espalha a Boa Nova...

O sr. Colland disse: *Somos pela propriedade privada porque é a nossa concepção de vida nos países da Europa Ocidental.*

Argumento de peso, hem? Como se dissesse: *Somos sifilíticos porque os nossos paizinhos são sifilíticos e por isso todos devem ser sifilíticos mesmo que já se tenham curado da sífilis.*

Curioso, muito curioso. Temos uma Constituição que aponta para uma sociedade sem classes e para a apropriação colectiva dos meios de produção. Temos, por outro lado, uma RTP nas mãos do Estado, dirigida por indivíduos pertencentes ao partido do Governo, a fazer propaganda da propriedade privada. Não se chama a isto propaganda suversiva?

Curioso, muito curioso...

Hoje

Colditz

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 **Ciclo Preparatório TV**
18.05 Fecho.

2.º Período

18.30 Abertura e **Uma gota no Oceano.**
18.55 **Peço a Palavra** — «Os Exames». Realizador: Oliveira Costa.
19.20 **m toda a parte aprendemos** — O «Palácio da Bolsa».
20.00 **FILA «T»**
21.05 **COLDITZ** — Policial 2.º episódio. «Desaparecidos, Presumíveis Mortos». Intérpretes: David McCallum, Edward Hardwiche, Christopher Neame, Bernard Hepton e Hans Meyer. Realizador: Ian Kennedy Martin.
22.00 **A EUROPA DO SÉCULO XX** Um programa da Direcção de Informação
23.10 **Fecho.**

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Sinfonia n.º 4 de Johannes Brahms** Osquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Herbert Von Karajan.
21.45 **O Homem das pistas de cavalos** — «Retrato de um homem totalmente dedicado ao seu trabalho e ao amor que dedica aos cavalos
22.15 **Telejornal** — Em diferido do I Programa.
22.50 Fecho.

PHILIPS 50 ANOS EM PORTUGAL 1927-1977
DESTAQUES
I PROGRAMA
Colditz (21.05)
II PROGRAMA
Sinfonia n.º 4 de Johannes Brahms (21..)
Philips · faz parte da sua vida
PHILIPS

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: **13.30**: Ciclo Preparatório TV. **18.05**: Fecho. **2.º Período**: **18.30**: Abertura e A. Catarina. **19.00**: Abre-te Sésamo. **19.30**: Ligeiríssimo. **19.50**: Vamos jogar no Totobola· Eurovisão Futebol Taça dos Campeões Europeus Borussia-Dinamo de Kiev; **20.30**: Telejornal _ 1.ª Edição; **22.25**: Safira; **00.05**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: O ciclo da Pedra. **22.00**: Bailado — Copélia. **23.25**: Telejornal. **00.00**: Fecho.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

CALENDÁRIO DAS REUNIÕES NAS EMPRESAS DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1977

Dia 19/4/77 — R. N. Queluz de Baixo (ex-Eduardo Jorge) às 21.30 horas
Dia 20/4/77 — R. N. Sacavém (ex-Boa Viagem) às 21.30
Dia 21/4/77 — R. N. Casal Ribeiro (ex-Claras) às 21.30
Dia 26/4/77 — R. N. Alvide/Cascais (ex-Palhinhas) às 21.30, na Delegação do Sindicato em Cascais
Dia 26/4/77 — PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS na sede do Sindicato às 21.30, (extraordinariamente)
Dia 27/4/77 — Transportes Sacavém, às 18 horas
Dia 28/4/77 — PLENÁRIO DE TRABALHADORES RODOVIÁRIOS, na Voz do Operário às 21.30

Estes Plenários terão a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º Comemorações do 1.º de Maio
2.º Tomada de posição em relação à saída da Portaria todos os Rodoviários, e ao pagamento dos retroactivos aos trabalhadores da R.N.

Lisboa, 18 de Abril de 1977

A DIRECÇÃO

A MARQUESA D'O...

(LA MARQUISE VON O)
«UMA SUPER OBRA-PRIMA»
(Afonso Cautela in «Telex»)
Este amor, este gosto pelos seres excepcionais e portanto vulneráveis.

um filme de ERIC ROHMER
baseado na novela de H. VON KLEIST

EDITH CLEVER BRUNO GANZ

COLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS DOPERFILME

9.ª SEMANA quarteto

PUB. COMUNA
TEATRO DE PESQUISA – CENTRO CULTURAL
DIARIAMENTE ÀS 21.30 H.
"GIOCONDA PERDEU o SORRISO..."
– CRIAÇÃO DO GRUPO TEATRO FRANCÊS –
TYLENCHUS - DE TOULOUSE
DOMINGO-MATINÉE ÀS 18 H – PREÇO ÚNICO – 40$00
------ SÓ ATÉ 30 DE ABRIL ------
PRAÇA DE ESPANHA – METRO PALHAVÃ – T. 762624

Amor é também segurança!
Ao conduzir leve sempre o seu filho no banco de trás!

circular e viver.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS – CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

TABACARIA LOUREIRO
Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

Velocidade é glória e drama

O piloto alemão Jochen Mass, ao volante de um «March-BMW 772», venceu o «Memorial Jim Clark», disputado no Circuito de Hockenheim, 3.ª prova a contar para o Campeonato Europeu de Automobilismo, Fórmula 2. Mass impôs-se claramente nas duas «mangas» da prova (cada uma com 20 voltas ao circuito) no total de 271, 6 quilómetros. No 2.º lugar classificou-se o francês René Arnoux, em «Martini-Renault»), seguido do italiano Ricardo Patrese (em «Chevron BMW»). A volta mais rápida pertenceu ao brasileiro Ingo Hoffmann (em «Ralt-BMW») à média de 202,29 quilómetros horários.

A classificação geral do campeonato é a seguinte: René Arnoux, 18 pontos; Henton, 11; Patrese, 9 e Colombo, 6.

Um «volante» alemão federal morreu neste circuito (a pista «segura» para corridas de Fórmula 1, que substituiu este ano a tradicional corrida de Nuerburgring). Franz Abraham (de 35 anos) chocou, ao volante do seu «Porsche Carrera», contra uma parede de cimento, a 20 metros da curva mais suave do percurso. Segundo os especialistas, o desastre deve-se a uma falha mecânica.

O piloto estava a treinar para uma corrida suplementar do Grande Prémio da Alemanha em Fórmula 1.

Os pilotos de Fórmula 1 decidiram, no mês passado, abandonar o traçado sinuoso de Nuerburgring, argumentando que o campeão (o austríaco Niki Lauda) teve um desastre quase fatal, durante o Grande Prémio anterior, em Agosto último. Os organizadores transferiram o Grande Prémio para Hockenheim, estando o antigo circuito a ser melhorado quanto a medidas de segurança.

Entretanto, o condutor espanhol Victor Palomo (campeão europeu dos 750 cm3) continua hospitalizado, em estado grave, em Marselha, na sequência de ferimentos sofridos nos treinos para o Circuito Paul Ricard. Segundo os médicos, o seu estado de saúde não inspira inquietação e pode restabelecer-se dentro de algumas semanas. Ignora-se, no entanto, se poderá recuperar definitivamente e continuar a sua actividade desportiva.

Por seu turno, o suíço Frantz Kunz (outro dos feridos nos treinos) encontra-se em estado muito grave numa sala de reanimação do Hospital Municipal de Marselha. Quanto ao francês Patrick Pons, ferido também num acidente, durante a prova de 250 cm3, o seu estado é considerado pelos médicos como «menos grave».

Conceição Pereira (926): a menina do Olivais Sul, vai bater o «record» lisboeta dos 1500 metros, correndo a distância em 4m. 43, 8s. Aconteceu no Jamor, durante os regionais de juniores.

PORTUGAL

ANDEBOL

«Semana do Andebol», iniciativa da actual gerência federativa, vai decorrer de 23 do corrente a 1 de Maio, com jogos de iniciados (dia 24). femininos (25), juvenis (26), júniores (27), seniores (28) e, novamente, iniciados (a 1 de Maio). No dia 29 de Abril processam-se colóquios: técnicos, atletas, professores de Educação Física, árbitros e dirigentes, a discutirem o tema «Desenvolvimento do andebol a nível regional».

ATLETISMO

O atleta angolano Alfredo Melão, que já representara o Benfica e conseguira «records» portugueses, voltou de Luanda para o Estádio da Luz.

. Congresso da Federação de Atletismo, pelas 14 e 30 de 23 do corrente, no ISEF (Cruz Quebrada). Na agenda: apreciação do pedido de filiação provisório de Associações de Santarém, Guarda, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, mais a análise do inquérito à Associação de Atletismo do Minho.

BASQUETEBOL

O Atlético é campeão nacional de basquetebol, da 2.ª divisão, após derrotar o Olivais (81-77). A turma triunfante: Artur Leiria, Luis Magalhães, Malcata, Carvalho, José Carlos, Mota e Fróis.

COMEMORAÇÃO

A delegação do Inatel em Braga, vai realizar, no próximo dia 25, a estafeta «25 de Abril», entre aquela cidade e Guimarães. A prova é aberta a trabalhadores-desportistas, estudantes de escolas e liceus, equipas de centros populares, das Forças Armadas, das Casa do Povo e de Pescadores, de centros de Cultura e Desporto, Sindicatos, organizações de bairros e clubes federados.

MUDANÇA

. A convite da delegação da D.G.D., em Ponta Delgada, vai assumir, no próximo mês de Maio, as funções de director do Centro de Medicina Desportiva, o dr. Jorge Costa Reis. O novo director substituirá o dr. Benjamim de Viveiros, que desempenhava aquele cargo desde a criação do referido centro.

TÉNIS

. No «court» central do Estádio Nacional realizaram-se as finais «singulares homens» e «pares homens», da «Taça Spril».

O jovem Manuel de Sousa, depois de ter eliminado nas meias finais Alfredo Vaz Pinto (que era considerado um dos favoritos do torneio) veio derrotar, na final, o experimentado João Lagos (6/1, 6/0) não tendo dado a menor possibilidade a este jogador. Excelente exibição de Manuel de Sousa, um dos mais fortes jogadores portugueses de momento, numa final em que ocorreram muitas jogadas espectaculares.

Na prova de «pares homens» Manuel de Sousa e Miguel Soares foram os vencedores, ao eliminarem João Lagos/José Luís Fernandes (6/4, 4/6, 6/3) depois de despique ardoroso e muito igualado.

LÁ FORA

BOXE

Em Saragoça (Espanha), sorte para um dos pugilistas que Portugal enviou à «Boxam 77»; João Magalhães ficou isento do 1.º combate e, automaticamente, entra nas meias-finais, tendo já direito a uma medalha de bronze. Em relação aos demais portugueses, o sorteio indicou as lutas João Gato-Abderraeinm (Marrocos), Osvaldo Lopes-Caracucan (Venezuela), Horácio Ribeiro-Zarzana (Espanha) e Vítor Pereira-Lorbois (França). Os combates processam-se esta noite.

HALTEROFILISMO

Dois levantadores portugueses participarão pela primeira vez no «Jean-Dame Memorial Tournament», que se realiza em Paris, de 7 a 9 de Maio. O seleccionador nacional José Pereira escolheu para esta deslocação à capital francesa os melhores levantadores portugueses do momento: Raul Dinis (do Carcavelos) e Albano Pereira (do Ginásio Clube Português).

MARATONA

Maratonistas portugueses em digressão: o sportinguista Armando Aldegalega e o benfiquista Vasco Pereira vão participar, a 1 de Maio, nos Campeonatos Abertos de Atletismo, de Espanha, ao mesmo tempo que Renato Graça e Mário Machado (ambos do C. D. U. L.) tomam parte na maratona de Marselha (França), a 24 do corrente.

Vasco Pereira: Madrid à espera

NATAÇÃO

Portugal estará representado com uma selecção de nadadores no «Meeting» Internacional de Mulhouse (França), que se disputará de 20 a 22 de Maio. O Comité Técnico de Selecção convocou para esta prova os seguintes nadadores: Teresa Faria, Eugénia Cunha, Botelho de Melo e Rui Abreu (Clube Académico de Coimbra); Paula Santana, Isabel Aguiar e Baltar Leite (Clube Fluvial Portuense); Aida Leite (F. C. do Porto); Liliana Santos (Sport Lisboa e Benfica) e Gomes Pereira, Paulo Frischknecht e Santos Silva (Sport Algés e Dafundo).

Gomes Pereira: nadar em Mulhouse (França).

URSS-África: um certo apoio

Quando o pugilista soviético Stanislav Stepachkin, campeão olímpico, chegou à Argélia com a missão de treinar desportistas deste país, houve cépticos de sobra. Na altura, não se duvidou que Stepachkin fosse um desportista de grande categoria: mas daí até «grande treinador internacional», falaria bastante...

Porém, pouco tempo foi preciso para que estas dúvidas se dissipassem: nos Jogos do Mediterrâneo (1975) os desportistas treinados por este famoso pugilista soviético conquistaram duas medalhas de ouro e três de prata.

Hoje, podemos encontrar especialistas desportivos soviéticos nos mais diversos países do mundo, nomeadamente em África. Em 1976 (por exemplo) 23 treinadores soviéticos trabalhavam, com contratos a longo prazo, no Congo, Tchade, República Centro Africana e Argélia.

— **É fácil trabalhar com os desportistas africanos** (afirma Rustam Tserbaev, especialista soviético que durante três anos treinou a selecção nacional masculina de voleibol da Nigéria): **descobrem-se, entre eles, muitos jovens capazes, aos quais, frequentemente, falta apenas experiência para alcançarem bons resultados. É por isso que é tão importante a ajuda qualificada de um especialista.**

De ano para ano, aumenta o número de pedidos de «treinadores soviéticos», dirigidos por países africanos ao Comité para a Educação Física e Desporto da U. R. S. S. Estes pedidos são, na medida do possível, prontamente atendidos. Assim, ainda este ano, especialistas desportivos da U. R. S. S. serão enviados para o Togo, Niger, Etiópia e Madagascar. Por outro lado, numerosos chefes de equipa de diferentes países de África vêm anualmente estagiar na União Soviética.

O próprio sistema de educação física da juventude, em vigor na U. R. S. S., é apreciado nos países em vias de desenvolvimento. As vitórias conquistadas pela União Soviética e por outros Estados socialistas nas mais importantes competições e campeonatos internacionais (nomeadamente, e por último, nos Jogos Olímpicos de Montreal) confirmam, na prática, que o segredo dos êxitos desportivos reside no carácter de massas do desporto soviético.

Amplia-se (também) o intercâmbio de delegações desportivas entre a U. R. S. S. e os países de África. Em 1976, duas equipas soviéticas de ténis visitaram a Nigéria, onde participaram nos campeonatos nacionais de ténis e ténis de mesa. Equipas de judo e de voleibol da U. R. S. S. visitaram a Guiné, onde participaram em diversas competições. Saudando os desportistas soviéticos, Tierno Saidu Diant (membro da direcção da Organização Juvenil da Revolução Democrática Africana, J. R. D. A.), pronunciou-se pelo **constante aprofundamento dos contactos entre a U. R. S. S. e a Guiné no domínio do desporto, o que deverá tornar-se um dos principais meios de educação da juventude do nosso país.**

Durante as visitas dos atletas soviéticos a África, não só são organizados encontros desportivos como se realizam treinos conjuntos. Chefes de equipa e treinadores compartilham a sua experiência com os seus homólogos locais.

As portas dos institutos desportivos soviéticos estão abertas à juventude de África. Recentemente, 70 estudantes de 14 países africanos receberam, na U. R. S. S., as especialidades de professores e treinadores de boxe, voleibol, futebol e atletismo.

Do ponto de vista político, não se pode deixar de recordar que os representantes da U. R. S. S., nas diferentes organizações desportivas internacionais, pronunciam-se (imutavelmente) em apoio da justa luta dos povos de África pela eliminação definitiva de todas as manifestações de racismo e «apartheid». Não foi por acaso que Abraham Ordia (presidente do Conselho Superior do Desporto Africano) e Jean-Claude Ganga (secretário-geral do Conselho) escreveram, na carta enviada ao presidente do Comité Olímpico da U. R. S. S.: **Em nome do Conselho Superior do Desporto Africano, expressamos-lhe o nosso profundo reconhecimento pela grande contribuição que deu para a causa da expulsão da África do Sul do movimento internacional olímpico. Em nome de toda a África desportiva, agradecemos a sua excepcional contribuição.**

O intercâmbio de treinadores e equipas, mais a ajuda aos jovens Estados na preparação de quadros, são os diferentes aspectos da cooperação desportiva com África.

PUB

AOS ENFERMEIROS DOS HOSPITAIS
A TODOS OS ENFERMEIROS
E A TODOS OS TRABALHADORES DE SAÚDE

Há um ano atrás os quatro Sindicatos de Enfermagem do País, representando a vontade da esmagadora maioria dos enfermeiros fizeram aceitar um caderno reivindicativo pelo qual se pagou alto preço físico e psicológico.

Foi reconhecido e aceite pelo Governo «o direito de participação do pessoal de enfermagem contido no ponto 2 do caderno, designadamente ao nível dos aspectos concretos da política de saúde, de gestão e orientação técnica de serviços de investigação em matéria de saúde. e linhas de orientação do curso de enfermagem.»

O ponto 2 do caderno reivindicativo era o seguinte:

O pessoal de enfermagem define-se como grupo autónomo dentro dos trabalhadores da saúde, e, como tal reivindica a participação, em igualdade de circunstâncias com os restantes trabalhadores de saúde, na formação de equipas e na definição das linhas de orientação dos respectivos serviços.

2.1. Nos aspectos concretos da política da saúde do país.
2.2. Na gestão e orientação técnica dos Centros de Saúde comunitários, hospitais comunitários e outros departamentos de saúde.
2.3. Participação na investigação científica em matéria de saúde.
2.4. Participação dos sindicatos dos enfermeiros na definição das linhas de orientação dos cursos de enfermagem, bem como na elaboração dos respectivos programas, por forma a evitar o divórcio entre o ensino e o exercício profissional.

Hoje com a promulgação da LEI ORGÂNICA HOSPITALAR e a próxima saída do respectivo REGULAMENTO, o Governo não só põe no esquecimento o que então aocrdou com os Sindicatos, como viola frontalmente a Constituição ignorando os órgãos representativos dos trabalhadores enfermeiros e portanto os próprios enfermeiros; tal como no recente aumento de 15% o desrespeito por quem trabalha continua.

Os 4 Sindicatos de Enfermagem do País estão atentos ao desenrolar da situação e tomarão as atitudes que as circunstâncias exigirem.

Lisboa 16 de Abril de 1977

PELO SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA NORTE
PELO SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA CENTRO
PELO SINDICATO DOS ENFERMEIROS ZONA SUL
PELO SINDICATO DOS ENFERMEIROS DO FUNCHAL

TOTOBOLA
Jogue connosco

Varzim-Guimarães	1
Benfica - Portimonense	1
Belenenses - Leixões	X
Boavista - Beira-Mar	1
Setúbal - Montijo	1
Académico - Porto	X
Estoril - Atlético	1
Braga - Sporting	X
Fafe - Riopele	X
Caldas - E. Portalegre	X
Lusitano-Marítimo	2
Sesimbra - V. da Gama	X
União Montemor - CUF	2

"Taça" favorece maioriais

Realizou-se, na sede da Federação, o sorteio relativo às meias-finais da «Taça de Portugal» em futebol. Eis o cartaz: F.C. do Porto — Associação Desportiva de Fafe, (no estádio das Antas, Porto) e Gil Vicente — Sporting de Braga (em Barcelos, no campo «Adelino Ribeiro Novo»).

Os jogos terão lugar na tarde do próximo dia 4 de Maio e são disputados numa só «mão». Nestas meias finais da «Taça» estão presentes dois clubes da 1.ª divisão (Porto e Braga) e dois da 2.ª Fafe e Gil Vicente). A final da «Taça» terá lugar no dia 18 de Maio, provavelmente em Coimbra.

AÇORES

Terminou o 11.º campeonato de futebol do Inatel em Ponta Delgada. Ficaram vencedoras, nas duas categorias, as equipas representativas das freguesias dos Mosteiros e da Fajã de Baixo. Como vice-campeas classificaram-se as turmas das freguesias de Freitas e Santa Barbara, da Ribeira Grande.

ANTECIPAÇÕES

. Belenenses-Leixões e Boavista-Beira Mar são os dois jogos da 25.ª jornada antecipados para sábado, às 16 horas.

— Outras alterações ao calendário: *II Divisão (Zona Norte):* Penafiel-Régua (16.30); *Zona Centro:* Alba-União de Tomar, Portalegrense-Peniche e Feirense-Covilhã (todos às 16); **III Divisão**: Lusitano de Vildemoinhos-Penalva do Castelo, Cucujães-Aliados de Lordelo e Desportivo dos Olivais-Loures (16); *Campeonato Nacional de Juniores:* Sporting de Braga-Sporting (17 horas); *Taça Nacional de Iniciados:* União de Coimbra-Benavente (17 horas) e Montijo-Cuf.

BENFICA

Mais dois nomes na agenda de pesquisas para o Benfica: o do guarda-redes barreirense Jorge e o do extremo «internacional» júnior Diamantino, que está no Vitória de Setúbal.

BOAVISTA

O brasileiro Salvador volta hoje aos treinos, no Boavista.

FANATISMO

Para cumprir uma «promessa» efectuada no caso do Sporting de Espinho triunfar sobre o União de Lamas (aconteceu), 40 «furiosos» espinhenses resolveram percorrer, a pé e pela via férrea, o trajecto entre Espinho e Vila Nova de Gaia (onde o clube dos seus amores empatou a zero).

Aconteceu agora, em 1977...

EUROPEUS

. Jogos programados para **amanhã, nas meias finais dos vários torneios europeus: Borussia Monchengladbach-Dinamo de Kiev (0-1) e Liverpool-Zurique (3-1), na «Taça dos Campeões»; Hamburgo-Atlético de Madrid (1-3) e Anderlecht-Napoles (0-1), a contar para a «Taça das Taças» e, finalmente, Atlético de Bilbau-RWDM (1-1) e Juventus-AEK (4-1), dentro da «Taça U.E.F.A.»**

FESTA

. **Os juniores de Sesimbra acompanharam os maiorais na deslocação ao Funchal: em encontro festivo, perderam com o Marítimo (1-3) mas proporcionaram inédito espectáculo local. Falámos (obviamente) da visita particular de uma formação da categoria à ilha madeirense.**

GONZALEZ

. **Gonzalez, o paraguaio do Belenenses que o Sporting pretende, é hoje operado (clínica dr. Oliveira Martinho) a expensas do clube do Restelo (ainda seu patrão), sendo cirurgião o dr. Camacho Vieira.**

INCRÍVEL

A transmissão directa (via Eurovisão) que a RTP se propunha efectuar amanhã, referente ao jogo Borussia-Dinamo de Kiev, foi inesperadamente cancelada, apenas e só porque dirigentes do Sporting e do Benfica se recusaram a aceitar o adiamento do encontro entre juniores dos dois clubes lisboetas, previstos para as 17 e 30 da «4.ª-feira europeia», em Alvalade.

Resta acrescentar, para melhor juízo do leitor, que pelas 21 e 30 de amanhã, mas desta feita no Estádio da Luz, haverá um espectáculo de características particulares (Benfica-Sporting, para a reapresentação de Humberto Coelho nos «encarnados») e dada a quase impossibilidade do seu adiamento, foi encontrada uma plataforma legal para impedir centenas de milhares de entusiastas de se deliciarem com um dos jogos mais apetitosos do calendário europeu...

VISITA

A equipa de futebol do Clube Recreativo da Família Portuguesa, da Califórnia, chega aos Açores, no dia 3 de Junho, para realizar uma série de jogos nas ilhas Terceira, Faial e São Miguel.

ESPIONAGEM

Dirigentes, treinadores e empresários futebolísticos italianos: têm os seus telefones controlados e as suas conversas são gravadas, com o objectivo de manobrar com maior facilidade o mercado de transferências de jogadores.

A revelação foi ontem feita pelo semanário desportivo «Guerin» (de Itália) que forneceu numerosos pormenores sobre «a espionagem», a qual incide entre outros, sobre o presidente da Liga Profissional de Futebol (António Griffi) e sobre os principais dirigentes dos mais importantes clubes italianos.

Também está sob escuta o telefone do Comité Olímpico Nacional italiano e do seu presidente, Giulio Onesti.

O semanário assinala que **as escutas telefónicas são um meio muito eficaz para os «boss» do mercado que querem estar informados sobre todas as negociações em curso, incluindo as mais reservadas.**

Fraude no campeonato soviético

. O diário soviético «Yunost» revelava, na 2.ª feira, que **teriam sido cometidas irregularidades no campeonato de futebol da URSS em 1976 de que foi vencedor o Torpedo de Moscovo frente ao Dynamo de Kiev».**

Segundo o jornal, certos treinadores teriam acordado entre eles, antes dos encontros, o empate das suas turmas, falseando assim a regularidade da competição.

Contudo, estas «combinações» não tiveram influência nefasta no espectáculo, pois o público saía satisfeito, com resultados de 2/2 ou 3/3 verificados em partidas «arranjadas».

Tal não impede, porém, (continua o «Yunost») progressivo desinteresse do público pelo futebol nos últimos dez anos. Em 1965, a média de espectadores por desafio era de 34.300. Em 1972, tinha baixado para 25.900 e não foi além de 19.400 no ano passado.

Portugueses mais fortes

A equipa da Escola Industrial e Comercial de Setúbal foi a vencedora da Taça Halterofilia-77, que se disputou no Pavilhão Universitário de Coimbra. A equipa vencedora (orientada pelo biolímpico Luiz Paquete) era constituida pelos seguintes levantadores: António Rosa, Edmundo Baptista, Vítor Estrela, Artur Nogueira, António Leal, José Ildefonso, António Muchacho, Virgolino Parreira, Gil Ferreira e José Rodrigues.

Em 2.º e 3.º lugares, classificaram-se as equipas do União Piedense e do Futebol Clube do Porto, respectivamente.

A nível individual, é de assinalar que o levantador Albano Pereira (Ginásio Clube Português) conseguiu dois novos máximos nacionais absolutos, em seniores: 156 quilos no arremesso e 290 no total. Foram ainda batidos alguns recordes nacionais: casos de Pedro Carvalho (Ginásio Figueirense) com 102,5 no arremesso e 177,5 no total, no escalão de juniores; de António Leal (Escola Comercial e Industrial de Setúbal) 77,5 no arremesso, de juvenis e juniores; de Artur Nogueira (Escola Comercial e Industrial de Setúbal), 105 no arremesso e 180 no total, na categoria de 100 kg de juniores.

BIBLIOGRAFIA

Desporto e não só

Depois do «Manifesto sobre o fair play» (n.º 1 da colecção Antologia Desportiva), o MEIC, através da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, **continua a editar textos de interesse para quantos se debruçam sobre a vária problemática desportiva.**

Assim, chegou agora a vez de sair a lume «Política Desportiva-Programa do Governo» que **inclui despachos ministeriais e estudos da concretização da política desportiva, com incidência especial sobre a necessária e urgente reestruturação dos serviços da D. G. D.**

Quanto a Cadernos F. A. O. J. saúde-se a apresentaçao de «Arqueologia» (de Seomora da Veiga Ferreira), como é de inteira justiça mencionar a publicação de mais três títulos na série: «O que é o Conselho da Europa», «O que é a Comunidade Europeia» (maria René Pareja) e «O que é a Unesco» (Noronha Feio), a justificarem interesse a atenta análise.111

HÓQUEI PATINADO

Oeiras escorrega em sabão cufista

A 13.ª ronda do nacional em hóquei patinado foi de flagrante insucesso para uma das turmas favoritas, o Oeiras que, quase inexplicavelmente, baqueou estrondosamente perante a Cuf, no Barreiro. Marcador insofismável: 7-2 para os fabris.

«Placard» dos resultados gerais , na Zona Norte: Águias, 2-Académico do Porto, 8; Infante de Sagres, 8-Oliveirense, 1; Carvalhos, 7-Riba d'Ave, 4; Académica de Espinho, 2-F. C. Porto, 3 e Sanjoanense, 4-Valongo, 5.

Zona Sul: Sporting, 13-Sotto Mayor, 7; CUF, 7-Oeiras, 2; Paço de Arcos, 5-Salesiana, 7; Amadora, 3-Benfica, 4; Campo de Ourique, 3-Estremoz, 1.

Classificação na Zona Norte: 1.º, F.C. Porto com 35 pontos; 2.º, Valongo 33; 3.º, Infante de Sagres, 32; 4.º Carvalhos 28; 5.º, Oliveirense, 27; 6.º Académica de Espinho, 24; 7.º, Académico do Porto e Sanjoanense, 23; 9.º, Riba d'Ave, 20 e 10.º, Águias, com 15 pontos.

Zona Sul: 1.º, Sporting, com 39 pontos; 2.º, Oeiras, 33; 3.º, Benfica, 31; 4.º, CUF, 26; 5.º, Campo de Ourique, 24; 6.º, Amadora, 23; 7.º, Sotto Mayor, Salesiana e Paço de Arcos, 21 e 10.º, Estremoz com 17 pontos.

CUF e Estremoz têm menos um jogo.

PROPOSTA

Treinador de hóquei em patins, José Lisboa, (actualmente na Associação Desportiva de Oeiras, que está a disputar a «Taça das Taças») foi contactado, telefonicamente, com o objectivo de vir a treinar o Barcelona: **os responsáveis pelo clube espanhol já avançaram com algumas verbas, propondo-me um ordenado mensal de 80 mil pesetas.**

GNR adiou a "grande desforra"

. **Os jogadores do Nacional da Madeira que jogaram no domingo com o Alverca tiveram de sair do campo protegidos por elementos da GNR, que os escoltaram até ao aeroporto, depois do treinador Gonçalves ter sido agredido com um soco na boca.**

Os insultos e as ofensas começaram ainda antes do início do desafio, e só acalmaram quando o clube madeirense começou a perder. Apesar do resultado ser favorável aos locais (3-0), juntou-se à saida do campo uma multidão que voltou a insultar e a ameaçar os jogadores insulares provocando a intervenção da GNR.

O conflito entre os adeptos dos dois clubes parece ter tido início na véspera do desafio que ambos disputaram em Dezembro no Funchal, quando membros da caravana do Alverca e adeptos do Nacional se envolveram em desordem num cabaré. Depois deste incidente vários jogadores do Nacional receberam cartas ameaçadoras.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios deste Sindicato, que exerçam a sua actividade no sector da Indústria de Carnes, para uma Assembleia a realizar em 27 de Abril de 1977 das 8 às 24 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Votação para a verticalização dos Metalúrgicos no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes dos Distritos de Setúbal e Santarém.

A votação será feita por voto secreto e directo, nas seguintes firmas do Montijo:

Companhia Criação e Comércio de Gado;
Estabelecimento Isidoro M. Oliveira;
Gameiro & Comp.ª Lda;

Barreiro, em 14 de Abril de 1977
A DIRECÇÃO

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

LOTEAMENTO DOS BREJINHOS DÁ ÁGUA DO SUL

A C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORUGUESES, E.P. solicita aos proprietários dos lotes abaixo indicados, necessários à execução da nova linha férrea Poceirão-Sines, do Empreendimento Ferroviário de Sines, o favor de contactarem, com urgência, pessoalmente ou por escrito para a Rua de Artilharia Um, 33 — Lisboa, com os telefones 65 55 41/9, indicando a sua identificação completa e a da propriedade (n.º da descrição na Conservatória do Reg. Predial de Grândola ou data e Cartório Notarial em que foi celebrada a escritura, a inscrição matricial) de que são titulares:

80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108.

FERIADO
25 DE ABRIL

MADEIRA

22 a 25 de Abril (4 dias)

Desdobramento

Preços excepcionais

2.490$00

Incluindo passagem aérea, estadia, transporte Aeroporto/ Hotel/ Aeroporto, excursão na ilha e acompanhamento com guia

ABREU

Alguns lugares disponíveis
Inscreva-se já

abreu
fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade 160 · Telef 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 · Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 · Telefs 27011/2
FARO Rua Cons Bivar, 65 · Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

LONDRES
1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

Partidas aos Domingos

ABRIL 3,10,17,24
MAIO 1, 8,15,22,29
JUNHO 5,12,19,26

Preços excepcionais desde 3.950$

"a vantagem dos voos especiais"

Milhares de pessoas dizem com satisfação: "Fui a Londres nuns daqueles viagens baratas da abreu!"

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade, 160 · Telef. 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs 27011/2
FARO Rua Cons Bivar, 65 · Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ALCATIFAS PLÁSTICAS ESTAMPADAS

Para revenda ... Lindas cores
com base de feltro 127$50 + 12% IT
com base de amianto 147$50 + 12% IT
Só vendemos rolos de 60 a 70 m2

José Barros Lda.
R. José Duro, 22-D Alvalade

EDITADO "GUIA FISCAL"

Foi editado pela Direcção-Geral das Contribuições e Impostos o primeiro dos dois volumes que constituem o «Guia Fiscal», publicação destinada a esclarecer os contribuintes e a melhorar as relações entre estes e o fisco.

O «Guia Fiscal» agora publicado permite a substituição periódica das folhas sobre assuntos que tenham perdido actualidade, bem como a introdução de folhas contendo novas matérias.

Técnicos do Conselho da Europa discutem equivalência de habilitações

Técnicos do Conselho da Europa (ingleses, franceses, belgas e alemães) encontram-se desde ontem em Lisboa para estudar o nosso sistema educativo e avaliar das possibilidades de Portugal aderir às três convenções do Conselho da Europa em matéria de equivalências. As reuniões estão a decorrer nas dependências da Fundação Calouste Gulbenkian. Na runião de ontem, a director-geral do Ensino Secundário, Alice Gouveia, e do Ensino Superior, Marçalo Grilo, fizeram exposições sobre o respectivo pelouro. Algumas questões foram postas pelos técnicos «europeus». Por exemplo, o delegado belga, a propósito do «numerus clausus» perguntaria se esta medida se justificaria na sociedade portuguesa e se não estaria em contradição com a própria autonomia Universidade. Ou ainda: se Portugal não estará dentro de uma concepção medievalista de universidade.

Os trabalhos prosseguem durante o dia de hoje, para debater o problema do reconhecimento das classificações portuguesa em cada um dos países representados nesta reunião e a possibilidade de Portugal aderir às três Convenções do Conselho da Europa em matéria de equivalências

PORTARIA SOBRE COLOCAÇÕES

Os agentes de ensino com habilitação para a docência que não foram colocados no presente ano lectivo, mas que tivessem leccionado no anterior, mantêm o seu vínculo com o MEIC ao qual continuarão afectos, conforme consta de uma portaria emanada daquele Ministério.

Segundo a portaria os docentes com habilitação mínima poderão ser colocados, como prestadores eventuais de serviços em estabelecimentos de ensino preparatório e secundário, em lugares correspondentes às letras do funcionalismo público P (se tiverem o lcurso geral dos liceus ou equivalente) e N (se tiverem concluído o curso complementar ou equivalente).

Entretanto, os docentes com habilitação de grau superior ou equivalente poderão ser destacados, em regime eventual, para funções técnicas, nos serviços centrais, ou outros dependentes do MEIC.

Jornadas Antifascistas

PORTO, 19 — Integrado nas jornadas antifascistas que estão a decorrer nesta cidade, terá lugar esta noite, na Cooperativa do Povo Portuense, um colóquio subordinado ao tema «A repressão dos trabalhadores e das suas lutas durante o regime fascista». Participam na sessão Ambrósio Vaz, Avelino Pacheco Gonçalves, Joaquim Felgueiras, Joaquim Marques e o dr. José Afonso.

Oliveira de Azeméis festeja Primavera

A Associação Recreativa e Cultural de Azeméis vai organizar de 21 de Maio a 12 de Junho o II Festival da Primavera em Oliveira de Azeméis. Do Festival constara este ano um vasto programa de torneios desportivos e de espectáculos culturais.

SECRETARIA NOTARIAL DAS CALDAS DA RAINHA

..CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Dezembro de 1976, lavrada de folhas 98 verso a 99 verso, do livro de notas n.º C-48, deste Cartório, a cargo da notária Licenciada Ermelinda dos Santos Pereira Xavier, foi constituida uma associação denominada «ASSOCIAÇÃO DE CULTURA E RECREIO DO CAMPO», com sede no lugar do Campo, freguesia de Tornada, concelho das Caldas da Rainha, tendo por fim dinamizar no campo social, cultura, artistico, desportivo, recreativo e material, servindo de aglutinação a todos, com vista a uma efectiva participação em toda a orgânica democrática do País, colaborar em todas as iniciativas que, embora não sendo suas, contribuam efectivamente para a promoção da terra. Podem fazer parte da Associação todos os indivíduos de ambos os sexos que sejam admitidos pela mesma, maiores de dezasseis anos, sendo o número de sócios ilimitado e compreendendo duas categorias: Socios honerários e sócios efectivos. A composição e funcionamento dos orgãos da Associação serão estabelecidos em regulamento interno a aprovar pela Assembleia Geral.

Está conforme o original e declara-se que na parte omitida nada há em contrário ou além do que vai transcrito.

Secretaria Notarial das Caldas da Rainha, trinta e um de Março de Mil novecentos e setenta e sete. Entrelinhei: «do livro de notas n.º C-48»,. Emendei· «dinamizar», «de», «participação», «democrática», «embora», «interno».

O Ajudante da Secretaria Notarial

(Joaquim Alípio da Silva)

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

6.º JUÍZO

2.ª PUBLICAÇÃO

Anuncio

— Proc.º n.º 153/A-2.ª Secção —

Nos autos de DIVÓRCIO LITIGIOSO N.º 153/A, pendentes pela 2.ª Secção deste Juízo, em que são partes: — AUTOR — ISIDRO SIMÕES MENDES, reformado, residente na Avenida Maria Luisa Braancamp, n.º 31-3.º-direito, em Sacavém e Ré — sua mulher ISAURA DO CARMO, doméstica, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Calçada do Monte, n.º 86-2.º-direito, em Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última Publicação deste anúncio, CITANDO aquela repara no prazo de vinte dias, posteior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido de divórcio formulado pelo autor com fundamento no disposto nas alíneas f) e i), ambas do Artigo 1.778.º do Código Civil, nos termos do duplicado selado da petição inicial da acção que se encontra patente na Secretaria deste Tribunal, para consulta.

Lisboa, 12 de Abril de 1977

O JUIZ-CORREGEDOR,

Orlando de Faria Saraiva Lima

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

HENRIQUE ANATÓLIO SAMORA DE MELO LEOTE

PUB

CONVOCATÓRIA

POR UM 25 DE ABRIL DE LUTA DO POVO PORTUGUÊS

A todos os trabalhadores revolucionários e antifascistas

Às suas organizações populares de base

— Face ao avanço do fascismo que sentimos com a libertação de «pides» e bombistas, na escalada da Imprensa reaccionária, na reintegração nas FA em cargos de comando dos militares de extrema-direita.

— Face ao aumento crescente do custo de vida, desemprego e miséria, simultaneamente com o regresso de patrões e latifundiários.

— Face ao aumento crescente do custo de vida, desemprego e miséria simultaneamente com o regresso de patrões e latifundiários.

— Face à recuperação capitalista que ataca e reprime as lutas e conquistas dos trabalhadores nas fábricas campos e bairros.

— Face ao julgamento dos militares progressistas do 25 de Abril — Otelo, Corvacho, Tomé, Rosa Coutinho e outros.

— Face à dependência cada vez maior do nosso país do imperialismo.

Um movimento de Organizações Populares de Base e Comités Unitários tem vindo a aprovar moções no sentido de transformar o 25 de Abril numa jornada de luta dos trabalhadores: (Plenários de sectores da Fábrica de Material de Braço de Prata, Plenário de trabalhadores da CUF — Têxteis Lar, Plenário de moradores do Murtal, Assembleia de moradores da freguesia de Camarate, Direcção do Sindicato Livre dos Pescadores, Associação de moradores de Pego Longo, Comissão de moradores do Bairro de Angola: e os Comités Unitários de TAP, Tabaqueira, Benfica, Sacavém, INII, INE).

Para organizarmos um grande dia de luta contra o fascismo e o capitalismo, pelo poder democrático dos trabalhadores convocam-se todos os organismos populares de base para uma reunião no Centro de Cultura Popular no Largo Calvário — Alcântara no dia 19, terça-feira às 21.30.

REUNIÃO — 3.ª FEIRA — DIA 19 ÀS 21.30

CENTRO DE CULTURA POPULAR AO CALVÁRIO

A. M. Pego Longo CM Murtal

Comités Unitários da TAP, Tabaqueira e Sacavém

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu esta limpo e o vento prodominava de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	14º
FARO	18º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FARO

Máxima 23º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.36	4,0 m	9.04	1,0 m
15.33	4,0 m	21.22	1,0 m
Dia 20			
4.10	4,0 m	9.35	1,0 m
16.25	4,0 m	21.54	1,1 m
Dia 21			
4.43	3,8 m	10.07	1,1 m
16.57	3,8 m	10.07	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Bom tempo com céu geralmente limpo; vento fraco de Nordeste; pequena subida de temperatura.

AMANHÃ

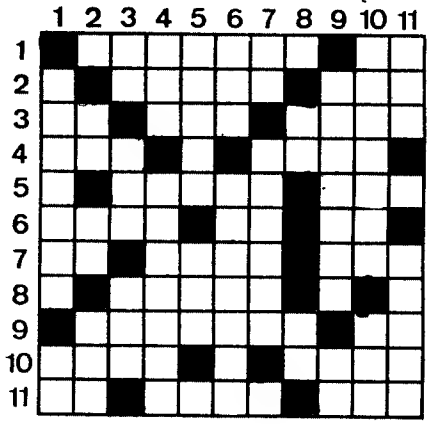
NASCER ÁS 6.54
OCASO ÁS 20.18

Dia 26 Dia 3 Dia 10 Dia 18

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11721



HORIZONTAIS:

1 Latadas. Prefixo de privação.
2 Freguesia do concelho de Loulé. Magnete natural.
3 Preposição. Recusa. Nome científico do pato.
4 Pronome relativo. Tombar.
5 Freguesia do concelho de Satão. (Viseu). Oceano.
6 Estavam. Brisa. Distar.
7 Noroeste (abrev). Estacione. Fluído aeriforme.
8 Alaga.
9 Afiara. Manuscrito.
10 Rio da China. Estimam.
11 Tempo do verbo haver. Rezas. Gavinha.

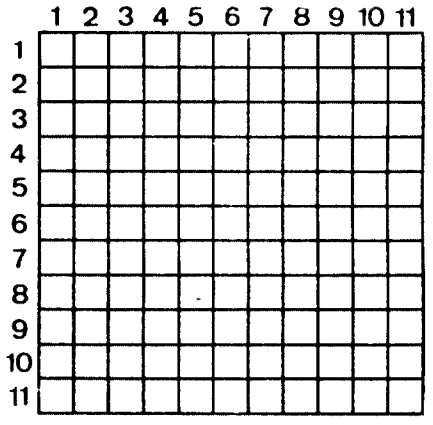
VERTICAIS:

1 Limitado. Interjeição que exprime admiração.
2 Mulo. Letra grega. Tecido de algodão do Levante.
3 Carta de jogar. Ave pernalta. Estalajadeiro.
4 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Suplico.
5 Inundo. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
6 Distrito da ex-Índia portuguesa. Indicada.
7 Brisa. Confrontar.
8 Autores. Em partes iguais.
9 Adversário. Pronome pessoal.
10 Poisara no mar (o avião). Achaque.
11 Em as. Tremor de terra.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7781



HORIZONTAIS:

1 Escuro. Feiticeiras.
2 De preço elevado. Cercadura.
3 Guarnença de asas. Planta apocinácea, cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
4 Aquele que foi vítima da sua própria ambição. Produção.
5 Gorgulhos tropicais. O mesmo que alagamento.
6 Antigo Testamento. Medida itinerária do Japão.
7 Sofrem.
8 Aqui está. Saudável. Ósmio (s.q).
9 Magnetes naturais. Uma das partes do Mundo.
10 Soldado de uma milícia persa encarregado de proteger os viajantes. Nome de frutos.
11 Mulher de baixa estatura. Desejara.

VERTICAIS:

1 Amante (Bras). Variedade de uva.
2 Ilha chilena da Polinésia. Magnete natural.
3 Limpar metais. Vasilha com asas.
4 Cobalto (s.q). Ratem. Saudável.
5 Dorso, parte posterior do tronco humano. Ilha francesa do oceano Atlântico.
6 Despido. Título honorífico na Índia.
7 Aumento. Miriare.
8 Preposição e artigo definido. Rio da antiga Itália, afluente do Tibre. Medida de líquidos da Alemanha.
9 Perpetua. Pessoa importuna.
10 Dilata. Fechar as asas para descer mais depressa.
11 Grande sala. Membro de ave.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11721

HORIZONTAIS:

1 Brava. Paras.
2 Reler. Risco.
3 UM. Me. Os. Ua.
4 VEM. Soo. Toa.
5 Ares. Arma.
6 Socaria.
7 Nato. Beatas.
8 Uro. Sagrado.
9 Na. Tora. Ia.
10 Cino. Iris.
11 Assaca. Moça.

VERTICAIS:

1 Bruma. NUNCA.
2 Remar. Arais.
3 Al. Lesto. N.S.
/ VEM. Soo. Toa.
5 Arem. Só.
6 Acabaria.
7 Prol. Regar.
8 Ais. Aiar. Im.
9 Rs. Prata. SÓ.
10 Acuam. Adi.
11 Soara. Soara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7780

HORIZONTAIS:

1 Tasca. Teseu.
2 Abea. Caim.
3 Dar. Rer. SSE.
4 Er. Colar.
5 Urtigas. Aro.
6 Or. Ne.
7 Atei. Taça.
8 Ra. Tacão. Ur.
9 Adi. Cha. Usa.
10 Mana. Agá.
11 Asada. Trará.

VERTICAIS:

1 Tadeu. Aramá.
2 Abarrotadas
3 Ser. Tré. Ina.
4 Ca. Cl. It. Ad.
5 Roga. Ac.
6 Sela. Acha.
7 Raso. Aa.
8 EC. To. Ar.
9 Sás. Ana. Uga.
10 Eis. Recusar.
11 Úmero. Ará.

PROVÉRBIO: UM MAL, NUNCA VEM SÓ.

farmácias de serviço

LISBOA

ALENTEJO — Av. de Igreja, 28-B Tel. 802682.
ALGARVE — Av. de Roma, 7-B Telefone 801478.
AMERICANA — Calçada Santana 3. Tel. 863984.
ASCENSO — P.ª Norte 11 A (B.º da Encarnação) Telefones 311216-310172.
AZEVEDO, IRMÃO E VEIGA — R. Misericórdia, 24 323540.
AVIS — Av. de Roma 56-B-C Telefone 895370
BENFICA — Estr. de Benfica, 678-E, Tel. 702532.
CAMPO PEQUENO — Av. Júlio Dinis, 10, Tel. 771661.
CENTRAL DE CAMPOLIDE — Rua General Taborda, 17 Tel. 680304.
CENTRAL DO LUMIAR — B. do Lumiar 77 Tel. 790480.
CONFIANÇA — Av. Almirante Reis, 46-B Tel. 821653.
CORREIA DE AZEVEDO — R. Luís de Camões, 42-B Tel. 638625.
CRUZ NUNES — P.ª Duque de Saldanha, 14 Tel. 41845.
DÁVI — R. Conde de Redondo, 68-72. Tel. 54342.
D. JOÃO V — Rua D. João V, 16-C Tel. 682772.
FERNANDES BORGES — Rua C. Benguela, lote 300. Tel. 311091.
GRIJÓ — Rua do Grilo, 25 Tel. 385264.
LARANJEIRO — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035.
LOBEL — Rua Infantaria, 16; 98-B Tel. 688807.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395.
NOVA LISBOA — R. Guilhermina Sugria, 12 Tel. 727721
PAIVA DA COSTA LDA. — Rua da Lapa, 105 Tel. 684414.
REMÍSIO — Rua Jerónimo 14-C. Tel. 631699
RENASCENÇA — R. Damasco Monteiro, 104-A Tel. 831504.
ROSA E VIEGAS — R. S. Vicente, 31. Tel. 864351.
S. JORGE — Largo do Leão, 3-A-B Tel. 534027.
SIRIUS — Rua Fialho Almeida, 38-A. Tel. 44000.

Permanente

ASCENSO — P. Norte 11-A (B.º Encarnação) Tel. 31121-310172.
AVIS — A. de Roma 56-B.C Tel. 895370.
AZEVEDO IRMÃO E VEIGA — Rua da Misericórdia 24. Tel. 323540.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77 Tel. 790480.
BENFICA — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 702532.
REMÍSIO — Rua dos Jerónimos 14-C Tel. 631699.
DÁVI — R. Conde de Redondo, 68-72. Tel 54342
LOBEL — Rua Infantaria 16, 96-B Telefone 68807.
ROSA E VIEGAS — R. S. Vicente, 31. Tel. 864351.
RENASCENÇA — Rua Damasceno Monteiro, 104-A Tel. 834504.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco. Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telf. 2112081).
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas.
PORTO SALVO
Ferreira Bastos, Até às 21 horas.
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telf. 242839). Até às 22 horas.
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (Telf. 260085). Até às 21 horas.
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telf. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas.
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telf. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
PAREDE
Junqueiro Mendes, Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Telf. 262313-267314). Até às 22 horas e das 24 às 9 horas.
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telf. 280078). Até às 21 horas
Cascais. R. Conde de Monte Real B.º Caixas (Telf. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303). Serviço permanente.
Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Telf. 933613). Até às 22 horas.
S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef. 938703). Até às 22 horas.
DAMAIA
Confiança. Est. Militar, Lote D (Telf. 9710231).
MERCÊS
Claro Russo.
QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Telf. 950906).
CACÉM
Araújo e Sá. Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telf. 2940781)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (Telf 2914103).
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telf. 2960194).
SINTRA
Misericórdia. Vila (Telf. 2930391).
COLARES
Abreja. (Telf. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telf. 234100).
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telf 204020)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Aliança, Est Nacional, 178-B (Telf 2040302)
BARREIRO
Santa Marta, R dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telf. 2072141).
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telf. 2750271).
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telf. 2767356)
MOITA
União Moitense. Av. dr. Teófilo Braga (Telf. 239025).
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telf. 2310035).
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Telf 223471).
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Telf. 22691).
Alice, P. do Quebedo (Telf. 23743)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Telf. 2218560)

PORTO

CORREIA DE ARAÚJO Rua de Santa Catarina, 259 Tel. 25644; **NOVA AVENIDA** Av. Fernão Magalhães, 692 Tel. 52250; **PINHEIRO MANSO** Rua São João de Brito, 25 Tel. 60692, **SANTA TERESA** — Praça Guilherme G. Fernandes 100 Tel. 315713; **SILVA PEREIRA** — Rua de Costa Cabral, 293 Tel. 480761; **BOA HORA** Rua da Boa Hora, 80 Tel. 28783 **TERREIRO** Rua da Reboleira, 21 Tel. 23576.

(De dia e toda a noite)

GONDARÉM Rua de Gondarém 360, Foz. **ALVES** Praça do Exército Libertador, 62 Tel. 80002, **BARROS** Rua do Comércio, 104, Tel. 315075; **CAMEIRA** Rua do Heroísmo, 90 Tel 52583.

COIMBRA

DONATO Rua Ferreira Borges, 2 Tel 22603

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480 Hoje estreia às 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS DESTEMIDOS DE NOITE
c/Jim Brown

APOLO 70
Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15
N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
8.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
OS CANIBAIS

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15h
Int. men. 18 anos
O primeiro e único monstro das artes marciais
O HÉRCULES CHINÊS

BERNA
Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15
Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
4.ª Semana
com Richard Chamberlain, Gemma Craven
Para todos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093
Sessões as 15.00, 18.00, 21.15
Clássicos do Western
A QUADRILHA SELVAGEM
Com William Holden, Ernest Borgnine, Robert Ryan
Um filme de Sam Peckimpah
Interdito a menores de 18 anos

CASINO ESTORIL
Tel. 264521 17 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A FLAUTA MÁGIK

CASTIL
Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15 h
Annie Girardot é
A FEMINISTA
Com Bernard Fresson. Um filme de Serge Korber
Não acons. a menores de 18 anos

CONDES
Tel. 322523
14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Kalur Bedié
O CORSÁRIO NEGRO

EDEN
Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15
Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
2.ª Semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons. a men. de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.00, 17.00, 19.00 e 21.15
Para todos
O PEITO OU A PERNA
O novo filme de Claude Zidi

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MULHER SENSUAL

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15
Na cidade corrupta, um homem incorruptível!
Enrico Maria Salerno em
A POLICIA AO SERVIÇO DO CIDADÃO?
Interdito a menores de 18 anos

LONDRES
Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
5.ª semana
c/ Laura Antonelli
4.ª semana
um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30
TAXI DRIVER
Palma de ouro Grande Prémio Festival de Cannes

NIMAS
Tel. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati
As 24.00
O filme brutalidade
c/Burt Lencaster

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
(Colorido)
SURVIVE

PATHÉ
Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 13 anos
O CORSÁRIO NEGRO
Da celebre novela de Emidio Salgari
c/ Jayne Maddon

POLITEAMA
Tel. 326305 15.00, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
MOISÉS O PROFETA
c/Burt Lancaster
3.ª Semana

RESTELO
Tel. 610375 As 21.15
Não acons. men. 13 anos
OS HOMENS DO PRESIDENTE

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. m/ 18 anos
Um caso verídico!
SURVIVE
Epopeia dos Andres

ROXY
Tel. 48560 14.15, 17.45, 21.15
Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasr Hosain
4.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 15.15, 18.15, 21.15
5 «OsCars» da Academia Britânica!
BUGSY MALONE»
Música de Paul William
3.ª Semana
Não acons. men. 13 anos

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 15.30, 18.00 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O CRIME DO EXPRESSO ORIENTE
c/ Albert Funney, Lauren Bacall, Sean Connery

TIVOLI
Tel. 570595 15.15 e 21.00
3.ª semana
Não acons. a men. de 13 anos
BEN-HUR
c/ Charlon Heston-Jank Hawkins, Haya Hararelt
4.ª Semana
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

UNIVERSAL
Tel. 774402 As 15, 17 e 21 h.
A GRANDE FARRA
um filme de Marco Ferreri
(Int. men. 18 anos)
As 19 e 23 h
IREI COMO UM CAVALO LOUCO
um filme de Arrabal
(Int. men. 18 anos)
Sexta e sabado as 00.30
A GRANDE FARRA

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 Às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUANDO AS MULHERES JOGAVAM DING-DONG

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário — «Musivária» (ERC); **17.00**: Música Portuguesa; **18.00**: «Música variada; **18.10**: Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida — Música variada; **19.00**: Poemas e Poetas» — Música variada; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Melodias; **21.00**: 7.º Episódio do folhetim «A Mordaça», de Alfonso Sastre, numa adaptação de Maria Arlete Reis, **21.13**: «Contraponto», **00.00**: «Último jornal»; **00.30** Vozes na noite, **01.00**: «Música na Noite»

2.º Programa

16.35: Solos de Harpa — Salomé e Canção na Noite, de Carlos Salzedo; **17.00**: O maestro Joseph Kellberth (efeméride); Sinfonia n.º 41, em dó maior («Jupiter»), K. 551, de Mozart; — Sinfonia n.º 8, em fá maior, op. 93, de Beethoven; **18.00**: Música; — Sinfonia, em dó maior, de Bizet; **18.30**: «Música ao fim da tarde, no S. Luís» - 1.ª Parte sonata n.º 7, p/violino e piano, de Beethoven. Intervalo — Canções francesas, de Clément Janequin; **2.ª parte**: — Sonata em lá menor, de F. E. Bach — 1.ª sonata canónica, em sol maior, de Telemann — «Jour d'eté a la montagne» (quarteto de flautas), de Eugene Bozza; **20.00**: Conjuntos de câmara — Três sonatas de Boismortier — Quarteto em ré menor, K. 421, de Mozart; **21.00**: Música sinfónica de Vaughan Williams - Sinfonia n.º 7 «Antártica»; o voo da cotovia; **22.00**: O tenor Enrico Caruso, em árias de óperas; **22.30**: «O Gosto pela Música», pelo dr. João de Freitas Branco; **22.50**: Três danças, de Gustaf Dueben, p/ Camerata Lutetiensis; **23.00**: As sonatas de Beethoven — Sonata, em sol maior, op. 31 n.º 1; **23.20**: Canções sacras sobre sonetos de John Donne, op. 35, de Benjamim Britten; **23.45**: Intercâmbio musical - Concerto pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda — Obras de Gyorgy Liceti — Berlioz e Schoenberg.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; **16.05**: Sequência da Tarde, **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em Notícia-Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de R. R., **29.30**: Objectivo; **20.53**. Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao Encontro da Grande Música; **22.00**. Quando o telefone toca; **22.30** Temas vivos **23.05** Ultima Hora; **23.30**: Dicionário de Economia; **23.55**: Meditando; No final actualidade Internacional Voz da América; **01.00**: Rotação; **02.00**: Encerramento da estação

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O Encoberto»
MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
21.15 (13 anos)
«Barraca Contra Tiradentes»
COMUNA
21.30 (13 anos)
«Gioconda perdeu o Sorriso»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
««A Paródia»

LISBOA/Cinemas

VOX
21.15 (13 anos)
«Moisés, o Profeta»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Mandingo»
ARCO
21.30 (10 anos)
«O Grito da Fúria»
PARIS
21.15 (18 anos)
«S. Francisco Cidade Nua»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«O Raid Relâmpago dos Comandos»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Há Lodo no Cais»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Senhora Sabe da Poda»
CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Caça Perversa»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Laços Escaldantes»
RESTELO
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Até os Bichinhos Gostam»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rapariga para Casal Precisa-se»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (18 anos)
«A Quadrilha Selvagem»
SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Morte em Veneza»
ROYAL
21.15 (18 anos)
«O Homem de Hong-Kong»
CINE-AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«Antes que Cases»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadius
21.30 (18 anos)
«O Crime do Expresso Oriente»
PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Orquídea»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Prostituição Clandestina»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«Ambição Fatal»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Alfie Darling»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«As Aventuras de um Motorista de Táxis»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Irmão contra Irmão»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (13 anos)
«Camorra»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (6 anos)
«A História da Cinderela»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«A Grande Jogada» Teatro
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«1900» 2.ª Parte (Cinema)
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«É Preciso viver perigosamente»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Adeus Irmão Curel»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»
SA DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Homens e Tubarões»
BATALHA
21.15 (13 anos
«Moisés o Profeta»
OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Brigada Feminina»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
ESTÚDIO 400
21.15 (10 anos)
«O Homem que Matou Bill The Kid»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«S. Francisco Cidade nua»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Memórias Intimas de Miss Aggie»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Tubarão»
S. JOÃO
21.00 (18 anos)
«Professor na Cama»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«20.000 Léguas Submarinas»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Assaltantes do Ar»
SALA BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Casy Rider»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«O Homem Não é um Pássaro»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Voando sobre um ninho de cucos»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Os Detectives»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Jogos Nocturnos»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Tubarão»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185 1.°, 2.°
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Incidentes em Tábua

Continuação da pág 1

na levada a cabo pela Polícia Judiciária de Coimbra cujos agentes suspeitaram da origem do ouro que o meliante tinha nos bolsos. No dia seguinte, quando o caso de Tábua foi conhecido, os agentes da PJ associaram-no imediatamente ao Cabral que confessou o crime e indicou o nome do seu «sócio», Albertino Dias Fernandes, também cadastrado, conhecido em Tábua pela alcunha de «Formiga».

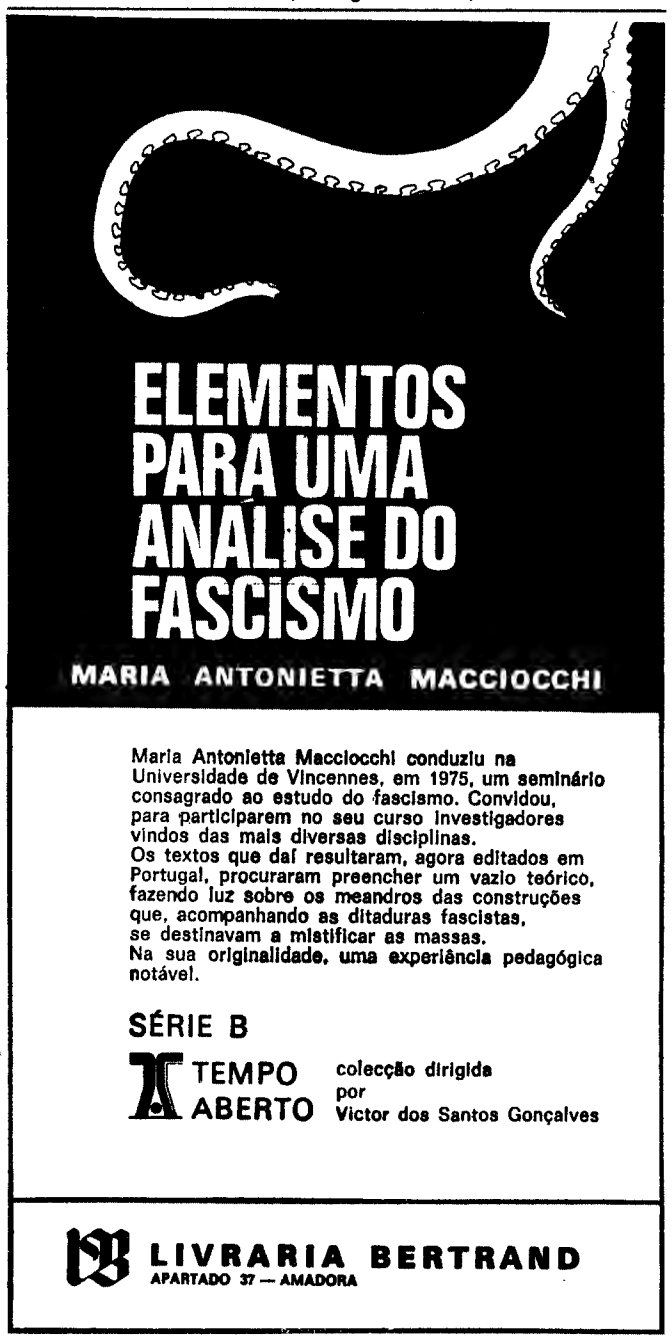
Ontem à tarde, agentes da PJ levaram o Cabral a Tábua a fim de o confrontarem com o Albertino, que a GNR, entretanto, capturara, e de procederem a averiguações.

Ao chegarem junto ao edifício dos Paços do Concelho, o Cabral foi reconhecido por alguns transeuntes que alarmaram a população, podendo dizer-se, sem exagero, que a partir desse momento a vila se transformou num autêntico pandemónio, já que os bombeiros começaram a tocar as sirenes das suas viaturas enquanto os sinos das igrejas tocavam a rebate e os automobilistas percorriam as ruas em cortejo, buzinando ininterruptamente.

Minutos depois, a população aglomerava-se em frente dos Paços do Concelho, onde se encontra instalado o tribunal, exigindo que os assaltantes fossem entregues ao povo. Numa tentativa vã de evitar que alguns populares assaltassem o tribunal, o cabo Lima, da GNR disparou um tiro que penetrou no abdómen do abastecedor de gasolina Eugénio António Marques, ferindo-o gravemente e ferindo, ainda, um guarda da GNR. A multidão voltou-se, em seguida, contra a GNR e o cabo Lima, aconselhado a sair da vila, fugiu com tanta presteza que ainda se não conhece o seu paradeiro.

Entretanto, um grupo numeroso de populares rebentou com as portas do tribunal e penetrou no interior obrigando o delegado do Ministério Público e alguns funcionários que se ali encontravam a fugir por uma janela traseira do edifício. Na rua forças da GNR local, vila de Arganil e de Oliveira do Hospital tentavam, em vão, acalmar a população e impedi-la de linchar os detidos que, entretanto, tinham sido arrancados à força aos guardas e atirados para a rua.

O Cabral e o «Formiga» foram envolvidos pela multidão que os deixou estendidos no chão, aparentemente sem vida. Tratado no Hospital de Tábua, o Albertino Fernandes recuperou rapidamente a saúde e só não saiu imediatamente por se recear que o seu reaparecimento reacendesse a fúria da multidão. Outra foi a sorte do Cabral que se encontra em perigo de vida. Só às 21 e 30 é que as forças da GNR conseguiram dispersar a multidão.



O PREÇO DO LEITE

Vagos propõe-se subsidiar parte dos encargos

. Apesar de as cooperativas leiteiras de Entre-Douro e Mondego terem anunciado a decisão de cortar o fornecimento de Leite a Lisboa caso Governo não satisfizesse a reivindicação dos 9$00 por litro exigidos pelos produtores, essa ameaça ainda não se concretizou. Em plenário realizado na Escola Preparatória de Montemor-o-Velho os produtores de leite decidiram manter a posição que desde o início do processo vêm defendendo: todo o preço que seja menos de 9$00 não compensa os gastos dispendidos com a produção do leite.

Entretanto o Governo já afirmou a disposição de não ceder às exigências das cooperativas. Perante isto a cooperativa de Vagos, que tem liderado a luta, segundo as declarações do seu presidente José Pedro, propôs ao Governo o preço de garantia à produção de 8$70 para a classe A tendo-se comprometido a pagar a diferença de 30 centavos. Mas teve o cuidado de sublinhar que a última palavra cabe aos produtores. São os associados que deverão decidir a suspensão da luta ou a intensificação da mesma.

A cooperativa de Vagos encontra-se numa situação melindrosa e terá que ponderar cuidadosamente as suas decisões na medida em que se debate com problemas internos desencadeados por forças que pretendem recuperar em seu proveito o processo reivindicativo do leite para assim conquistarem as «simpatias» dos agricultores e darem um golpe que vá alterar os corpos sociais da cooperativa. Por outro lado a cooperativa de Vagos não ignora que os intermediários parasitas contra os quais sempre tem lutado esperam que o Governo tome medidas drásticas que conduzam à nomeação de uma Comissão Aministrativa para a União de Cooperativas Entre-Douro e Mondego ficando assim neutralizados os verdadeiros representantes dos agricultores da região.

PSICOLOGIA (PORTO)

Demitiu-se presidente da Comissão Instaladora

. PORTO, 19 — Na sequência da luta dos estudantes contra as decisões do MEIC, acaba de demitir-se o presidente da Comissão Instaladora do curso de Psicologia, prof. Fernandes da Fonseca. Por solidariedade, também o prof. Eurico Figueiredo apresentou o seu pedido de demissão, desconhecendo-se ainda qual a posição dos três restantes componentes da C.I.

Em contacto estabelecido esta manhã com o presidente demissionário, fomos informados de que a sua atitude foi resultante da contestação por parte dos alunos. «Entendo que todo o indivíduo contestado, deve demitir-se» — afirmaria.

Frise-se que, na opinião do prof. Fernandes da Fonseca, a única, saída para o problemma antes do seu pedido de demissão era o cumprimento do que estava estipulado através de um despacho do MEIC: reavaliação dos alunos do 2.º ano e novas pré-inscrições para o 1.º. Entretanto prosseguiu esta manhã o boicote às pré-inscrições no curso.

Em moção aprovada ontem, em RGA, foi exigida a irradiação do movimento associativo dos alunos que já fizeram as pré-inscrições furando assim uma decisão tomada em RGA anterior. Esta tarde realiza-se nova RGA para decidir de formas de lutas a adoptar perante o evoluir dos acontecimentos.

Finalmente, está marcada para o próximo dia 27 uma entrevista com o ministro Sottomayor Cardia.

Livro científico da URSS numa exposição em Lisboa

. A necessidade do estreitamento de laços de cooperação e amizade entre a URSS e Portugal, foi ontem sublinhada, durante a inauguração de uma exposição de livros científicos e técnicos soviéticos patente na Reitoria da Universidade de Lisboa.

Barahona Fernandes, reitor da Universidade, realçou na abertura da exposição a importância desta iniciativa do MEIC e da Embaixada soviética, «do ponto de vista do desenvolvimento da cooperação entre os dois países».

Kovaliev, vice-presidente do Comité Estatal do Conselho de Ministros para a Ciência e a Técnica, da URSS,, afirmaria ser desejável que a colaboração mútua no campo científico «possa contribuir para um melhor entendimento entre os nossos povos, dentro do espírito de paz e cooperação definido na Conferência de Helsínquia». Presente ainda na inauguração da exposição, o prof. Tiago de Oliveira, secretário de Estado da Investigação Científica.

A exposição que estará patente ao público durante uma semana, consta de 514 volumes sobre Engenharia, Ciência, Cibernética, Matemática, Química, Biologia, Zoologia, Silvicultura, Pescas, Agricultura, Geologia, Medicinae e Arte.

Segundo o representante comercial da URSS em Portugal, Ratmir Ufaef, são vendidos anualmente em Portugal cerca de 20 mil livros soviéticos, com relevo para os clássicos do marxismo-leninismo.

Prisões na Marriot

Continuação da pág 1

iniciar o turno das 15 horas.

Na sequência destes acontecimentos, embora se tenha registado a maior calma por parte dos trabalhadores que acataram as ordens de abandonarem as instalações, três trabalhadoras desmaiaram, acabando uma delas por ficar em observações no Hospital de S. José, em consequência da queda.

Durante a tarde, já depois de a GNR ter abandonado o local, elementos do Sindicato da Indústria Hoteleira tentaram que a administração revisse a sua posição o que foi recusado. Em plenário efectuado à porta das instalações, foi então decidido que os trabalhadores despedidos reentrassem na empresa.

Segundo os trabalhadores da Marriot, esta empresa não pode funcionar com menos 46 trabalhadores, ou então terá que recorrer a trabalhadores eventuais. De facto, um dos despedidos que se mantinha ao serviço, fez no domingo de Páscoa quatro horas extraordinárias, além de outras duas na última quinta-feira. Além disso, a administração terá admitido recentemente três novos porteiros.

nota

AS CURIOSAS AMNISTIAS

O semanário neofascista «Tempo» tem-se batido por uma estranha amnistia comemorativa do 25 de Abril. Amnistia que abranja os bombistas mas não abranja personalidades de que «eles» não gostam ou temem.

Matar gente à bomba, para o «Tempo», é um crime «menor». Mas esse tempo do «Tempo» ainda não chegou. Por isso, o que o «Tempo» apurou sobre tão curiosa amnistia não pode ser verdade...

TRÊS ANOS

Segundo «A Luta», o dr. António Barreto teria declarado em Salvaterra de Magos: «O PCP (...) não aprendeu com três anos de gonçalvismo (...)».

Das duas uma: ou é do «gonçalvismo» que Barreto queria falar e não são três anos, ou queria falar de três anos e aquilo que vai fazer três anos é a Revolução do 25 de Abril.

O que se quer atacar, afinal?

Liga de Beja desmascara CAP

O encontro internacional promovido pela CAP (Confederação dos Agricultores de Portugal), em Viseu, foi objecto de um comunicado divulgado pela Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do Distrito de Beja que demarca uma posição de distanciamento em relação à organização liderada por José Manuel Casqueiro.

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do Distrito de Beja que se diz representante de cerca de 10 mil associados considera que a CAP não tem representatividade a nível nacional. Manifesta-se ainda no documento o apoio integral ao Mercado Comum «congratulando-se com os agricultores ingleses, franceses, alemães e holandeses e todos os outros que são verdadeiros profissionais da agricultura, trabalhando eles próprios na terra».

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do Distrito de Beja, depois de desmascarar a direcção da CAP «que se autonomeou», define-se como verdadeira representante dos agricultores da região onde se processa a Reforma Agrária «com a qual concordamos e apoiamos, por ver legitimados os direitos dos agricultores que trabalham a terra, não aceitando que outras associações falem em seu nome».

Finalmente a Liga alerta as organizações internacionais «para a fraude de que estão a ser vítimas».

Detidos mais dois evadidos da Penitenciária de Coimbra

. O facto de um guarda prisional ter reconhecido dois dos assaltantes do carro celular de que fugiram quatro reclusos no passado dia 12, levou à prisão destes ontem à tarde na Amadora.

Informada telefonicamente, a PSP da esquadra local tomou providências imediatas e um agente daquela corporação detectou os dois marginais e intimou-os de arma em punho. Tratava-se de Augusto Antunes Fernandes, de 27 anos («O Carlos») e de Manuel Rodrigues, de 24 anos.

GUARDAS PEDEM PROVIDÊNCIAS

Face às circunstâncias em que se deu a morte de António Manuel Rola Garrido, os trabalhadores do Estabelecimento Prisional de Lisboa enviaram ao Presidente da República, ao presidente da Assembleia da República, ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Justiça, o seguinte telegrama: «Corpo guardas Estabelecimento Prisional de Lisboa protestam veemência condições segurança trabalho. Carências conhecidas longa data a todos os níveis. Declinamos responsabilidade situações semelhantes e futuras face escalada crescente criminalidade. Exigimos medidas adequadas. Basta demagogia. Morte nosso colega Garrido não será esquecida».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 20 páginas)

1001 VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)
PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade 160 • Telef 371341
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef 379 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs 27011/2
FARO: Rua Cons Bivar 65 • Telefs 25035 6

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

Nº 11 / 77
Terça-feira, 19 de Abril de 1977

Europa: O feminismo nos países do Sul
América Latina: "Ajuda militar" para a segurança de quem?
Açúcar: A luta amarga
Sudão: O combate ao deserto
Figura da semana: Shimon Peres

CHILE

PRATS DENUNCIA A CONSPIRAÇÃO AMERICANA

□ **Luís Wiznitter**
■ **LE MONDE**

NOVA IORQUE — «Una vida para la legalidad» (uma vida para a legalidade): é este o título do diário de Carlos Prats, antigo comandante-chefe das Forças Armadas chilenas e ex-ministro do Interior de Allende, assassinado no exílio em Buenos Aires, em Setembro de 1974. O diário, publicado no México, analisa as tendências sociais no Chile e contém conversas com Allende. Este ter-lhe-ia confiado que o embaixador dos Estados Unidos, Edward Korry, o tinha incitado a concluir um acordo com os Estados Unidos, nos termos do qual o Chile renunciaria à nacionalização do cobre. Este conselho fora acompanhado de ameaças. Em 27 de Agosto, quatro dias antes dos generais rebeldes o terem obrigado a deixar o seu posto, escreve: «Estou convencido de que subestimámos a gravidade e a amplitude da conspiração manipulada pelos Estados Unidos... embora estivéssemos ao par da reunião secreta de Kissinger em Chicago, duas semanas depois da vitória eleitoral da Unidade Popular». Durante essa reunião, Kissinger disse que «os Estados Unidos nunca aceitariam que o Chile seja governado por comunistas».

O general Prats supõe que «nem Allende nem os partidos no poder sabem quanto a influência dos Estados Unidos é profunda no seio das Forças Armadas e na mentalidade do militar chileno». Por seu lado, queria enviar oficiais chilenos para a África, a Ásia e a Europa, para contrabalançar a influência do Pentágono. «Os serviços de informação militares só se interessavam pelo terrorismo de esquerda, quando o de direita era tão perigoso e dispunha de muito mais armas».

A propósito do «putsch», escreve: «Julgam que salvaram o país do inimigo interior, quando cometeram um crime que só se pode explicar em função da sua ignorância, da sua ingenuidade e da sua miopia». Carlos Prats julga saber que «a coordenação e preparação do golpe de Estado foram feitas em Valparaíso, onde os oficiais da Marinha chilena conspiraram directamente com os membros da base naval americana». Insiste em descrever o papel nefasto que, segundo ele, desempenhou Eduardo Frei, que considera como responsável directo do golpe de Estado. Frei utilizava os militares na esperança de voltar ao poder. Quando Prats interveio junto de Frei para tentar aproximá-lo de Allende, o chefe da Democracia Cristã «mostrou-se arrogante e insultuoso». Prats conta como Frei tinha sido o instigador da «operação Charlie», destinada a desacreditá-lo e a fazê-lo perder o seu posto. Esta operação, segundo Prats, tinha sido subvencionada pelos democratas-cristãos italianos e alemães.

Mas o papel de Pinochet é que parece tê-lo espantado. Conhecia Pinochet há muito. Tinha-o sempre na conta dum dos mais leais «constitucionalistas» e serviu de garante a seu respeito quando aquele lhe sucedeu junto de Allende. «Estou convencido que ele tomou o comboio no último minuto, mas não tenho dúvidas de que fará tudo para se ligar ao Poder. Passará à História como o maior traidor da história do Chile».

O livro contém passagens comovedoras. Descreve a humilhação e a morte dos seus companheiros. Desespera-se com as torturas e as execuções que viu: «Destruiram, disse, tudo, envileceram tudo, estragaram tudo. Fizeram do Chile um nome maldito».

A última passagem do livro, escrita seis semanas antes da sua morte, explica sem dúvida porque o assassinaram: havia militares chilenos que o tinham contactado. Este diário não é obra de um homem de esquerda, mas de um homem honesto, apanhado na engrenagem duma tragédia que tentou evitar.●

PINOCHET

CADA VEZ MAIS ISOLADO

□ **Marcel Niedergang**
■ **LE MONDE**

Três anos e meio depois do golpe de Estado militar de Setembro de 1973 que derrubou o Governo de Unidade Popular de Salvador Allende, o general Pinochet aparece francamente na defensiva.

Todas as informações concorrem para desmistificar um chefe de Estado que se apoia cada vez mais nos serviços da polícia política, a temível DINA, Estado dentro do Estado, cujos métodos já não são apenas denunciados pelos chilenos e por certos organismos internacionais, mas também pelo Governo dos Estados Unidos. O apoio decidido de Washington e de Kissinger, que conduziu pessoalmente a operação destinada a derrubar o Governo de Unidade Popular, permitiu até agora à Junta de Santiago instalar-se mais seguramente no Poder, apesar do descontentamento sempre crescente.

A retracção implícita do Governo americano e a condenação pública dos métodos da Junta, colocam o general Pinochet numa posição delicada.

Tanto mais que tem de se defrontar com uma crise interna difícil. Indica-se de fonte segura que os chefes do exército chileno estão divididos quanto à oportunidade de voltar a levantar o estado de sítio. Estas divergências reflectem as críticas, para não irmos mais longe, que suscitam hoje no próprio seio das Forças Armadas chilenas o comportamento e os métodos brutais do general Pinochet. Os militares que se mantêm favoráveis a uma edmocracia-cristã cuja viragem radical conduz a uma oposição total à Junta coordenam-se e agitam-se. Outros não são insensíveis aos «novos dados» da situação internacional nem aos alertas pressurosos que chegam de Washington, desde que Carter chegou à Casa Branca, decidido a defender os direitos do homem «em qualquer país». E se há país em que eles sejam completamente atropelados é no Chile.

O caso dos «desaparecidos» toma, por seu lado, uma nova dimensão. As famílias de oito membros do Partido Comunista dados como «desaparecidos» insistem em obter esclarecimentos do Governo, embora os serviços da DINA multipliquem as pressões e as intimidações para os convencer a calarem-se. Um grupo de mulheres pediu ao Supremo Tribunal para intervir em relação a cerca de quinhentas pessoas que continuam a ser dadas como «desaparecidas» desde Setembro de 1973.

A Junta publicou um comunicado precisando que esses «desaparecidos» são **extremistas de esquerda mortos em recontros com as forças da ordem** ou **pessoas que abandonaram o país. Uma certa percentagem de desaparecimentos é considerada normal**, acrescenta o comunicado.

Segundo o Governo, o requerimento das mulheres tinha por fim influenciar o voto da Comissão das Nações Unidas para os Direitos do Homem, reunida em Genebra. Esta condenou formalmente o Chile

A situação económica também não é menos preocupante para o Governo de Santiago. A falência de várias sociedades financeiras e as graves dificuldades do Banco Osorno põem a nu as falhas do sistema económico imposto pelos «Chicago Boys». Estas sociedades, informa-se de fonte segura, investiram os seus depósitos na compra das empresas desnacionalizadas e não foram capazes de assegurar depois a sua gestão. O Banco do Chile estaria também em situação difícil. E a Embaixada dos Estados Unidos em Santiago manifestou a sua preocupação face a uma situação que, se ainda se viesse a agravar, poria em causa o «modelo» de recuperação económica e financeira recomendada pelos americanos em Setembro de 1973.

Os grupos e sectores que eram tomados como sendo favoráveis à Junta começam a protestar. A Pátria e Liberdade, de extrema-direita, toma «a defesa das

FEMINISMO NA EUROPA DO SUL

Jean-Claude Guillebaud

■ **LE MONDE**

LISBOA De Roma a Madrid, de Madrid a Lisboa, o universo latino está atacado pelo feminismo. Há três ou quatro anos que ele vive num estado de efervescência política excepcional. A Itália electrizada e anarquizante debate-se contra os rigores do «compromisso histórico». Uma nova Espanha emerge de quarenta anos de franquismo. Quanto a Portugal, ele trata como pode a ressaca que segue os dias de festa, num cenário de cravos fanados e empalidecidas esperancas. Três países que a mesma bancarrota financeira espreita, e que participam, para além das suas diferenças, no mesmo contexto cultural, de uma «civilização» católica, mediterrânica e masculina que se desfaz. Nos seus casos as mulheres estiveram ou ainda estão no centro do barulho.

Os dois últimos governos italianos caíram devido a problemas femininas (divórcio e aborto). Em Roma o feminismo militante costuma ser o tema dominante de uma «contracultura» radical, de que os partidos já não sabem que fazer. Em Espanha, ao lado do «jogo» político que se reinventa apressadamente em Madrid, é perceptível a todos os níveis da sociedade civil um enorme impulso literário. «Revolução da vida quotidiana» com pena de agitar todas as morais e de que o feminismo é um dos argumentos mais fortes. Por fim, em Portugal, as mulheres parecem ter tido o principal papel nas sequências «selvagens» da história da revolução: ocupação de casas, greves-surpresa, etc.

Não há, na verdade, maneira de isolar o «fenómeno feminista» a fim de o tratar com delicadezas de ornitologista. A menos que o assunto seja limitado ao exame das legislações familiares, do estatuto político e económico da mulher, etc. Realidades importantes mas um pouco limitadas. Na verdade preocupados em seguir simplesmente o fim da reivindicação feminista, cai-nos em cima toda a meada: uma situação sociopolítica de conjunto. (Seria vão falar das «bruxas» romanas sem nos referirmos ao P.C.I. em luta com o radicalismo ou evocar a luta das catalãs contra o adultério penalizado sem referir a agonia «filosófica» do franquismo).

Nestas condições é difícil ver claramente e reflectir com seriedade na universalidade — e na diversidade — de uma tal tempestade meridional. Quando as feministas enumeram as opressões de que se julgam vítimas (no trabalho, na família, no casal, na política, nos «medias», etc.), as feministas italianas, espanholas, ou portuguesas são bastante convincentes mas repetem-se. Neste ponto não nos espantaremos de os mesmos diálogos, travados nas três capitais, resultarem mais ou menos numa interminável redundância. Tudo muda quando se aborda o assunto supondo-se conhecido o «discurso» feminista propriamente dito.

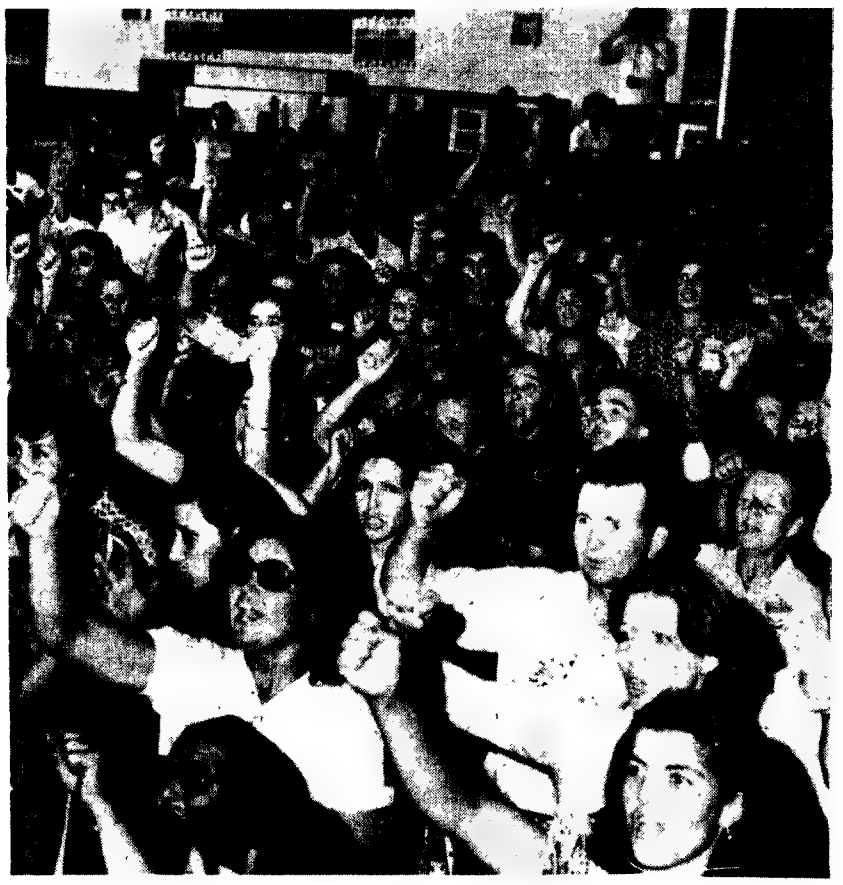
Que tipos de relações mantêm as «mulheres militantes» com a política em geral e com a esquerda em particular? Que consequências duráveis traz a revolta feminista consigo? Que mudanças de comportamento, de cultura, de «civilização»? Melhor, depois de ontem ter sido revolta espontanea, tornar-se-á o feminismo um «projecto» coerente? No caso afirmativo, como podem três sociedades mediterrânicas reagir a uma «subversão» tão nova, que na verdade, nem veio da esquerda, nem da direita, mas de «outro lado»?

Nada é hoje mais eficazmente revelador que o feminismo, para se julgar o estado de uma sociedade ocidental. Com um discurso quase idêntico, cada movimento vive, de Roma a Lisboa, uma aventura política totalmente diferente, seguindo caminhos especiais que, de certo modo desenham o **negativo** de um certo estado social. O movimento das mulheres italianas, o mais antigo e o mais fertilizado de todos — o único a ter conquistado uma dimensão de massas — mantém-se obsecado pelo seu confronto com o partido comunista («machista», retardatário mas que aceita evoluir lentamente) e com a ultra-esquerda, demasiado dogmática para aceitar durante muito tempo ter militantes a puxar pela barba do avô Marx.

Em Espanha, a violência das feministas e o seu súbito sucesso, ilustram, **a contrário**, a severidade repressiva de quarenta anos de conservadorismo religioso, «trágico» — infinitivamente mais pesado do que o clericalismo italiano, — perpetuando, entre os sexos e em nome da ordem cristã uma espécie de guerra civil suspensa. A notoriedade rapidamente conquistada por movimentos feministas saídos da Catalunha e de Castela, o grau já avançado da sua reflexão, não devem no entanto, iludir ninguém: o fenómeno ainda é muito burguês, elitista, limitado aos círculos intelectuais de Barcelona ou de Madrid. As camadas mais profundas da sociedade espanhola mantêm-se muito conservadoras em matéria de religião e de moral, de «consenso» social.

Em Espanha não se legalizara tão cedo o aborto nem o divórcio. O contraste entre uma nova Espanha ocidentalizada e liberal, e um país real fiel a uma ideia muito tradicional da **hispanidad** não é o menor dos paradoxos do após-franquismo.

Por fim, em Portugal, e por mais surpreendente que isso pareça após meio século de ditadura e dois anos de revolução, nunca houve uma autêntica explosão feminista. Sociedade rural mais superficialmente religiosa, na realidade bastante pagã e «liberta» em matéria de costumes, Portugal sofreu duramente a opressão do corporativismo autoritário mas não a do sexo forte. Em Lisboa, a unanimidade é, neste capítulo, bastante perturbadora: o militantismo feminino consistiu, e ainda consiste, em fazer a revolução **com** os homens, não **contra** eles.



A IRRUPÇÃO DO PATÉTICO

De todas as reivindicações que agitam uma Europa Meridional em crise, a revolta feminista é decerto a mais subversiva e incómoda. **É a irrupção do patético na politiquice romana**, dizia-nos uma italiana. Ocupados em discutir o eurocomunismo (Roma), a revolução pluralista (Lisboa) ou o próprio conceito de democracia (Madrid), tateando no caminho de uma certa ordem social a reinventar num vertiginoso deserto ideológico, todos os partidos latinos — ou quase todos — são duramente interpelados pelas feministas. Como se, erguendo-se perante os homens, as mulheres do Sul quisessem lembrar-lhes que esses choques ideológicos e essas competições para o poder, por mais encarniçados que sejam, situavam-se, na realidade, no interior de uma «civilização masculina».

Se a política, dizem as feministas, consiste em reinventar uma certa maneira de, em 1977 viver com maior justiça e igualdade, então todos os partidos masculinos são reaccionários.

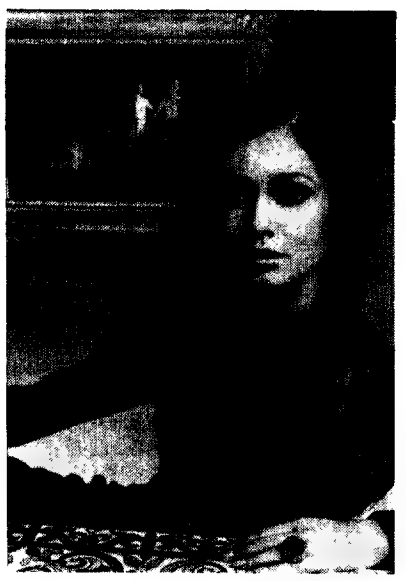
Essa contestação radical surge assim à margem da política oficial, contra a direita mas também contra a esquerda. Ela vai evidentemente muito longe visto que a família, a escola, a educação, o sistema económico (que se baseia amplamente no trabalho doméstico não remunerado das «produtoras de mão-de-obra»), são de novo postos em causa. Ela reivindica também uma **permissividade** geral, uma disposição para a felicidade e para a utopia, muito afastadas das preocupações do P. C. I, ou do modelo eurocomunista. Nisto, o feminismo surge na Europa do Sul como uma das raras ideias novas, ao passo que é praticamente natural nos países nórdicos. A enormidade da contestação que traz consigo explica a crise política aguda em que já se atola o movimento feminista latino.

O BAILE DE MÁSCARAS

As feministas mais resolutas mantêm com a política e com os partidos tradicionais relações eminentemente conflituosas, dominadas pelo receio de virem a ser «recuperadas». Como se em Roma ou em Madrid se receasse confusamente que o feminismo também fosse, depois da mulher, «mistificado». Em suma, como diabo milita, como mulher, a fim de «mudar a vida»? Declarar que a opressão das mulheres não é mais do que uma forma de exploração capitalista e que a luta feminista se inscreve necessariamente na fábrica, nas normas no sindicato, na luta socialista ou comunista, em geral? Mas não será isso perder a dimensão propriamente feminista de uma revolta que não é, de modo nenhum, reductível à luta de classes? As operárias da Fiat não serão tão oprimidas pelo patrão como pelo marido ou pelo delegado sindical?

O «machismo» não está também presente nos partidos de esquerda?

O receio obcessivo da recuperação, da dissolução do feminismo num vago alistamento «de esquerda» parece mais claro em Roma do que em qualquer outro lado. O feminismo ganhou ali, e certo, força bastante para levar todos os partidos a suaves amabilidades eleitoralistas. Na actualidade ninguém se atreve a fazer discursos abertamente falocráticos ou a esquecer-se de apresentar algumas mulheres nas suas listas. Mas quem se deixa levar por auta-gentileza?



Para mais, em Itália, cada reivindicação um pouco nova é imediatamente integrada no grande baile de máscaras da **polémica política**. Um baile conduzido por mãos masculinas. Em 1974 e 1976, por exemplo, os problemas do divórcio e do aborto tornaram-se rapidamente simples argumentos de estratégia parlamentar.

Pelo contrário, as feministas, sobretudo em Itália, sentem-se hoje tentadas a cortar deliberadamente as pontes com os partidos tradicionais. Em Novembro passado, em Roma, durante o congresso de **«Lotta Continua»**, as feministas romperam espectacularmente com uma extrema esquerda acusada de sexismo irrecuperável. Nova sociedade, nova política, novos partidos... seja. Mas como? Isolando-se, por intransigência doutrinal, de todos os partidos tradicionais, as feministas podem vir a fechar-se num círculo vicioso. Como lutar quotidianamente quando se escolhe estar «de fora»? Poder-se-á imaginar seriamente um partido composto por todas as classes, que seria o das **mulheres** globalmente confrontadas com a sociedade masculina? Sonhos burgueses, dizem os comunistas.

Em todo o caso, nos três países, os movimentos feministas oscilam sem cessar entre essas duas atitudes, zangam-se, dividem-se e excomungam-se em nome dessa divergência **de fundo**. Escolher o alistamento político clássico — em geral à esquerda — e aceitar tarde ou cedo não ser mais do que uma força eleitoral de apoio (como a «União das Mulheres Italianas», próxima do P. C. I.), com a simples e frágil esperança de influenciar a atitude de oficial do partido? Recusar, pelo contrário, em nome da «autoconsciência» das mulheres, o alistamento político clássico, separando-se depois numa multidão de grupos votados à reflexão teórica e psicanalítica (Grupo das Mulheres Espanholas, por exemplo)? Ou interrogar-se enfim, como o faz em Madrid a Frente de Libertação, acerca da legitimidade da «dupla militância»?

Estarão as mulheres condenadas a esta dor inelutável, geradora de novas frustrações, de amargura? É o que já dizem, sobretudo em Roma, todas as que **já não acreditam nisso**. De certo modo não têm razão. Porque a força principal e, sobretudo, o ponto de convergência de todas as feministas, não estão onde pensamos.

Conquista de novos direitos para a mulher, sem dúvida, mas, sobretudo, transmutação progressiva — por lenta «infusão», em suma — dos valores-chave das sociedades ocidentais. A luta feminista é também a empresa de «feminização» irresistível, e para seu bem, diz-se, das sociedades industrializadas. O direito à felicidade contra as servidões colectivas, a liberdade pacífica contra o princípio de autoridade, o prazer contra a competição social, a paz contra a guerra, etc. Em suma, Apolo contra Dionisos.●

EXCLUSIVO

AMÉRICA LATINA

"Ajuda militar" norte-americana para a segurança interna de quem?

□ Newton Carlos
■ INTERPRESS

O gesto de El Salvador, denunciando o acordo de «assistência militar» com os Estados Unidos marca bem uma época de mudanças e de perplexidade.

A reacção geral é a incredulidade, levando-se em conta o velho «big stick», ou seja, o garrote, e a dominante presença norte-americana na região.

El Salvador não é uma das «Repúblicas das Bananas?» Como foi que a United Fruit permitiu que a situação chegasse a este ponto?

A leitura da tese de doutoramento de Robert Falkenbert, da American University, que analisa muitos anos de debates entre o Congresso, a Casa Branca, o Pentágono e o Departamento de Estado sobre esta «assistência» à América Latina, pelo menos despeja algumas novidades altamente surpreendentes, mostrando aspectos pouco conhecidos do problema.

Está registada na tese a larga resistência parlamentar que os Estados Unidos continuam a cultivar em certos tipos de relações, com interesse directo nas empresas como a United Fruit, e favorecidas pela Casa Branca, o Pentágono e o Departamento de Estado. A frustração desta resistência foi computada como um dos factores de enfraquecimento do Congresso norte-americano durante a «presidência imperial», como chama o autor ao «colapso a partir de Watergate».

A primeira mudança, portanto, deu-se dentro dos Estados Unidos, com o Congresso a recuperar o seu poder fiscalizador e a enquadrar a «assistência militar».

O diário «La Nación», da Argentina, conservador e com férrea tradição de alinhamento na «guerra-fria», rebela-se contra o facto de os Estados Unidos darem um tratamento especial à Coreia do Sul em função dos seus interesses estratégicos. Escreve: «Os Estados Unidos não aceitam que a segurança da Argentina seja objectivo válido da política do nosso Governo».

Senador Fulbright

Sem entrar no julgamento desta questão – falha em mais de um aspecto – este é o tipo de perplexidade que a tese de Falkenbert trata de esclarecer.

O exame de 18 anos (de 1952 a 1970) de debates em comissões parlamentares, mostra o verdadeiro carácter da «ajuda militar» norte-americana, com alguns combativos congressistas (senadores Morse, Fulbright, Mike Mansfield, Church e outros) a desmontar versões que não tinham nenhuma relação com a realidade.

Num debate realizado em 1969, o assistente do secretário da Defesa para a ajuda militar, general Warren, terminou dizendo que «a razão básica para dar armas e treinar latino-americanos é fazê-los pensar igual aos Estados Unidos». E sempre foi óbvio para todos que todos os programas de «assistência» que foram criados a partir da década de 50, o foram em função dos interesses e da segurança nacional, mas dos Estados Unidos.

A propósito destes programas, nas suas origens são citadas quatro razões determinantes:

1) Garantir para os Estados Unidos fontes de materiais estratégicos;

2) Manter abertas as linhas de transporte desses materiais;

3) Dar às Forças Armadas da América Latina condições para proteger esses materiais;

4) Reduzir o peso da responsabilidade norte-americana na defesa do hemisfério.

Com o passar do tempo e as variações do duelo entre as superpotências, modificou-se o carácter dos programas, mas não os seus objectivos. Na década de 50 foi a «defesa do hemisfério contra as agressões externas», num quadro de estratégia planetária de contra-revolução a partir dos Estados Unidos.

Um dado novo, a «Acção Cívica», seria encarregada, segundo um documento do Pentágono enviado ao Congresso em Abril de 1967, de ajustar os latino-americanos à maneira de pensar dos norte-americanos. Um ex-secretário da Defesa, Neil McElroy, disse, textualmente: «É nosso interesse militar manter a segurança interna dos países latino-americanos».

As fraudes eleitorais, a repressão, ainda hoje, mostram o significado e a longevidade desta «pureza» como, por exemplo, em São Salvador. A tese de Falkenbert reproduz, muitas vezes, com ironia, as comédias montadas nas comissões do Congresso para justificar a «assistência militar». Um alto chefe do Pentágono chegou a exibir um enorme mapa, com sombras onde o «comunismo» ia instalar-se «brevemente».

Mas a realidade é outra. Assim, o senador Fulbright assinalou que «demos seis milhões de dólares em armas e treinamento a Salvador e cinco milhões às Honduras para que eles guerreassem entre si». Pergunta Fulbright: «Isto é segurança?»●

PINOCHET CADA VEZ MAIS ISOLADO

General Prats, assassinado na Argentina

1

pequenas poupanças» espoliadas. Os rodoviários, que tinham desempenhado um papel decisivo na queda de Allende, em Setembro de 1973, acabam de levar o seu dirigente a fazer uma violenta declaração, censurada nos jornais, em que acusa o Governo militar de «querer destruir as classes médias», e ameaçam passar de novo à acção. Os agricultores, duramente golpeados pela saída do Chile do Pacto Andino, contestam os argumentos do Governo. Outros sinais inquietantes surgem de sectores da burguesia e da pequena burguesia que tinham aprovado o golpe de Setembro de 1973 e que apoiavam o regime de facto, com crescente reserva. A denúncia de um «complot» democrata-cristão feita pelo Governo, e as medidas de retaliação que vão sem dúvida ser tomadas pela Junta contra o maior partido chileno, que dispõe ainda de uma vasta base popular e de apoios firmes na Europa e nos Estados Unidos, evidenciam o isolamento crescente do general Pinochet e do seu clã.●

O Chile novamente condenado pela ONU

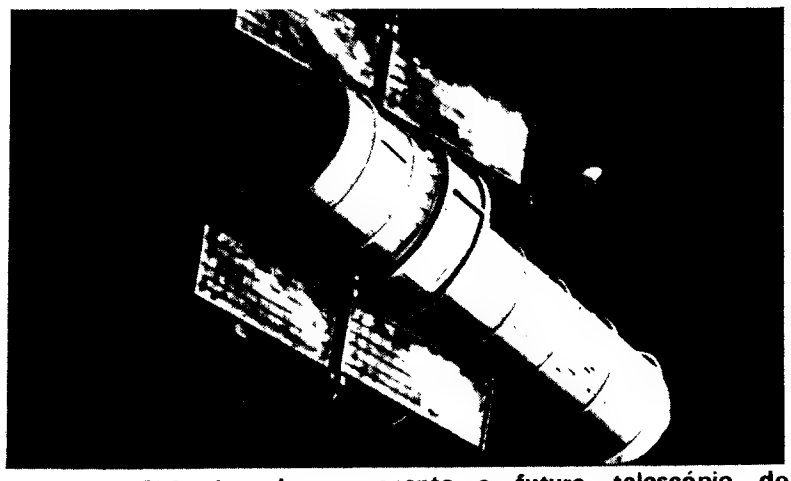
A Comissão das Nações Unidas para a liquidação da discriminação racial, que se reuniu na capital austríaca, aprovou uma declaração na qual a maioria dos seus membros exprime a sua profunda preocupação perante a violação sistemática dos direitos do Homem no Chile. Considera-se que os actos praticados pelas autoridades chilenas constituem um sério obstáculo, comprometendo a execução das cláusulas da Convenção Internacional para a Supressão de todas as formas de Discriminação Racial nesse país. A Comissão deplora ainda o facto de as informações apresentadas pela Junta Militar Chilena não corresponderem à real situação criada e existente no País.●

FOTO EXCLUSIVO

POR certo não existe um motor a Diesel mais pequeno do que o da nossa foto! Este anão potente construído por uma firma da República Federal da Alemanha, é neste momento construído em série e pesa com o depósito de gasolina, filtros de ar e tubo de escape 33 Kg e, em caso de necessidade, pode até ser transportado pelas mãos delicadas de uma mulher.

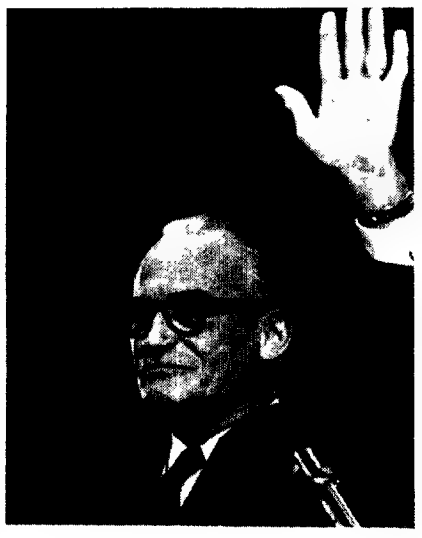
ESTE conjunto soviético de danças populares, dirigido por Igor Moiseyev, nasceu em 1937 e já se exibiu em 50 países de todos os continentes. Para os seus espectáculos são utilizadas danças, canções, lendas, contos e música popular. Neste momento trabalham em novos números que vão apresentar nas comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro.

OS bebés da nossa foto aprenderam a nadar em casa No banho diário aprenderam a brincar como se bóia e perderam o medo inicial da água. O resto aprenderam depois em poucas horas com o professor de natação. O ex-campeão mundial de mergulho, Heinz Bauermeister, que fundou há onze anos em Munique a primeira escola de natação para bebés, pretende fundar noutras cidades escolas semelhantes.



ESTE desenho representa o futuro telescópio do espaço, criado pela N.A.S.A., e cujo lançamento está previsto para 1983. Graças a este novo aparelho, os cientistas poderão ver no espaço a uma distância sete vezes superior à alcançada por um instrumento instalado na Terra. O campo de visão será também aumentado 100 vezes. O engenho será equipado com um espelho de 2 metros e 40 de diâmetro e pesará dez toneladas. Painés solares garantir-lhe-ão autonomia energética. (Foto Keystone).

Milton friedman



Senador Goldwater

MILTON FRIEDMAN: UM ECONOMISTA REACCIONÁRIO

□ Rodolfo Becerril

■ INTERPRESS

O professor Milton Friedman, da Universidade de Chicago, foi o quarto norte-americano a ganhar o Prémio Nobel de Economia, no ano passado, desde a sua criação, em 1969. A Academia Sueca disse que o galardoado estimulou uma revisão das teorias monetárias seguidas pelos bancos centrais e provocou um «renascimento» do papel do dinheiro como causador e promotor da inflação.

A sua mensagem central não é confortável, pois ele, pacientemente, explica que «nossos problemas presentes são, necessariamente, acentuados pelos nossos mais fervorosos esforços para curá-los». Esta sua verdade é válida, pelo menos para a economia chilena, que o próprio Friedman tentou «curar».

Assessor do conhecido ultradireitista Barry Goldwater em 1964 e de Richard Nixon, antes e depois da sua eleição, em 1968, Friedman, arquitecto intelectual e conselheiro oficial da equipa de técnicos que dirigem a economia chilena, declarou: «Apesar do meu profundo desacordo com o sistema político autoritário do Chile, não creio que seja mau que um economista dê conselhos técnicos ao Governo deste país, como não estaria mal que um médico desse conselhos técnico-sanitários ao Governo chileno para prevenir uma epidemia».

Curiosa atirmação de quem assinalou que o liberalismo económico é a base da democracia política e hoje nega a ligação entre a economia e a política.

Efectivamente, as teorias económicas promovidas por Milton Friedman coincidem com a ausência de toda a liberdade democrática. Curar a economia chilena, sim, de acordo, mas com o bisturi da bota militar.

«A inflação deve ser contida» — a forma a «escola de Chicago» — «enquadrada pelo aumento dos custos através do controlo da massa monetária». Entretanto, os factos parecem trair essas recomendações. Quando Friedman foi chamado por Pinochet, recomendou uma série de «elementos de choque» para curar a economia chilena: contenção de salários e regulamentação da massa monetária. Naquele ano — 1975 — a inflação no Chile alcançou os 340 por cento, a taxa mais alta do mundo. A desvalorização da moeda e as reduções dos gastos públicos deram como resultado uma depressão que, em menos de três anos, como Letelier notou, fizeram com que o índice de crescimento do Chile chegasse aos níveis que tinha há 15 anos atrás. Se forem analisadas a produção agrícola, a industrialização e o comércio exterior, igualmente serão encontrados resultados desastrosos. Entretanto, o mais dramático resultado da política económica posta em prática no Chile por Milton Friedman está demonstrada nas taxas de desemprego. Antes do golpe da Junta, a desocupação naquele país rondava os 3,1 por cento. No final de 1974 chegava aos 10 por cento na Grande Santiago e alcançava índices ainda maiores em zonas mais afastadas. No início de 1976, o desemprego na Grande Santiago já atingia os 18,8 por cento e 22 por cento nas outras regiões do país. Em outras palavras: a política monetária anti-inflacionária afectou, desapiedadamente, a classe operária e fez desaparecer as esperanças da classe média e das pequenas e médias empresas, destruídas que foram pelos grandes monopólios.

No Chile de Allende, em 1972 os empregados e operários recebiam 63 por cento do orçamento nacional. Em 1975, os salários diminuiram quase 8 por cento.

Para aplicar o plano de Friedman, que consta de uma proposta de 300 páginas, foi necessário matar milhares de chilenos, estabelecer campos de concentração, prender os opositores, suprimir os sindicatos e proibir toda e qualquer liberdade de expressão.

A economia não é uma simples técnica e, em todo o caso, a técnica não é neutra politicamente. Se as recomendações de Friedman estão baseadas no terror, o Prémio Nobel de Economia — 76, por mais internacional e retumbante que pareça, merece apenas a reprovação dos economistas do Terceiro Mundo.●

A LUTA AMA DO AÇÚ

□ Hector Danilo

■ PRENSA LATINA

Os países latino-americanos e das Caraíbas defendem-se

●

A fundação do Grupo de Países Latino-Americanos e das Caraíbas Exportadores de Açúcar (G E P L A C E A), em Novembro de 1974, pôs fim a quase um século de isolamento entre os produtores da principal região açucareira do Mundo

●

Há apenas dois anos, os países exportadores de açúcar da América Latina e das Caraíbas estavam virtualmente à mercê das empresas agro-industriais comercializadoras de alimentos.

Apesar da vizinhança geográfica, as autoridades encarregadas de comercializar o açúcar de um país desconheciam praticamente as que tinham a mesma tarefa noutras nações e ignoravam muitos dos problemas enfrentados pelas diversas economias açucareiras, que em geral eram comuns.

Os exportadores eram forçados a depender das previsões elaboradas por entidades estreitamente ligadas aos países importadores ocidentais, colocando assim o seu destino económico em mãos estranhas, na ausência de um aparelho que defendesse os seus interesses.

Ninguém pensava sequer na possibilidade de um grupo de Governos exportadores de um produto agrícola com um preço sujeito a múltiplas contingências estabelecer relações de cooperação tecnológica e coordenação comercial com outros Governos. Tal era reservado às grandes empresas privadas, que estabeleciam cartéis e preços de monopólio.

Quando a necessidade levava a que todos os exportadores se reunissem para negociar a assinatura de um acordo açucareiro, estes, logicamente, olhavam-se com receio, ainda que o imperativo de manter certas posições em comum permitissem uma aproximação que depressa se esfumava.

A formação da G.E.P.L.A.C.E.A., em 27 de Novembro de 1974, na ilha de Cozumel, Quintana Roo, México, assinalou o fim da luta historicamente desunida mantida pelos países desta região, produtora de mais de 57 por cento das exportações mundiais de açúcar.

A realização, em Havana, de 28 de Fevereiro a 5 de Março, da VI Reunião do Grupo, significa um novo passo em frente na afirmação dos 22 países da G.E.P.L.A.C.E.A., uma organização que concretiza os princípios integracionistas defendidos pelo Sistema Económico Latino-Americano.

A VI Conferência realiza-se num momento em que a decisão unilateral de Washington em triplicar os direitos alfandegários em relação ao açúcar importado, contribui para perturbar o mercado do produto.

Em menos de dois anos os países exportadores construiram uma organização defensiva ao serviço da elaboração de uma política açucareira concertada em matéria de produção e de comercialização.

Os países que estarão representados no encontro de Havana são: Argentina, Bolívia, Brasil, Colombia, Cuba, Equador, S.Salvador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Pe , República Dominicana, Trindade e Tobago, Venezuela e Filipinas, com estatuto de observador activo. Apesar da diversidade de doutrinas políticas e sistemas socio-económicos dos membros da G.E.P.L.A.C.E.A., todos encontram nesta associação um instrumento realmente interessado em defender os seus interesses, na base de critérios realistas que a ninguém prejudicam.

As Comissões de Mercado e Estatística, de Cooperação Tecnológica e os grupos técnicos que estudam a evolução da problemática açucareira internacional, fornecem aos países exportadores a possibilidade concreta de disporem de uma análise feita pela Amética Latina e pelas Caraíbas dos seus próprios problemas, sem qualquer interferência estrangeira.

A coesão obtida pela G.E.P.L.A.C.E.A. transformou-a num alvo permanente dos ataques de alguns meios de informação da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, que não cessam de prognosticar o iminente fracasso da associação, desde que foi fundada.

Provavelmente, o que mais preocupa as grandes empresas agro-industriais é que o aparecimento da G.E.P.L.A.C.E.A. assinala o início de uma nova etap de estreita cooperação dos seus membros, para coordenar as políticas de produção, de defesa dos preços e de intercâmbio de experiências tecnológicas.

A eleição de Cuba para a direcção do Secretariado Executivo, por vontade unânime dos países membros, reflecte o reconhecimento dos produtores das posições de defesa dos interesses do mundo subdesenvolvido mantidas por este país em todas as tribunas internacionais.

É um agradecimento ao principal exportador mundial de açúcar pelo progresso tecnológico alcançado, através do qual procura aperfeiçoar e humanizar a produção de uma cultura que outrora foi virtualmente um símbolo da escravidão.

Os problemas comuns exigem uma acção coordenada

O facto da maior parte dos países latino-americanos e das Caraíbas serem produtores e exportadores de açúcar implica que um grupo numeroso de países com a mesma origem história e frente, num dado momento, problemas semelhantes, que só podem ser resolvidos por uma gestão conjunta.

Se examinarmos a história remota das antigas repúblicas açucareiras ou «sugar islands» como lhes chamavam os novos colonizadores, constata-se facilmente que este grupo de países tem muito mais pontos em comum do que diferenças, culturalmente falando.

ARGA ÚCAR

A HISTÓRIA DA PRODUÇÃO AÇUCAREIRA ESTÁ LIGADA AO SUOR DO NEGRO AFRICANO, DO "COLLIE" ASIÁTICO E DOS EMIGRANTES QUE ALIMENTARAM A VORACIDADE COLONIAL

O suor do negro africano, arrancado violentamente a uma vida comunitária tribal, o «collie» asiático, o indígena e os emigrantes a quem o desejo de uma vida melhor trazia à América, foram unidos para alimentar, primeiro a voracidade colonial e depois a das grandes empresas agro-industriais.

Há mais de 40 anos, quando nem de longe os países da G.E.P.L.A.C.E. anteviam perspectivas de unidade, três autores cubanos denunciavam o subdesenvolvimento a que o açúcar havia conduzido as Antilhas e os seus povos. Ramiro Guerra e Raul Cepero Bonilla, partindo de investigações científicas e Nicollás Guilén, através da sua notável poesia, encorajaram, com os seus diferentes tipos de denúncia, os estudos posteriores que explicaram a origem e as perspectivas comuns dos exportadores de açúcar sob diferentes ângulos.

As multinacionais passam a conta

Esta comunidade cultural e política abarca quase todos os membros da G.E.P.L.A.C.E.A. Mas além disso, as prolongadas temporadas de preços baixos com que actualmente se debatem os exportadores constituem outra problemática, face à qual os exportadores sentem maior necessidade de reforçar a coordenação de acções perante os importadores capitalistas, com o objectivo de reorganizar o mercado mundial do açúcar e estabilizá-lo na base de preços rentáveis para os produtores.

O açúcar teve de defrontar mais épocas difíceis do que bons tempos e não foram poucas as vezes em que foi objecto de manipulações por parte dos centros ocidentais de poder, no sentido de impor condições políticas.

O uso que fizeram as autoridades americanas do «Sugar Act» como arma política, ao distribuirem as acções e a criação de um mercado preferencial que durou 40 anos, foram factos que impregnaram da maior brutalidade as relações que os Estados Unidos mantiveram com a América Latina em questões açucareiras.

No que se refere aos preços, o açúcar não teve melhor sorte, visto que um dos efeitos derivados do controlo exercido pelas multinacionais foi a neutralização, durante vários anos, de uma vontade política decidida a defender o poder aquisitivo do açúcar.

Nos anos 30, os preços chegaram a descer quase a meio centavo, como sucedeu em 1932. No fim da Segunda Guerra Mundial, não ultrapassou os 3,10 centavos a libra. Na década de 50, os preços nunca foram além de 5,50centavos.

A fugaz alta de 1963 e 1964 foi seguida de uma dramática depressão, que baixou os preços até 1,97 centavos a libra, em 1968.

Em 1973, quando os Estados Unidos redobravam a sua campanha publicitária, afirmando que ganhariam a corrida espacial, as firmas britânicas e norte-americanas que operavam nas Caraíbas de língua inglesa, pagavam a menos de 1 dólar e 20 centavos a tonelada de cana cortada e enfeixada aos jornaleiros das Caraíbas. Estes e outros explorados do mundo subdesenvolvido eram quem suportava uma grande parte dos custos do esforço espacial norte-americano.

As receitas obtidas pelos países exportadores com os preços recorde de Novembro de 1974 permitiram um breve alivio à vida económica dos exportadores. Mas este rapidamente foi interrompido, pela reacção dos grandes centros industrializados importadores do Ocidente. Para estes, o aumento foi um insulto intolerável.

Os preços do açúcar, desvalorizados neste período pelos efeitos da inflacção galopante e o caos monetário, acentuado a partir do anúncio da inconvertibilidade do dólar, em 1971, enfrentaram, além disso, os novos aumentos dos produtos imprescindíveis à sua cultura.

Os fertilizantes nitrogenados, que, em 1972, custavam 27 dólares por tonelada métrica, elevavam-se em 1975, a mais 5 dólares por tonelada.

O preço de determinado tipo de herbicidas passou de 2523 dólares para 4800, como foi o caso do Diuron a 80 por cento.

Os centros ocidentais de poder e as multinacionais passavam assim a conta ao mundo em desenvolvimento, por este ter desfrutado de uma fugaz alta de preços.

No caso de Cuba, as dificuldades económicas que o país entrenta teriam sido incomparavelmente mais duras se não existesse um acordo bilateral com a União Soviética, que paga a 30 centavos a libra do açúcar cubano em bruto.

Os exportadores organizam-se

Em 1973, os exportadores negociaram, sem êxito, um acordo internacional com os países industrializados de economia de mercado.

Os países em desenvolvimento limitaram-se a exigir preços realistas, articulados com as suas necessidades de desenvolvimento económico e o constante encarecimennto dos custos de pròdução.

As propostas dos países exportadores foram recusadas pelos países importadores industrializados, o que tornou impossível chegar-se a um acordo internacional que regulasse sstisfatoriamente, para todas as partes interessadas, o mercado do açúcar, que ficou, de facto, à deriva.

Nesta ocasião, o ministro do Comércio Externo de Cuba, Marcelo Fernández, declarou publicamente que os países exportadores de açúcar tinham sido colocados perante a alternativa de criar os seus próprios mecanismos de defesa e que, portanto, não seria justo acusá-los de tentar construir cartéis, função essa atribuída especialmente pela Imprensa ocidental às associações de produtores, para fazer crer que estabelecem monopólios em relação às matérias-primas, tal como o fazem as multinacionais.

Em Julho de 1974, durante a visita do ex-presidente do México, Luís Echeverría, à Argentina, as organizações açucareiras dos dois países exprimiram o interesse em «estudar, definir e adoptar políticas sobre questões de comercialização externa do açúcar, no sentido de uma melhor defesa dos produtos latino-americanos.»

Um Comité Coordenador Inter-Estatal Mexicano-Argentino, criado com tal objectivo, propôs aos restantes países da região o estabelecimento de mecanismos de consulta e coordenação para actuarem no campo internacional.

Cuba, principal exportador mundial e cujas vendas de açúcar representam mais de 80 por cento das suas receitas em divisas, foi um dos primeiros a responder às propostas.

Cozumel: primeira reunião

A ilha mexicana de Cozumel foi cenário do primeiro encontro dos representantes de vinte países exportadores da região.

Apesar da diversidade de regimes políticos representados, foi evidente a vontade política de todos os participantes em unificar critérios para defender os preços do açúcar. Criou-se o grupo e formou-se o secretariado provisório com sede no México.

O diário mexicano «Excelsior», na sua edição de 26 de Novembro de 1974, expressou o êxito da reunião afirmando que «entre os delegados afirmou-se que onde fracassou a O.E.A. triunfará o açúcar, dado que os interesses do grupo de países exportadores são convergentes.»

Puerto Plata: II Reunião

Entre 21 e 24 de Abril de 1975, efectuou-se nesta cidade nortenha dominicana outro encontro do G.E.P.L.A.C.E.A., no qual participaram as 20 nações fundadorase, além disso, representantes da Bolívia e do Haiti, novos membros participantes.

Os países membros exprimiram, nessa ocasião, a sua vontade de fazer aquilo que tosse necessário para defender o poder aquisitivo do açucar, constante-

6

A produção do açúcar foi outrora, virtualmente, um símbolo da escravidão

Exportações de açúcar em 1975

(Em milhares de Toneladas Métricas, valor bruto)

Cuba	5.7744	Filipinas	1.006
Brasil	1.730	Colômbia	198
Rep. Dominicana	975	Barbados	84
Argentina	197	Costa Rica	102
México	207	Equador	55
Perú	422	Nicarágua	77
Guiana	295	Panamá	85
Jamaica	265	Venazuela	188
Trindade e Tobago	110	Bolívia	62
S. Salvador	140	Paraguai	3
Guatemala	204	Honduras	10
Haiti	11		
		Total	12.170

Fonte: Organização Internacional do Açúcar (OIA)

EXCLUSIV

SUDÃO

A LUTA COM O DESERTO

O deserto avança em todo o mundo e, essencialmente, por culpa do homem. Pressão demográfica e práticas culturais inconsideradas são, com efeito, os principais agentes da desertificação. Quando 13 ou 14 milhões de km 2 são cultivados na terra inteira, calcula-se que uns dez milhões de km já foram mais ou menos esterilizados pelo homem.

O problema da desertificação é particularmente agudo no Sudão onde em dezassete anos, o deserto avançou entre 90 e 100 km. Mas o Sudão é um dos raros países onde se decidiu lutar contra este fenómeno. Durante uma viagem recente, os agrónomos sudaneses apresentaram a uns vinte jornalistas estrangeiros duas experiências locais de luta contra o deserto e expuseram o plano global de três anos que estão a realizar.

□ **Yvonne Rebeyrol**

■ **LE MONDE**

EL OBEID (Sudão) — De El Obeid a El Bashiri, de El Bashiri a Mazrub, de Masrub a El Obeid, o Kordofan mostra sempre a mesma paisagem. Ondulações muitos suaves dos arbustos de espinhos acerados, ervas munidas de bolas espinhosas que se prendem às roupas e ficam através do tecido. Os «Land-Rover» passam por toda a parte: não há estradas nem ruas, um simples dédalo de traçados mais ou menos visíveis, às vezes com 100 ou 200 metros de largura, mais nada. Se um dos traçados tem trilhos demasiado fundos, o motorista mete por outro. As aldeias são raras e todas elas parecidas. Palhotas de telhados ponteagudos, casas de adobe, paredes de barro amassado, às vezes algumas mais resistentes — quase sempre escolas — «ruas» de algumas dezenas de metros de largura. E sempre uma auréola de vazio.

As aldeias são, com efeito, assinaladas por uma progressiva rarefacção dos arbustos — a madeira é o único combustível local — e pelo desaparecimento de toda a vegetação.

Tarde ou cedo a areia vai invadir tudo, os sedentários terão de abandonar as terras tornadas estéreis, para se estabelecerem mais a Sul, os nómadas deverão ir em busca de pastagens mais meridionais, e o processo repetir-se-à. Em dezassete anos o deserto avançou assim 90 a 100 km para Sul. A situação é tanto mais dramática quanto a população sudanesa, calculada de 16 a 17 milhões de habitantes, aumenta uma média de 2,5 por cento por ano. E pois necessário aumentar as superfícies consagradas às culturas de víveres: de 1961 a 1973, a cultura do sésamo passou de 47 000 a 327 000 hectares, a do amendoim de 77 000 a 340 000 hectares.

Mas, ao mesmo tempo, os rendimentos baixaram de modo catastrófico: de 910 para 210 quilos por hectare (o sésamo), de 950 para 210 quilos (o amendoim), de 1000 para 455 (o sorgo), de 792 para 360 (o milho), de 1195 para 169 (o milho miúdo).

A produção aumenta relativamente pouco (43 000 toneladas de sésamo em 1961, 70 000 em 1973), ou até baixa 73 000 toneladas de amendoim em 1961, 72 900 em 1973).

Entre a colheita e o crescimento das plantações, o solo trabalhado fica nu. A terra arável, seca, fina e pouco espessa voa ao menor golpe de vento. Em breve será substituída pela areia.

PROTEGER A TERRA ARÁVEL

Paralelamente ao aumento da população o número de cabeças de gado aumenta também. Tradicionalmente, a riqueza de um nómada ou de um sedentário mede-se pelo tamanho dos rebanhos que possui. Todos procuram pois comprar tantos animais quanto é possível. Só em Kordofan, o número quadruplicara entre 1957 e 1966. Actualmente há 2 milhões de carneiros, 1 milhão de cabras, 700 000 bovinos e 400 000 camelos. As pastagens, que se rarefi-cam, devem alimentar cada vez mais animais, e as ervas nem mesmo têm tempo de fazer os grãos indispensáveis à sua renovação. Também é preciso multiplicar os poços — desde 1956 fizeram-se mais setecentos no Kordofan —, mas cada poço, demasiado frequentado, depressa fica cercado de um deserto.

As necessidades aumentam no que diz respeito à madeira. Há alguns anos encontravam-se arbustos a 10 km de Khartoum. Agora tem que se percorrer uma centena de km para encontrar lenha, e corta-se tudo. Corta-se mesmo as **Acácia Senegal**, as árvores que dão a goma arábica, de que o Sudão é, de longe, o primeiro produtor mundial.

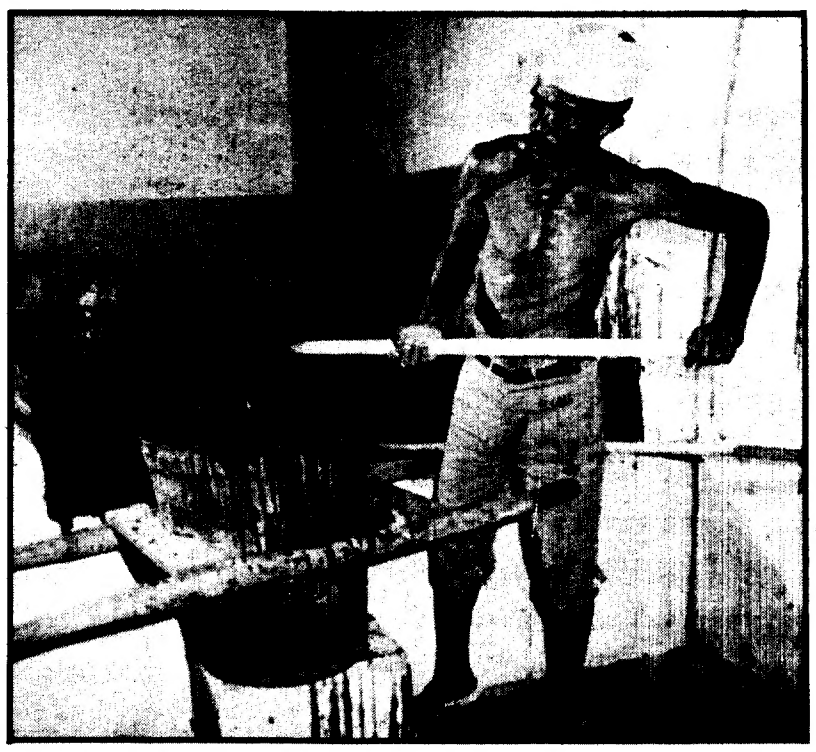
No entanto, as regiões subdesérticas não são por natureza improdutivas. É, porém, necessário, conservar o seu ritmo próprio. Até ao princípio do século, o ciclo de utilização dos solos, nestas zonas do Sudão, durava uns trinta anos. Fazia alternar culturas, terras de pousio e exploração da **Acácia senegal**, e deixava o tempo à vegetação natural para que se desenvolvesse, protegendo portanto a terra arável. Actualmente este ciclo foi reduzido. A pressão demográfica leva à superexploração de toda a zona subdesértica, e o deserto não deixa de avançar.

Se as condições naturais forem respeitadas, a situação pode ser melhorada, como o constataram jornalistas de treze nacionalidades diferentes recentemente convidados pelo Sudão. É certo que se trata de experiências ainda muito localizadas, mas que podem ser citadas como exemplos. Em 1954, em volta da cidade de El Obeid, nove parcelas de 420 hectares cada uma foram rodeadas de arame farpado. Durante sete anos deixou-se crescer à vontade a vegetação natural o que permitiu ao solo vegetal reconstituir-se.

Em 1961, nas referidas parcelas foram plantadas **Acácias senegal** (quase seiscentos arbustos por hectare) e por volta de 1966 os habitantes começaram a colher a goma arábica (em média 120 quilos por hectare e por ano), para o que pagavam uma libra sudaneza por «feddan» (1 feddan igual a 0,42 hectares). Infelizmente por volta de 1972 as vedações começaram a deteriorar-se. Mas a «floresta» subsiste e a experiência continua na medida em que o período produtivo de uma **Acácia senegal** dura uns quinze anos (após os cinco necessários ao crescimento do arbusto). Daqui a alguns anos começarão os cortes, a fim de renovar a pouco e pouco a «cintura verde» (na realidade mais cinzenta do que verde), de El Obeid.

A outra experiência é mais recente e mais modesta visto que só diz respeito a 273 hectares. Começou em 1970 em redor do oásis de El Bashiri, aldeia onde vivem quinhentas famílias (umas

7



A LUTA AMARGA DO AÇÚCAR

5

mente desvalorizado pelo aumento dos custos de produção.

Foi, na altura, informado que os últimos cálculos sobre os investimentos para a produção açucareira mostravam que a produção de uma tonelada métrica de açúcar custava mil dólares. Aprovaram-se também dois documentos, em que se prevê o aperfeiçoamento da troca de informações estatísticas e a promoção imediata do intercâmbio tecnológico.

A coesão e os êxitos que o G.E.P.L.A.C.E.A. vinha conquistando, transformaram-se num desafio político para as autoridades norte-americanas. Foi então que as agências noticiosas iniciaram uma campanha de ataques constantes contra a G.E.P.L.A.C.E.A. e os seus membros, apelidando-a de «bloco» e de «cartel».

A agência norte-americana A.P. difundiu a versão de que a República Dominicana estava a realizar operações ilegais, o que foi imediatamente desmentido pelo Consejo Estatal del Azúcar (C.E.A). O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos exagerava, por seu lado, as provisões de produção, para fazer baixar os preços.

Lima

Entre 28 e 30 de Setembro de 1975, realizou-se o Terceiro Encontro, que teve uma agenda carregada. Entre os pontos tratados, estava a eleição do Secretariado Permanente e um balanço das actividades realizadas pelo grupo até então.

O cubano Jorge Brioso foi eleito secretário executivo permanente e foi confirmado no México como sede da associação. As Filipinas integraram-se como observador, elevando a quase 60 por cento o peso do grupo nas exportações mundiais do açúcar.

Entre as decisões tomadas em Lima, figurava a de dar o máximo apoio à criação da S.E.L.A. e encorajar, na medida do possível, a cooperação inter-regional.

Cali

Entre 8 e 12 de Março de 1976, efectuou-se um encontro cuja importância se exprimiu no facto de ser inaugurado pelo presidente da Colômbia, Alfonso López Michelsen, e contar com a intervenção do chefe do Governo do Panamá, general Omar Torrijos.

A Comissão de Mercado e Estatística reajustou as suas previsões anteriores e desmentiu os cálculos exagerados da Secretaria da Agricultura norte-americana, que procurava, assim, fazer baixar os preços.

Foram aprovados os estatutos e a importância de um tal facto, foi salientada pelo vice-ministro do Comércio Externo de Cuba, Ricardo Cabrisas, ao afirmar que esse acto de natureza política consolida juridicamente a existência do grupo.

A designação do Panamá como centro da V Reunião, reflectiu, uma vez mais o apoio dos países latino-americanos e das Caraíbas às justas exigências do Panamá face aos Estados Unidos sobre a questão da jurisdição do Canal.

Panamá

De 5 a 9 de Julho de 1976, os membros da G.E.P.L.A.C.E.A. realizaram a sua Quinta Reunião, durante a qual se aprovou o regulamento do Secretariado, que foi um novo passo em frente na consolidação da organização.

As diferentes comissões técnicas — mercado, cooperação, questões administrativas e orçamentais — fizeram um balanço positivo das actividades até então realizadas designadamente das referentes à cooperação tecnológica.

As actividades mais importantes deste encontro foram dedicadas à preparação das bases de trabalho de um grupo técnico, encarregado de estudar as condições que, na opinião dos exportadores, deveriam fazer parte de um novo acordo internacional.

No Panamá os países participantes elegeram Cuba para local da VI Reunião, na qual os exportadores deverão concentrar as suas atenções na consolidação das posições negociadoras face aos grandes importadores ocidentais, em vésperas de negociação de um novo acordo açucareiro ●

FIGURA EM DESTAQUE

SHIMON PERES

Quando um indiscreto jornalista descobriu a conta bancária de Lea Rabin, nos Estados Unidos, Shimon Peres começou a ser o primeiro-ministro de Israel. Efectivamente, esta incómoda descoberta não poderia chegar em pior hora. O demissionário primeiro-ministro, Ytzhak Rabin, marido de Lea, que também tem «algum» na mesma conta, há dias encabeçara uma campanha para o saneamento das finanças do seu país, com especial controlo sobre as remessas para o estrangeiro. E agora, a máscara caía, arrastando consigo o cargo de «leader» do Partido Trabalhista e, consequentemente, a chefia do Governo sionista.

Shimon Peres foi eleito para a presidência do Partido Trabalhista no passado dia 10 e muito brevemente poderá ser o novo primeiro-ministro de Israel. Entretanto, a sua reputação de «falcão» já assusta todos aqueles que desejam ardentemente o fim do conflito do Médio Oriente e que apoiam a penosa e sangrenta luta dos povos palestinianos.

Nascido a 16 de Agosto de 1923 em Wolozyn, na província de Novogrodek, na Polónia, terra que deixou aos 11 anos para, com os seus pais, vir instalar-se na Palestina. Em 1946 era delegado ao congresso sionista de Bâle e no ano seguinte foi recrutado pelo seu mestre, Ben Gurion, para servir no quartel general do Haganah, o exército clandestino judaico, onde passou a ocupar-se da compra de armas e do potencial humano. As primeiras «fortalezas voadoras» e os primeiros blindados do Estado de Israel, criado a 29 de Novembro de 1947, foram comprados por ele, nos Estados Unidos.

Continuando à sombra de David Ben Gurion, recebe deste, que sobe ao cargo de primeiro-ministro em 1951, o Ministério da Defesa. Em 1954, Shimon Peres faz aquilo que se costuma chamar «uma frutuosa viagem» a Paris onde faz compras classificadas de «importantes» e, além disso, abre entre os dois países uma época de estreita colaboração. Esta é a origem da orientação europeia que, desde então, foi imprimida à política externa sionista.

A sua aproximação do célebre general Moshé Dayan data de 1965 quando, juntamente com este, acompanha Ben Gurion na demissão do partido Mapai, já sob o Governo de Eskhol, e na fundação do partido Rafi, que moveria um combate sem tréguas ao novo primeiro-ministro. Peres tinha a mesma opinião de Dayan: Israel deveria fazer frente à superioridade numérica dos árabes com a superioridade das armas mais sofisticadas que fosse possível obter. Dayan foi chefe do Estado-Maior de Israel durante os anos 50 enquanto Peres andava pelos bastidores, como director-geral do Ministério da Defesa.

Depois da guerra de 1967, Eshkol criou um Governo de unidade nacional, com a participação do Rafi que, em 1968, desistia da sua implacável perseguição contra o Mapai.

Apesar de ter sido ministro da Defesa em 1952, apenas com 29 anos, só nos primeiros anos desta década se afirmou como dirigente político à escala nacional. Durante o Governo de Golda Meir foi ministro dos Transportes e depois ministro da Informação, passando novamente à Defesa em 1974, já com Ytzhak Rabin no poder. Os dois eram rivais e Rabin venceu Peres em eleições para a chefia do Partido Trabalhista, pela primeira vez em 1974 e pela segunda em Fevereiro último, mas desta vez por pequena margem.

Shimon Peres tornou-se conhecido como «falcão» (que quer dizer «ultra») na questão das negociações com os árabes. Chega mesmo a ser apontado como o principal dos «falcões» que estão em oposição aos «pombas» (moderados), defensores de uma política mais branda e aberta, em busca de uma solução definitiva.

Prova definitiva das suas posições: os seus colaboradores mais próximos atribuem-lhe a ideia da invasão do Uganda, quando uma operação de comandos, agindo no aeroporto de Entebbe, resgatou 100 refens de um avião de El Al, a companhia aérea de Israel, que havia sido desviado por guerrilheiros palestinianos. Este facto provocou aplauso dos tradicionais «aliados» de Israel mas também desencadeou, em maior volume, violentas críticas no mundo inteiro. Israel, pura e simplesmente havia invadido um país soberano, desrespeitando todas as regras que normalmente são observadas durante casos semelantes, traindo negociações que estavam a ser feitas e buscando, sobretudo, propaganda para seus «supersoldados».

Entretanto, apesar de ser um «falcão», provável primeiro-ministro Shimon Peres vai ser obrigado a dialogar, tanto mais que a sua designação é fruto de compromissos em cujos termos Abba, Eban e Yigal Alon serão indicados, respectivamente, para os Negócios Estrangeiros e Defesa, no caso de uma vitória trabalhista nas eleições do próximo dia 17 de Maio.

Em todo o caso, o falcão é uma ave conhecida pela sua rapidez e ferocidade, algumas vezes traiçoeira. Shimon Peres é um «falcão» e o sionismo já deu várias provas de estar muito pouco interessado pela sorte dos povos palestinianos, com a opinião pública internacional e por um entendimento em termos justos com os árabes no Médio Oriente.●

A LUTA COM O DESERTO

6

duas mil e quinhentas pessoas), mas cuja actividade também interessa uma parte da população dos arredores. El Bashiri encontra-se numa bacia rodeada de dunas. A água tem poucos metros de profundidade e consente a cultura de legumes. No nício do século XIX havia na região umas cento e vinte bacias habitadas e cultivadas, análogas à de El Bashiri. A pouco e pouco, porém, a arreia das dunas foi invadindo as bacias que, uma após outra se tornaram desertas. A de El Bashiri é a única que ainda é habitada e cultivada, embora a progressão das dunas também a ameace. Em 1970, 46 hectares foram cercados de arame farpado e plantas espinhosas. Em parte desses recintos foram semeados plantas que serviam de guarda-vento e prepara-se a sua arborização. Com efeito, bastaram seis anos para que os recintos fechados se enchessem de grandes plantas espinhosas. E a duna deixou de avançar. O contraste entre esses terrenos e o resto das dunas que cercam El Bashiri, é tamanho que a própria mentalidade dos habitantes mudou. Primeiro reticentes, os aldeãos compreenderam a utilidade da experiência e eles próprios criaram a sua organização de vigilância dos terrenos.

As operações -piloto de El Obeid e de El Bashiri são muito localizadas. Mas o Ministério da Agricultura e o Conselho Nacional da Investigação sudanês estão a pôr de pé, com a ajuda dos Programas das Nações Unidas do meio ambiente e desenvolvimento e ainda com a ajuda da FAO, um programa geral e pluridisciplinar de luta contra a progressão do deserto. Trata-se ao mesmo tempo de melhorar os métodos de cultura e criação de gados, de conservar os solos eos recursos em água, de arborização, de fixar as dunas, de proteger a fauna selvagem ameaçada, etc. Investigações fundamentais e estudos técnicos devem contribuir para o êxito do empreendimento, que necessita da participação activa da população, quando se tratar de limitar o número de cabeças de gado e deixar em pousio grandes superfícies.

Um tal programa é vital para o Sudão. Mas custará caro: 26 milhões de dólares (130 milhões de francos) em três anos. Grande desprezo para um país pobre em meios de comunicação, onde o esforço da escolarização é muito importante, onde a irrigação deve ser desenvolvida, onde a saúde pública põe problemas graves. O Sudão propõe-se pagar 11 milhões de dólares. Quanto ao resto, espera auxílios estrangeiros em materiais, em estudos, em assistência técnica. Os países árabes estão muito interessados no desenvolvimento das possibilidades agrícolas do Sudão, que, racionalmente exploradas, poderão fazer fazer deste país o celeiro do mundo árabe.●

SEMANA INTERNACIONAL

ÁFRICA, ÁFRICA

O futuro do mundo joga-se em África. Isso viu-se esta semana com a internacionalizacão do conflito do Zaire, onde a França e o Marrocos deci diram intervir directamente. Como é natural, Angola sentiu-se directamente ameaçada pelas operações, e a Zâmbia não tardou a acusar os aviões de Kinshasa de haverem bombardeado aldeias fronteiriças e um hospital missionário. Por outro lado, um jornal de Nova Iorque revelou, citando fontes bem informadas, que a CIA apoia o recrutamento de mercenários norte-americanos e britânicos para combaterem com as tropas de Mobutu. Os recentes acontecimentos no Benin (onde o Marrocos esteve igualmente envolvido), no Congo, as acusações da Etiópia contra o Sudão, o revigoramento da histeria anti-Líbia fomentada pelo Cairo: eis outros tantos sinais do conflito que pode vir a acender-se no Centro Norte de África, com consequências que poderão afectar toda a humanidade.

PLANO RECUSADO

Se a situação nessa zona é crítica, cada dia se agudiza mais também o problema da África Austral. A viagem que durante toda esta semana ocupou o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, em busca de uma solução negociada (e «cozinhada» em Londres e Washington) para o problema rodesiano, veio pôr em relevo, uma vez mais, a irredutibilidade das posições em presença. Tanto Ian Smith, primeiro-ministro do colónia rebelde da Rodésia, como a Frente Patriótica recusaram o plano. Apostada em salvar o que puder do domínio na África Austral, a diplomacia do Ocidente não tem maleabilidade perante a lúcida consciência dos negros que já não vão nas soluções neocolonialistas que foram possíveis na década de 60 e que hoje passaram definitivamente à história.

TENSÃO SOCIAL

Na velha Europa, mal caminham também as coisas. A crise do capitalismo e as tentativas dos Governos e dos patronatos para fazerem recair todo o seu peso nos ombros dos trabalhadores suscita uma intensificação da tensão social, a que todas as democracias ocidentais têm estado sujeitas. Esta semana a Dinamarca e a Suécia enfrentam as piores crises laborais desde o fim da guerra. Na Inglaterra, a questão do «pacto social» (cada vez mais veementemente rejeitada pelas bases e pelas próprias cúpulas sindicais) vem agravar ainda mais a crise persistente em Londres. Em França, os trabalhadores portuários fizeram mais uma greve de solidariedade com os seus camaradas de Dunquerque. enquanto a localidade de Thionville foi palco de uma impressionante manifestação devido aos despedimentos colectivos da fábrica Usinor, cujo encerramento afecta inúmeros trabalhadores.

DEMISSÕES

Se a Bélgica resolveu temporariamente a sua crise política, com a vitória clara (mas não suficiente) do partido do primeiro-ministro Tindemans, em Espanha, Suárez passa pelos transes naturais numa situação como é a da «desfranquização» gradual do país. A legalização do Partido Comunista, medida indispensável para uma real democratização da Espanha, provocou demissões de ministros militares e civis, levando a afirmações explosivas de sectores das Forças Armadas. Chegou a temer-se um golpe militar. Passado o pior momento de crise, o Governo convocou oficialmente as eleições para o dia 15 de Junho próximo.

VIRAGEM

Nos EUA, a demagogia do presidente Carter voltou a revelar-se, desta vez em matéria de política interna. Numa viragem súbita, o presidente desistiu da prometida redução de impostos e apresentou um plano económico baseado no voluntarismo das restrições de salários e preços. O encontro de Carter com a história mudou agora, segundo parece, para outro palco: o programa energético. As insuspeitas agências norte-americanas dizem que Carter quer ficar na história como o presidente que resolveu os problemas energéticos do seu país. Na questão do desarmamento, já falhou. Na dos direitos humanos, acaba de dar nova machadada, ao recusar a entrada de três sindicalistas soviéticos nos EUA. Que lhe valha, ao menos, a energia.

A.N.

O PRÓXIMO "EXCLUSIVO" SERÁ DE DOZE PÁGINAS, INCLUINDO UM DOSSIER SOBRE O MERCADO COMUM E PORTUGAL

PELO MUNDO

COOPERAÇÃO COMERCIAL

A URSS e os países socialistas europeus intensificaram consideravelmente as suas trocas comerciais com os restantes países do mundo em 1976 — anuncia um relatório publicado pela Comissão Económica da ONU para a Europa.

O volume desses negócios progrediu de 9 por cento em 1976, contra 6 por cento, no ano anterior. O relatório acentua que se trata de um notável incremento, dado que surge numa altura em que a concorrência internacional se intensificou. A maior parte dos países citados melhorou a sua balança comercial em 1976, havendo a registar uma descida do seu défice global de 9 para 7 biliões. Segundo o relatório, a Roménia foi o país que mais aumentou essas trocas, seguindo-se-lhe a RDA, a Bulgária e a Checoslováquia.

A intensificação da cooperação comercial entre países de regime social diferente responde a um dos objectivos fixados na Acta Final da Conferência de Helsínquia.

INSÓLITO

Em Gua, localidade situada no Norte de Itália, um comerciante, Bruno Boselli, sequestrado na sua própria casa por quatro assaltantes, foi libertado mediante um estranho resgate: mil e trezentos presuntos no valor de 1800 contos. A família pagou, Boselli foi posto em liberdade e os sequestradores meteram os presuntos numa camioneta e fugiram. Como os presuntos não são numerados, como as notas de banco, não vai ser muito fácil apreendê-los.

●

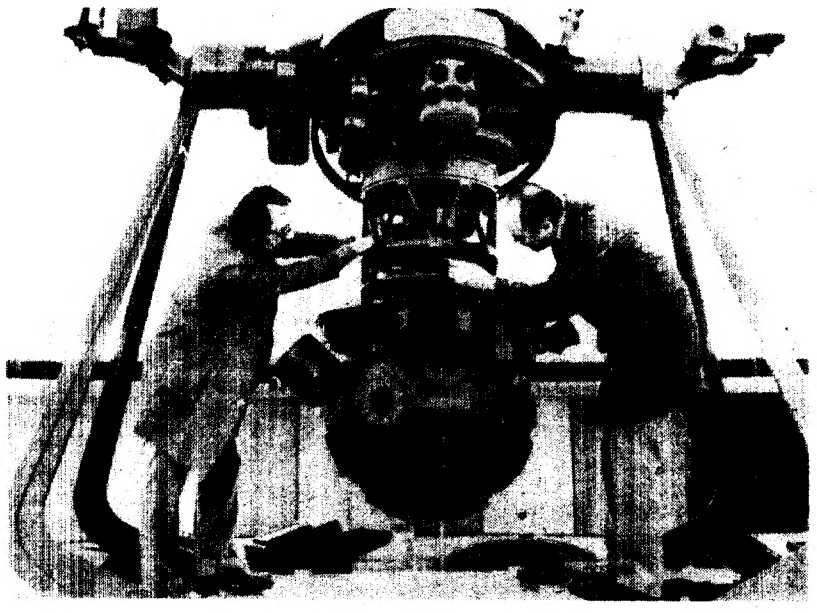
No fim de uma vida de luta por um nome e umas jóias, talvez Anna Anderson, agora com 75 anos de idade, consiga provar que é Anastásia, filha do último czar da Rússia. Primeiro na Alemanha, depois nos Estados Unidos, Anna Anderson não tem descansado. Sem êxito. Agora, porém, um perito alemão de medicina legal, realizou um estudo, com base na comparação anatómica da orelha direita de Anna com a da princesa russa. Ora esse estudo faz sobressair 17 pontos comuns, quando bastam 12 para uma identificação. A velha senhora pode pois estar em vésperas de ser reconhecida como filha de Nicolau.

NOVIDADES EDITORIAIS

Uma editora da RDA lançou o primeiro volume da história marxista da Antiguidade Grega e Romana. O segundo volume, que será publicado no próximo ano, trata da Roma antiga, enquanto a primeira parte foca essencialmente a Grécia.

De Tóquio chega, entretanto, a notícia de que foi posto à venda, com grande apoio publicitário, o V Volume das Obras Completas de Mao Tsé-Tung, no qual se incluem os seus escritos desde 1949 até ao fim de 1957.

O lançamento deste volume das Obras de Mao foi acompanhado de programas especiais de Rádio e TV, e reuniões públicas para preparar a população para o acontecimento.



MODERNO PLANETÁRIO

Ainda esté mês, será inaugurado em Estugarda, no recinto da Exposição Federal de Jardinagem a realizar este ano, o planetário mais moderno do mundo. Neste momento os técnicos-peritos estão ainda ocupados com a montagem e ajustamento da aparelhagem que pesa toneladas. Esta maravilha técnica, construída por uma firma óptica de Oberkochem, mede 5 metros de altura e é compa por mais de 30 000 000 partes: 14 motores de propulsão, 170 rodas destadas e molas helicoidais bem como 230 rolamentos possibilitam aos 150 projectores a posição desejada. Na cúpula do plenário poderão ser projectadas simultaneamente cerca de 9000 estrelas fixas, bem como todo o tipo de projecções.

Perspectivas económicas da OCDE

10

Na Itália e no Reino Unido, as deslocações positivas das taxas de juro não cobertas a prazo atingiram elevados níveis. Mas as desvalorizações mais importantes, praticadas em relação a quase todas as moedas fracas — e que ultrapassavam, em geral, as diferenças não cobertas — indicavam, até agora, que os mercados de câmbios se mantinham sensíveis. Não há dúvida que esses movimentos divergentes das taxas de câmbio são, no essencial, atribuíveis às diferenças entre as taxas de inflação nacionais. O que é preocupante é o facto das desvalorizações monetárias — e a alta dos produtos importados — tornarem mais difícil a estabilização dos preços nos países em que a situação não é a melhor.

OS PROBLEMAS DE POLÍTICA ECONÓMICA

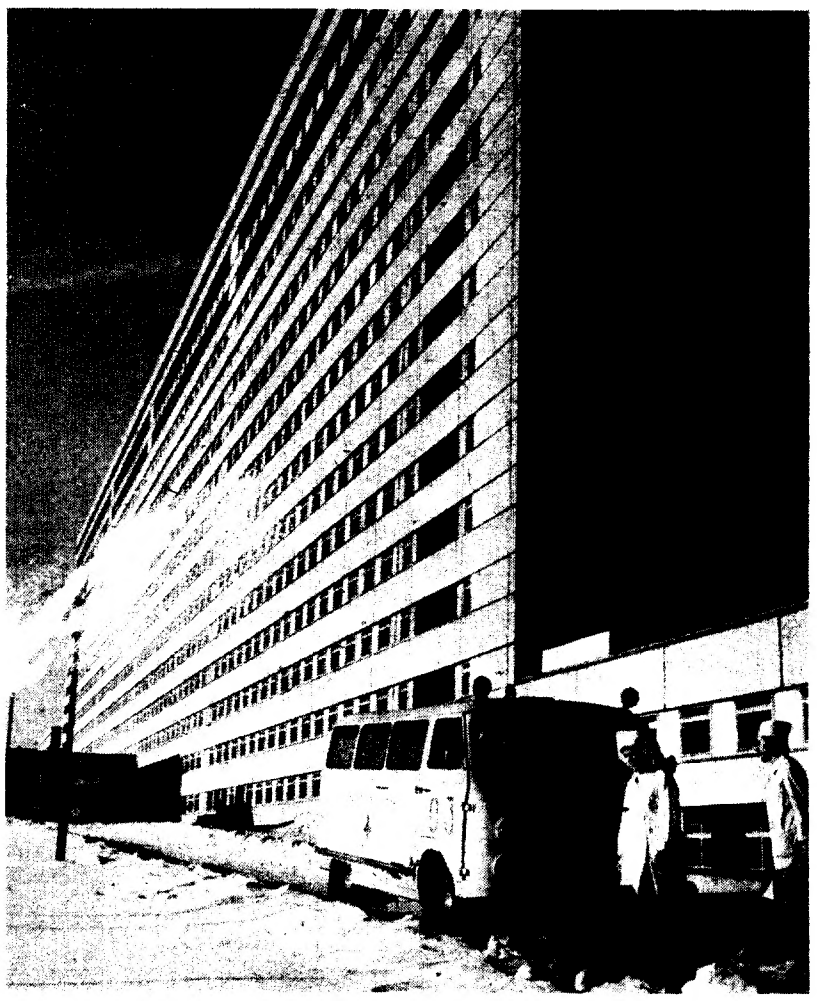
Com base nas previsões apresentadas acima, é necessário constatar que a política económica se defrontará com três grandes problemas, no decurso dos próximos doze meses:

A taxa de inflação, ainda que sofrendo uma desaceleração, manter-se-á elevada na maioria dos países.

A expansão da actividade poderá ser insuficiente para permitir a redução do desemprego. Eos investimentos, de que a maior parte dos países necessita para suprir as carências dos últimos anos e poder fazer frente aos problemas dos que se aproximam, só se concretizarão muito lentamente.

As diferenças dos resultados económicos dos diversos países manter-se-ão significativas. O grande problema da política económica é o de conseguir reduzir a diferença entre o comportamento dos países que obtêm, respectivamente, os melhores e os piores resultados, sem comprometer os primeiros.

Se queremos ver uma tal diferença diminuir, é antes do mais necessário que os governos dos países em que a situação deixa a desejar apliquem políticas de estabilização rigorosamente adequadas. Isso pressupõe medidas severas de restrição à procura interna, completadas, se possível, com dispositivos que travem o crescimento dos rendimentos, até que o aumento dos custos seja reduzido e que as exportações líquidas se tornem o motor da recuperação. Tal acção pode apresentar dificuldades de ordem política e, por isso, haverá grande tentação para recorrer às soluções mais acessíveis, constituídas por medidas de protecção gerais ou sectoriais. Nunca será de mais insistir na necessidade de não ceder a tais tentações e de respeitar os princípios que levaram à adopção, em 1974, da Declaração das Trocas Comerciais da OCDE, num mundo em que **todos** os países estão a braços com problemas de desemprego e onde são poderosos os partidários do proteccionismo. A adopção, por parte de um país mal situado economicamente, de medidas especiais em relação às trocas comerciais, complicará imediatamente a tarefa de outros países membros, igualmente fracos; e em tal caso, será difícil evitar medidas de retaliação.



O MAIOR HOSPITAL DE MOSCOVO

Este é o maior hospital de Moscovo, um edifício de 17 andares, com capacidade para 1.200 camas.

O novo hospital tem secções de reanimação, terapia intensiva, cirurgia, cardiologia e outras, e bem assim um bloco especial para tratamentos de fisioterapia, equipado com um sector hidropático e um solário. As enfermarias, com isolamento sonoro, para um, dois ou quatro doentes, equipadas com frigoríficos, equipamento para tratamento médico junto à cama e sistemas de comunicação directa com as enfermeiras de serviço, são bem iluminados e dispõem de ar condicionado. Os médicos do hospital podem reunir-se com os seus colegas soviéticos ou estrangeiros, na sua própria sala de conferências, que dispõe de um cinema e de instalação para traduções.

OS NEGÓCIOS DO PETRÓLEO

As empresas petrolíferas «BP» e «Shell» mantêm relações comerciais com os regimes racistas da África do Sul e da Rodésia, desprezando, assim, as moções aprovadas nas Nações Unidas e as exigências da opinião pública mundial.

Um representante do movimento contra a política do Apartheid informou o correspondente da Tass que aqueles dois monopólios venderam aos sul-africanos mais de 40 por cento dos produtos petrolíferos consumidos por esse país. Entretanto, por intermédio das suas filiais na África do Sul, fornecem petróleo ao regime rodesiano.

Recorde-se que o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, anunciou recentemente que o Governo decidiu criar uma comissão para analisar se a BP e a Shell fornecem, realmente, os racistas sul-africanos. Em Londres, considera-se que esta decisão governamental de efectuar um inquérito sobre um assunto conhecido pelas autoridades, não é senão uma tentativa de induzir em erro a opinião pública mundial, tanto mais que representantes governamentais fazem parte da Administração da BP.

EXCLUSIVO
Nº 11 / 77